



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

MARINA VIEIRA DE OLIVEIRA

**FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO MUSEU DA CULTURA CEARENSE:
FUNDAMENTOS, MÉTODOS, INSTRUMENTOS E PRÁTICAS**

FORTALEZA - CEARÁ

2019

MARINA VIEIRA DE OLIVEIRA

FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO MUSEU DA CULTURA CEARENSE:
FUNDAMENTOS, MÉTODOS, INSTRUMENTOS E PRÁTICAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Orientador: Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales

FORTALEZA – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Oliveira, Marina Vieira de.

Formação de educadores do Museu da Cultura Cearense: fundamentos, métodos, instrumentos e práticas [recurso eletrônico] / Marina Vieira de Oliveira. - 2019.

1 CD-ROM: 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 136 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Educação.

Orientação: Prof. Dr. José Álbio Moreira de Sales.

1. Formação de educadores. 2. Educação Museal. 3. Mediação. I. Título.

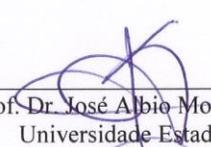
MARINA VIEIRA DE OLIVEIRA

FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO MUSEU DA CULTURA CEARENSE:
FUNDAMENTOS, MÉTODOS, INSTRUMENTOS E PRÁTICAS

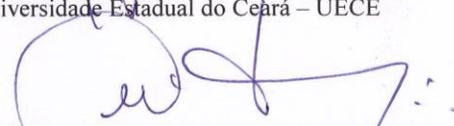
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Aprovada em: 17 de junho de 2019.

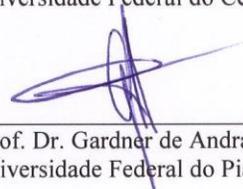
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Elvis de Azevedo Matos
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Gardner de Andrade Arrais
Universidade Federal do Piauí – UFPI

AGRADECIMENTOS

No ano de 2013, a experiência de ser uma das jovens escolhidas para representar o Brasil na Jornada Mundial da Juventude, na Espanha, me fez viver momentos de intensa aprendizagem, dentre eles um me marcou profundamente. Diante do cenário de moinhos do povoado de Campo de Criptana, local em que se passa a história de Dom Quixote, ouvimos a máxima designada a Antístenes: “a gratidão é a memória do coração”. Por meio dessas palavras eu rememoro o tempo vivido e relembro as pessoas que me auxiliaram durante o percurso do Mestrado, antes mesmo de iniciá-lo, pois sou grata a esse tempo, a essas experiências e às pessoas que marcaram essa época. Carrego-as em fotografias repletas de sentimento, por meio de imagens impressas somente no coração.

Gostaria de agradecer, primeiramente, ao Divino, pela experiência de espiritualidade que passei nesse período. Por ver essa energia acolhedora se manifestar em auxílio e fortaleza, quando eu me julgava fraca e incapaz de prosseguir, revelar-se em criatividade, concentração e companhia amiga nos momentos de solidão da escrita, tive a certeza de ser uma filha amável e amada. Sou grata.

Aos meus pais, Cláudio Almeida de Oliveira e Terezinha dos Anjos Vieira, que jamais cortaram minhas asas impedindo meus voos e dentre os quais estava a decisão pela Educação. Ao contrário, eles me incentivaram a um abrir asas repleto de alegria e ousadia. Agradeço em especial à minha mãe, Terezinha, que, ao ser comunicada da escolha pelo curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará, me fez o seguinte pedido: “Seja mais do que eu!” Somos graduadas em pedagogia, funcionárias públicas, alfabetizadoras, especialistas em arte-educação. Até então, tudo nos deixava em pé de igualdade, porém, a conclusão do mestrado me fez cumprir a promessa a ela feita. Não poderia também deixar de registrar que, desde a infância, minha mãe sempre me lançou desafios, fazendo com que eu descobrisse que sou forte, maior e melhor do que eu poderia imaginar. Sou grata.

Aos familiares e amigos que estiveram todo esse tempo me incentivando, em especial à prima Deusivânia Falcão, que, com sua positividade, sempre enxergou o melhor para mim na carreira acadêmica. Ela trouxe novidades, oportunidades de estudos, não

economizou em conselhos, me auxiliou na escrita do primeiro projeto submetido à seleção do mestrado, por meio do qual eu consegui uma vaga como aluna especial, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará, minha primeira experiência no Mestrado Acadêmico em Educação. Sou grata.

À minha tia Vilani Vieira, que, juntamente com seu irmão mais velho, meu tio Raimundo Vieira, fundaram a primeira escola do bairro em que hoje resido, o Educandário Jardim das Oliveiras. Isso marcou minha ancestralidade, o meu amor pela Educação e a confiança na transformação do ser humano e da sociedade por meio da conquista do saber. Venho, portanto, de uma família de professores. Recordo também as palavras de incentivo de minha tia quando me chamava de estrela: “brilha estrelinha”, deixando sempre, em sua passagem por minha casa, uma bênção, um mantra, uma oração diferente. Dentre elas, uma eu escrevi na primeira página do diário de bordo que me acompanhou durante todo o percurso do mestrado: “Maria, passa na frente e resolve o que sou incapaz de resolver”. Por tudo isso, sou grata.

Ao trio de amigos Stephanie Barros, Cristiane Abreu e Welton Lima, que me acompanharam durante todo o processo de seleção, sempre atentos ao edital, aos prazos, a cada fase, somando pontos e torcendo por minha aprovação. Eles me auxiliaram na escrita do projeto de pesquisa e me orientaram com dicas preciosas. Dessa forma, minha aprovação se deu de maneira coletiva, formamos uma linda equipe. Obrigada, sobretudo ao cuidado e carinho de Welton Lima, em forma de cobranças e dicas, pois me fizeram despertar para seguir o caminho da escrita. Ele foi um verdadeiro companheiro de conquistas acadêmicas. A todos, sou grata.

Aos amigos que fizeram parte da minha fase escolar no Colégio Jenny Gomes, Ícaro Souza e Elizandro Anjos, os quais tornei a encontrar trabalhando no Museu da Cultura Cearense, local em que se desenvolveu esta pesquisa de mestrado. Os dois sempre foram solícitos, esclarecendo minhas dúvidas, trazendo a perspectiva de quem exerce o trabalho cotidiano do Museu. Estendo este agradecimento a todos que compõem o Museu da Cultura Cearense, em especial aos que fazem parte do Núcleo de Ação Educativa, no qual acompanhei as atividades, porque foi o meu objeto de pesquisa. Sou imensamente grata.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales, por todos os ensinamentos e exemplo profissional. Ele gostava de citar a professora Socorro Lucena em suas orientações, por isso, com ela, aprendi que aquilo que marca um professor em seus alunos não é o conteúdo das disciplinas, mas lições de vida trazidas. A partilha da trajetória de vida profissional do professor José Albio me marcou e me incentivou na conquista do título de Mestre e foi capaz de favorecer o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico. Sou grata a ele.

Aos professores avaliadores, no momento de qualificação deste trabalho e na formação de minha banca, Ana Cristina Moraes e Gardner Arrais. Admiráveis são os vossos olhos ávidos de professores, que, no olhar minucioso sobre a escrita alheia, me permitiram entender e me aproximar ainda mais do meu objeto de pesquisa. Também estendo agradecimentos ao grupo IARTEH e a todos os integrantes, pois sempre trouxeram preciosas reflexões acerca da arte. Dentre eles, destaco a professora Tânia França e Mateus Bonie, que acompanharam e torceram pelo sucesso deste trabalho, e os meus colegas de Mestrado, turma 2017, meus companheiros de aprendizagens. Também a todos do PPGE. Sou grata.

Também estendo agradecimentos ao grupo IARTEH e a todos os integrantes, pois sempre trouxeram preciosas reflexões acerca da arte. Dentre eles, destaco a professora Tânia França e Mateus Bonie, que acompanharam e torceram pelo sucesso deste trabalho, e os meus colegas de Mestrado, turma 2017, meus companheiros de aprendizagens. Também a todos do PPGE. Sou grata.

À Secretaria Municipal de Educação de Maracanaú, que esteve solícita às minhas necessidades, mesmo sem conceder o afastamento para cursar o mestrado. Agradeço a compreensão dos diretores e coordenadores que me acompanharam durante o período de estudos e fizeram o possível para que tudo se desenvolvesse a contento, em âmbito escolar e universitário. Aos companheiros de trabalho que me incentivaram, em especial Neide Sena, Silvia Cavalcante, Rita Sobreira e Lene, esta que sempre dizia sobre minha passagem em Maracanaú: “é só uma chuva”. Sou muito grata.

Obrigada a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste sonho!

RESUMO

Esta dissertação tem como objeto de pesquisa o trabalho de formação de educadores museais realizado no Museu da Cultura Cearense. Tem por base documentos oficiais, depoimentos e práticas dos sujeitos envolvidos no processo. Parte do pressuposto que, para se compreender a educação museal, é necessário um olhar atento para os processos formativos dos mediadores e para as práticas cotidianas desses sujeitos. Como aporte teórico sobre Educação Museal, utilizamos Telles (1997), Pereira (2007), Braga (2017) e Cury (2013). Sobre Formação e Educação, utilizamos Freire (1996), Libâneo (1988) e Tardif (2014). Do ponto de vista da metodologia, a investigação caracteriza-se como pesquisa qualitativa, na modalidade estudo de caso. A amostra foi composta por oito sujeitos: quatro educadores que atuavam no momento da realização do estudo e quatro ex-educadores. Analisamos a formação deles, considerando as experiências em andamento dos que se encontram em formação no MCC e dos que já concluíram e atuam como educadores em outros espaços culturais e educativos. Como achado, sinalizou-se, tanto nos que se encontram em formação, quanto nos egressos, a adoção de princípios de uma educação crítica, reflexiva, baseada no diálogo, fruto das aprendizagens em Educação Museal. Como fontes documentais, utilizamos os documentos oficiais do MCC, dentre os quais, o Plano Museológico do Memorial da Cultura Cearense, documento que exerce grande influência no planejamento dos trabalhos do Núcleo de Ações Educativas. Além dele, utilizamos orientações do Caderno da Política Nacional de Educação Museal, produzido pelo Instituto Brasileiro de Museus. Constatou-se que na busca da formação de seus educadores o MCC propõe diversas atividades, que são a seleção dos educadores, os encontros formativos e avaliativos mensais, a preparação das mediações de acordo com cada exposição, os encontros com curadoria e artistas que irão expor, os cursos de acessibilidade e outros temas relevantes ao Museu, além daquilo que o próprio Instituto Dragão do Mar e o seu entorno oferecem em termos de experiências culturais. Dessas estas destacam-se a partilha de experiências entre educadores maduros e os mais novos, as vivências cotidianas das mediações e o trabalho com o público diversificado que frequenta o museu. Como aspectos conclusivos podemos afirmar que a

formação dos educadores do MCC indica que o contexto formativo no qual estão inseridos e as nuances que o permeiam influenciam na estruturação educacional de uma formação voltada à especificidade da Educação Museal.

Palavras chave: Formação de Educadores. Educação Museal. Mediação

ABSTRACT

This dissertation has like research object the training of museum educators held at the Museum of Culture of Ceará, based on official documents, testimonies and practices of the individuals involved in the process. Part of the assumption is that in order to understand museum education, a careful look at the formative processes of the mediators and the daily practices of these subjects is necessary. As a theoretical contribution on Museology Education we use Telles (1997), Pereira (2007), Braga (2017) and Cury (2013) on Formation and Education we use authors like Freire (1996), Libâneo (1988), Tardif (2014). From the point of view of methodology, research is characterized as a qualitative research in the case study modality. The sample consisted of eight subjects: four educators working at the time of the study and four former educators. We analyze the training considering the ongoing experiences of those in training at the MCC, and those who have already completed training and currently act as educators in other cultural and educational spaces. As a result, the adoption of principles of a critical, reflexive education based on dialogue, as a result of the learning in Museology Education, was signaled both by those in formation and by the graduates. As documentary sources, we use the official documents of the MCC, involving the Memorial Museological Plan of the Ceará Culture, a document that exerts great influence in the planning of the works of the Center of Educational Actions, as well as guidelines of the National Policy Book of Museum Education, produced by the Brazilian Institute of Museums. The MCC proposes several activities, from the selection of educators to the monthly training and evaluation meetings, the preparation of mediations according to each exhibition, meetings with curators and artists that will exhibit, courses accessibility and other themes relevant to the Museum, in addition to what the Dragon Institute of the Sea itself and its surroundings offers in terms of cultural experiences. These influences include the sharing of experiences between mature educators and the youngest, the daily experiences of mediations and the work with the diverse public that attends the museum. As conclusive aspects we can say that the formation of the MCC educators indicate that: the formative context in which they are inserted and the nuances that permeate it influence in the

educational structuring of a formation focused on the specificity of the Museological Education.

Keywords: Educator training. Museum education. Mediation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCDM	Centro Cultural Dragão do Mar
CNRC	Centro Nacional de Referência Cultural
IARTEH	Grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ISHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MCC	Museu da Cultura Cearense
MHN	Museu Histórico Nacional
PNEM	Programa Nacional de Educação Museal
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.1	OBJETIVOS.....	18
1.2	METODOLOGIA.....	18
1.3	ASPECTOS CONCEITUAIS.....	24
1.3.1	O museu em diálogo com suas diversas categorias de educação: formal, não-formal e informal	24
1.3.2	A Educação Museal e seus diferenciais.....	33
1.3.3	A formação dos educadores para a Educação Museal.....	40
1.3.4	Mediação cultural, histórico e importância.....	49
2	O MUSEU DA CULTURA CEARENSE: EDUCADORES E PRÁTICAS.....	56
2.1	O MUSEU DA CULTURA CEARENSE, SUA CONCEPÇÃO, LOCALIZAÇÃO E ESPAÇO FÍSICO.....	56
2.2	OS EDUCADORES MUSEAIS, SUA IMPORTÂNCIA E O INTERESSE PELO MUSEU DA CULTURA CEARENSE.....	68
2.3	O INGRESSO DO EDUCADOR MUSEAL NO MUSEU DA CULTURA CEARENSE.....	75
3	O TRABALHO COTIDIANO DO EDUCADOR MUSEAL.....	84
3.1	TRABALHO E FORMAÇÃO: APRENDER FAZENDO.....	95
4	MEDIAÇÃO NO MUSEU DA CULTURA CEARENSE: A EDUCAÇÃO QUE SE FAZ ATRAVÉS DO DIÁLOGO E DA ARTE-EDUCAÇÃO.....	109
4.1	MEDIAÇÃO E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO TRABALHO DE ARTE-EDUCAÇÃO DOS EDUCADORES DO MUSEU DA CULTURA CEARENSE.....	117
4.2	INFLUÊNCIAS E DIFICULDADES NO TRABALHO DO EDUCADOR MUSEAL	121

4.3	INFLUÊNCIAS DO TRABALHO COMO EDUCADOR MUSEAL NA FORMAÇÃO DOCENTE E EXPERIÊNCIAS PARA ALÉM DO MUSEU.....	126
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
	REFERÊNCIAS	134

1 INTRODUÇÃO

Discussões sobre ações formativas em espaços de educação não escolar são parte dos interesses do Grupo de Pesquisa Investigação em Arte, Ensino e História – IARTEH, o qual passei a integrar mesmo antes de vincular-me ao Mestrado em Educação. Vale salientar que no Grupo também se discute museologia, patrimônio, memória, ensino de arte, cultura e formação de professores, entre outros assuntos.

Foi o contato com essas temáticas que me levaram a escolher para projeto de dissertação um estudo sobre as ações formativas desenvolvidas no Museu da Cultura Cearense - MCC, equipamento cultural que integra o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Desde as primeiras visitas ao MCC percebemos que era visível a necessidade de investigar as ações educativas que envolvem o museu, especialmente no que se refere à formação de seus educadores, pois entendemos o museu como um espaço de desenvolvimento da educação, com a possibilidade de conhecimento da história e da arte. É um local que influencia o processo de formação de si e a construção da identidade do sujeito como educador museal.

As iniciativas formativas do MCC dirigidas aos educadores referem-se à necessidade de termos noção da nossa própria história e da relação das pessoas com o seu lugar, com a natureza, com a sua gente, com o seu patrimônio. A ideia popular de que só amamos aquilo que conhecemos revela, nesse contexto, a necessidade não só de dinamizar o acesso aos museus, mas também do “fazer apaixonar-se” por esse espaço e por todo o conhecimento que ele pode nos proporcionar. Através da formação dos educadores do museu - que são em sua maioria estudantes universitários - estes possam se tornar multiplicadores de uma Educação Museal que valoriza tais espaços, no momento presente em que esses sujeitos atuam na instituição, e, futuramente, como professores, junto aos seus alunos nas atividades escolares ou em outros locais aonde exercem suas profissões, pois nem todos os educadores advém de cursos de licenciatura.

Nesse processo, vimos a possibilidade de o ensino de Arte seguir para além da sala de aula e da formação universitária, pois, nas ações educativas, os educadores do MCC estão em contato real com aquilo que o Museu nos oferece em termos de cultura,

arte e estética. Constroem-se conceitos e práticas importantes no trabalho cotidiano do museu. Acervo, curadoria, acessibilidade, formação de exposições e ações educativas são voltadas para públicos diversos, o que revela a necessidade de uma versatilidade de conhecimentos, para que se possa atender aos diversos públicos do Museu.

As experiências de formação vividas a partir dos estudos promovidos pelo MCC acendem a inquietação da mudança nas ferramentas de construção dos saberes em torno da arte na escola e na universidade, principalmente no que se refere à troca de experiências com outros ambientes educativos de maneira que possam desprender-se de seus muros rígidos, reconhecendo outros espaços educativos da cidade como o museu, em detrimento de uma educação escolar que ainda se mostra, em muitos casos, baseada nas premissas jesuíticas das tarefas, do silêncio e da ordem, características com as quais a Educação Museal busca romper.

Para dar conta dos objetivos explicitados, nossa metodologia de trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa, na modalidade estudo de caso. Em termos conceituais,

o “estudo de caso qualitativo constitui uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto, selecionada segundo critérios predeterminados e, utilizando múltiplas fontes de dados, que se propõe a oferecer uma visão holística do fenômeno estudado” (MAZZOTTI, 2006, p.637)

No nosso caso, propomos uma investigação sobre a atuação do Museu da Cultura Cearense na formação de educadores que atuam como mediadores, reconhecendo-o como um ambiente formativo dos indivíduos, proporcionando aos sujeitos uma educação cultural, artística e museal. Para alcançar esse objetivo torna-se necessário descrever em que perspectiva pedagógica o planejamento de ações formativas do MCC contempla a formação dos educadores que atuam diretamente na Educação Museal.

Para integrar o elenco de sujeitos da pesquisa, teremos como critério de inclusão ser ou ter sido educador do Núcleo de Ações Educativas do MCC. Como amostra, elegeremos quatro educadores que fazem parte da equipe atual do Núcleo de Ações Educativas e quatro ex-educadores, ou seja, que já atuaram no MCC e hoje, egressos,

atuam em outros espaços. Dessa maneira, poderemos perceber as influências dos conhecimentos adquiridos na atuação desses educadores no Museu e em outros espaços educativos, visto que participarão da investigação aqueles atuantes e egressos. Analisaremos dois tempos de formação, um em andamento e outro já concluído, para que possamos perceber a importância desse processo. Ainda quanto aos educadores, é necessário compreender como eles reconhecem a influência do aprendizado das ações educativas em seu planejamento e atuação no museu.

As fontes de pesquisa baseiam-se nos dados de documentos oficiais do MCC, envolvendo o Plano Museológico do Memorial da Cultura Cearense, além do acompanhamento dos planejamentos das ações educativas, bem como de basear-se nas entrevistas com os educadores atuantes e egressos do MCC e a colaboração do coordenador do Núcleo Educativo. Em seguida, será realizado um tratamento qualitativo das informações levantadas, de forma a compor os tópicos do texto, abordando a história de criação do MCC e seu envolvimento com a formação de educadores.

Na escolha do local de pesquisa, o Instituto Dragão do Mar - IDM, em Fortaleza, Ceará, se mostrou o campo de investigação ideal, pois é um polo cultural que abriga, além de cinema, teatro, galeria de artes, dentre outros espaços, possui também o Museu de Arte Contemporânea e o Museu da Cultura Cearense, dispondo de ambientes e programações formativas para interessados no campo da Arte. Neste trabalho, abordaremos especificamente a formação voltada aos educadores do Museu da Cultura Cearense -MCC.

Diante da realidade problematizada anteriormente, a prática museológica desperta sentimentos e emoções em seus processos investigativos, apresentando uma alternativa de aprendizagem que se diferencia do contexto limitado já apresentado. Braga (2017, p.59) nos fala de uma educação da sensibilidade, que é provocada por informações exteriores ao corpo no momento em que o homem é lançado ao mundo constituído por sons, cores, odores, gostos e formas, em uma relação com os saberes sensíveis, no conhecimento tácito e na capacidade de perceber as sensações.

A aprendizagem desenvolvida nas formações do museu demonstram outra maneira de relacionar-se com o mundo e dessa forma produzir conhecimento, unindo

história, patrimônio, arte-educação, Educação Museal, em um trabalho cotidiano, que envolve o estudo teórico e a prática, construindo o conhecimento. Este, através das emoções, no despertar de sentimentos, como destaca Duarte Júnior (1988, p75): “Portanto, no ato de conhecer o mundo não é possível separar-se os sentimentos das construções discursivas da linguagem. Antes é preciso que se reconheça que são os sentimentos que guiam a razão”.

No trabalho com o público e com a arte, no Museu é proporcionada uma aprendizagem que busca ir além da memorização de conteúdos e datas, mas caminha à reflexão de cada espaço-tempo dos fatos ali expostos, de forma que, ao olhar a nossa história através das exposições, seremos capazes de dizer tudo o que já foi sentido como importante, de maneira que a razão encontre, no despertar do sentimento, a sua forma de ser e de produzir conhecimento. Braga (1017, p. 60) conclui que os museus podem se constituir como ambientes formativos para uma educação sensível, ética e estética, uma vez que essas instituições são espaços privilegiados para ver, ouvir, sentir e partilhar.

Podemos também identificar nesse processo a construção de identidade, gostos, estímulos, expressões, a abertura à novas experiências etc., ou seja, o conhecimento gerado no museu envolve história, memória afetiva e reflexão sobre a nossa realidade. Extrai-se desse processo a diferenciação entre uma aula em sala convencional e a mediação, pois, no museu, como uma ferramenta de aprendizagem, faz-se mediação prezando pela participação do aluno e a partilha de conhecimentos.

No processo de mediação, o conhecimento é formado a partir da percepção estética, dos sentimentos, da memória de experiências vividas, fazendo uma relação entre pessoa e objeto, sem que haja subordinação de um pelo outro, na intenção de compreender o mundo e de se compreender. É um conhecimento vivo, experimentado, como exemplifica Duarte Junior (1988, p. 93): “na experiência estética, os meus sentimentos descobrem-se nas formas que lhe são dadas, como eu me descubro no espelho. Através dos sentimentos identificando-nos com o objeto estético, e com ele nos tornamos um”.

Essa necessidade de reconhecer o seu lugar no mundo, na comunidade em que vive, por meio da responsabilidade para com ela, através do conhecimento da nossa

cultura exposta nos museus legitima a existência de uma coordenação de ações educativas no Instituto Dragão do Mar, mais especificamente nos museus, formando jovens e professores mediadores de diferentes áreas que se interessaram pelo museu como espaço histórico-educativo. Além da urgência no cumprimento da mais nova política pública voltada ao setor de museus brasileiros, a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), oficializada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), através da publicação da Portaria Nº 422, de 30 de novembro de 2017, criada em debate com diversos setores organizacionais de museus. Isso significa uma conquista para a Educação Museal, fortalece o campo museal brasileiro, e dá ênfase à dimensão educativa dos museus.

1.1 OBJETIVOS

Geral:

- Compreender o trabalho de formação de educadores museais realizado no Museu da Cultura Cearense, tendo por base documentos oficiais, depoimentos e práticas dos educandos.

Específicos:

- Caracterizar as ações formativas do MCC no contexto da Política Nacional de Educação Museal;
- Descrever ações educativas realizadas no MCC que contribuem para a formação de seus educadores;
- Discutir de que forma o interesse pela identidade do MCC e as condições de trabalho interferem na formação dos educadores.

1.2 METODOLOGIA

Diante do resgate histórico das correntes filosóficas que formam as bases da produção científica, é perceptível a existência de uma evolução do pensamento, frente às necessidades e urgências da pesquisa social. Nesse caso em questão, a pesquisa em

Educação que não desmerece nem desqualifica métodos, ao contrário, exige deles o melhor de cada um em suas especificidades para estudar o objeto, é feita de forma que favoreça a produção de conhecimento, seu intuito principal.

Nesse sentido, existem diferenças entre conhecer o processo educacional do Museu da Cultura Cearense “por conhecer”, e conhecê-lo numa perspectiva acadêmica para contribuir com o aprimoramento de seus processos formativos. A escolha pela segunda opção é tarefa que exige uma sistematização específica, que envolve metodologia, estudo, dedicação e reflexão.

Um momento crucial dessa sistematização para a produção científica é a escolha da metodologia utilizada tanto para o entendimento do pesquisador, em termos de alcance e limites da abordagem adotada, quanto para o entendimento do leitor deste texto. Na metodologia demonstram-se quais caminhos foram utilizados, promovendo o entendimento da pesquisa na totalidade e, principalmente, esclarecendo como se chegou aos resultados.

Mesmo passando por um tardio reconhecimento (final dos anos 1960), a metodologia qualitativa em Educação já possuía uma longa e rica tradição em outras áreas de pesquisa científica, o que auxiliou os investigadores em Educação (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.19). Esses se aproximaram da pesquisa qualitativa na ânsia de compreender, com riqueza de detalhes, os sujeitos no seu ambiente natural, obtendo a perspectiva pessoal dos sujeitos investigados. Caracteriza-se como pesquisa qualitativa aquela em que o investigador frequenta os locais onde se verificam os fenômenos nos quais está interessado e recolhe dados baseados no comportamento das pessoas (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.17), como podemos verificar no trecho que se segue:

As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural. Ainda que os indivíduos que fazem investigação qualitativa possam vir questões específicas à medida que recolhem os dados, abordagem à investigação não é feita com o objetivo de responder às questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (...). Recolhe normalmente os dados em função de um contato aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.16).

As afirmativas acerca da pesquisa qualitativa nos fazem perceber os caminhos que a dissertação irá percorrer, pois, entre a pesquisa e a metodologia qualitativa, é possível elencar uma série de aproximações que legitimam a escolha: cultura, cotidiano, oralidade, o indivíduo em seu contexto natural, perspectiva pessoal dos indivíduos, influência de conhecimento entre objeto e pesquisador, dentre outros fatores semelhantes.

Este estudo consiste numa pesquisa de abordagem qualitativa, educacional, na modalidade estudo de caso, pois o interesse nessa modalidade incide no que o objeto “tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações” (LÜDKE, 2017, p. 20). O estudo de algo singular ou que tenha um valor em si mesmo requer a escolha do estudo de caso, como esse estudo acerca da formação dos educadores do Museu da Cultura Cearense.

A pesquisa não isola o sujeito dos objetos de análise, ao contrário, estes “estão em continua e dialética formação, evoluem por contradição interna, não de modo determinista, mas como resultado da intervenção humana mediante a prática” (GHEDIN, 2011, p.118). Os sujeitos envolvem-se, portanto, com o cotidiano das ações humanas, em seu trabalho e educação. Por tanto, o acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos educadores, o seu cotidiano de trabalho e formação se tornam cruciais para perceber os elementos que os formam.

Para uma melhor percepção do trabalho desenvolvido no cotidiano do Núcleo de Ação Educativa do MCC, a pesquisa em campo é imprescindível, a fim de entender a dinamicidade entre os atores envolvidos na pesquisa (educadores do MCC), as diversas relações com os núcleos que formam o museu (coordenação, gerência, diretoria, visitantes do museu) e as particularidades do local pesquisado (espaço físico, exposições e eventos). Ela se aplica, porque “a pesquisa qualitativa procura capturar condições da vida real, adotando a perspectiva das pessoas que fazem parte destas condições” (YIN, 2016, p.59), desse modo, a pesquisa de campo consiste numa rica fonte de coleta de dados.

A partir das visitas, nas quais se pode identificar o quantitativo de pessoas que participariam da pesquisa, surgiu também o interesse e a necessidade no trabalho de campo. Isso se deu com o objetivo de acompanhar as mediações realizadas entre os

educadores do Museu e o público visitante, durante as visitas guiadas nos eventos promovidos pelos próprios educadores do museu. Para tanto, contou-se com o auxílio da coordenação educativa nos eventos, em especial na Primavera dos Museus, que envolveu a participação de diversos museus e demais interessados no campo museal.

Durante esses momentos foram realizadas entrevistas, estudo do local, observação de mediações e reuniões com educadores que fazem parte do cotidiano de trabalho deles, registrando no diário de campo informações importantes a serem analisadas com calma e maior precisão após a estadia em campo.

Adotamos, na metodologia de realização desta pesquisa, a utilização do estudo bibliográfico, dando suporte referencial para o entendimento das categorias de pesquisa (Educação Museal, Mediação e Formação de Professores) e para o desenvolvimento dos capítulos. Como procedimentos para coletas de dados, utilizamos a pesquisa de campo com observação participante, entrevistas, coleta de depoimentos, fotografia e vídeos.

Com a necessidade de estimular a coleta de informações para prover um melhor entendimento das proposições do trabalho, utilizamos questionários e entrevistas abertas e semiestruturadas. Fez-se necessário também que estivéssemos com frequência no museu para observar a complexidade do seu cotidiano educativo. Nas palavras de Almeida (2009), podemos perceber a importância dessa análise:

Ocupar-se da vida cotidiana supõe trabalhar com o real, com sua complexidade e com seu processo contínuo de transformação (...). É na vida cotidiana que os homens se apropriam de usos, práticas e concepções; no cotidiano, o sujeito adquire relevância com seus saberes e suas práticas, com conteúdos e sentidos diversos e, em geral, contraditórios que dá a eles (ALMEIDA, 2009, p. 24).

Vale ressaltar que consideramos o cotidiano como solo de rebatimento de todas as atividades humanas. Conforme Lukács (1982), as necessidades humanas surgem no cotidiano, há um processo de elevação pelo complexo da Ciência, da Arte etc. O desenvolvimento desses complexos permitirá um cotidiano enriquecido. E é nas atividades cotidianas do museu que se dá a formação dos seus educadores que consiste essa pesquisa.

Quanto às entrevistas, estas ocorreram em momentos diferenciados, pois, durante a pesquisa de campo, tivemos acesso aos educadores atuantes do museu e à

coordenação do Núcleo de Ações Educativas. Para alcançar os educadores egressos, foi necessário entrar em contato com os mesmos, a fim de viabilizar o procedimento da entrevista individualmente.

Quanto ao uso do questionário, este foi elaborado no decorrer da experiência de campo, de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, sendo utilizado de maneira produtiva para coleta de dados que proporcionasse esclarecimentos e sanassem dúvidas surgidas com o tempo. Esse processo foi aprimorando, redefinindo ou descartando algumas constatações, havendo a reflexão sobre as narrativas dos entrevistados, incorporando ao texto o que elas revelavam acerca da formação no Museu da Cultura Cearense, deixando claro o objetivo de estudo.

Segundo Muylaert (2014, p.194), as entrevistas narrativas, ferramentas não estruturadas, possibilitam nos aproximar das histórias de vida dos entrevistados e do contexto situacional. Dessa forma, acontece encorajando-os a falarem sobre momentos marcantes das experiências vividas no Museu, de maneira a tornarem familiares os fatos ocorridos, contextualizando as histórias e o local em que elas acontecem.

As respostas foram tratadas de forma confidencial, garantindo o anonimato dos educadores entrevistados. No decorrer deste trabalho as falas são incorporadas ao texto, sustentando ou discordando do que foi observado durante as visitas ao museu. Para que se mantenha o ritmo e facilite a leitura do texto, as falas curtas serão grafadas em itálico, as falas mais longas serão destacadas do texto. Em ambas as situações, elas estarão identificadas através do nome educador e do número de ordem. As entrevistas e questionários, certamente, nos auxiliaram a perceber o cotidiano educativo do MCC.

Durante todo o processo desta fase inicial da pesquisa foi usado um diário de campo, com anotações e observações feitas no museu, além de reflexões sobre o que foi vivenciado, a fim de contribuir para a escrita do texto. Segundo Yin (2016, p.156), “existe uma outra atividade de escrita paralela aos processos de coleta de dados (e outros) em um estudo investigativo. Ela envolve a manutenção de um diário pessoal, capturando seus sentimentos e reflexões sobre seu trabalho de pesquisa”. Sendo assim, esse diário de campo foi de bastante relevância ao detalhamento do estudo, à formação das reflexões pessoais, configurando uma importante fonte de informações para a produção desse texto.

Após os dados coletados, seguiu-se uma parte importante do processo, a descrição e análise interpretativa do conteúdo: “a comparação entre os diferentes tipos de dados apresentados e a sistematização dos mesmos é o conjunto de atividades a que se faz referência quando se fala da etapa da *análise de dados*” (MOROZ, 2002, p.18). Com a visão crítica dos resultados percebidos, na tentativa de encontrar resposta aos problemas colocados, foram elencados os capítulos para a dissertação trazendo uma organização aos dados coletados, possibilitando uma conclusão.

No primeiro capítulo refletimos, com base em referenciais teóricos, sobre categorias da educação formal, não-formal e informal, com as quais o museu se relaciona. Além disso, ocorreu a definição de conceitos importantes ao desenvolvimento e entendimento desse trabalho, como de Educação Museal, de mediação cultural e a relação desta com o museu e formação dos educadores museais do MCC.

Seguimos no segundo capítulo “Conhecendo o Museu da Cultura Cearense”, a partir do seu Plano Museológico, de maneira que se materializasse a ideia trazida pelo Plano Museal e se mostrasse o Museu em seu cotidiano, diferenciando o que o define na teoria e o que se desenvolve na prática. Também conheceremos os educadores elencados neste trabalho, detalhando como se envolveram no trabalho museológico e analisando o que desenvolvem no museu ou em outros espaços, atualmente.

Feitas essas descrições, buscamos, no terceiro capítulo, conhecer e entender as ações educativas do MCC, sua composição, dinâmica e finalidades - desenvolvidas, tanto do Núcleo de Ações Educativas para os educadores, quanto destes para o público – contextualizando, do ponto de vista prático, o trabalho exercido através da mediação. Falaremos da necessidade da formação dos educadores, por parte do MCC, e a evidência dos conhecimentos adquiridos pelos educadores, que influenciam em seus trabalhos atuais.

A conclusão descreve em que perspectiva pedagógica o planejamento das ações educativas do MCC contempla a formação dos educadores que atuam diretamente na Educação Museal. A proposta é entender como os educadores estabelecem a relação entre museu e formação, fazendo uma análise de como as formações e as práticas museais colaboram para sua atuação. Concluindo em que direção se dá a formação de professores

no MCC, confirmando ou não as hipóteses anteriores, trazendo à tona aspectos que ficaram sem respostas, e questões surgidas durante a pesquisa que merecem novos estudos a serem realizados, alcançando assim o objetivo deste trabalho.

Esse estudo torna-se relevante, diante das amplas discussões em torno da Educação Museal, que culminaram recentemente, no ano de 2017 na composição da Política Nacional de Educação Museal, e que, embora seja uma discussão que vem sendo construída ao longo dos últimos vinte anos, ainda está sendo formulada formalmente, diante da proposição de um setor educativo para os museus.

A presença do setor educativo é uma necessidade, mas nem todos os museus têm disponibilidade de pessoal em seu quadro de profissionais. Esse serviço se tornará obrigatório, sendo necessária a adaptação dos museus e do quadro de funcionários que os compõem. O objetivo é uma formação direcionada à Educação Museal, o que traz destaque ao Museu da Cultura Cearense, um dos pioneiros na formação de educadores para museus e que consegue manter essa formação atualmente.

Uma das maiores dificuldades sentidas para que haja uma formação sistematizada é a escassez de estudos que possam definir características da Educação Museal e dos seus processos comunicacionais e educacionais, tornando-se imprescindível a inserção de pesquisadores da educação nos museus, como uma forma de fortalecer e contribuir nessa área.

1.3 ASPECTOS CONCEITUAIS

1.3.1 O museu em diálogo com suas diversas categorias de educação: formal, não-formal e informal

Em suas atividades formativas, o museu, como um espaço de encontro, favorece a troca de experiências e vivências, contribuindo para a formação cidadã e auxiliando no processo de diversas aprendizagens. Isso acontece por intermédio da experiência que é compartilhada entre os indivíduos que ali estão presentes, por meio de suas leituras de mundo, o que se destaca como uma nova maneira de aprender, diferente da presente em sala de aula e na formação universitária.

Com o intuito de responder ao objetivo constituído para essa fase, a proposta é caracterizar as ações formativas do MCC no contexto da Política Nacional de Educação Museal. Para tanto, refletiremos, com base em referenciais teóricos, sobre as categorias da educação formal, não-formal e informal com as quais o museu se relaciona, além de definirmos conceitos importantes ao desenvolvimento e entendimento desse trabalho. São eles a Educação Museal, a mediação cultural e a relação delas com o museu, e a formação dos educadores museais.

Em um movimento constante de ensino-aprendizagem, por meio das diferentes experiências construídas e do contato dos educadores participantes das formações do Museu da Cultura Cearense, ocorre uma modificação na relação dos mesmos com esse espaço, estabelecendo uma nova relação, uma nova maneira de olhar a arte e a cultura popular ali expostas. Isso é reverberado na valorização da arte e na produção de novos públicos.

Como salienta Makowiecky (2008, p. 37): “tão importante como conhecer e vivenciar a arte é compreendê-la no espaço/lugar/tempo culturalmente construído”. O Instituto Dragão do Mar deixa de ser um local somente turístico e de lazer para ser também um local educativo e de trabalho, com todo o conhecimento específico necessário para que os educadores do MCC exerçam a sua função.

Segundo os autores Trilla e Elie (2008, p. 29), “a educação é um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente”. Ela existe na escola, família, bibliotecas, museus, cinema, jogos e brinquedos, mesmo sem a intenção de ser educativo ou didático. Já que possui essa complexidade, de qual educação estamos falando?

Especificamos, nesse caso, que o trabalho de formação de educadores no MCC contribui no processo de desenvolvimento pessoal e social, organizando e consolidando aprendizagens, partindo do autoconhecimento para o processo de tomada de consciência de si, de sua história e de sua cultura, através dos elementos utilizados em sua composição didática. Essa é uma ideia também defendida por Cândido (2007, p.3): “Hoje se compreende a cultura como criadora das condições necessárias para o desenvolvimento e a preservação cultural como fator indispensável à qualidade de vida.

A museologia contribui especificamente nessa área”. Ela proporciona aos educadores uma educação diferenciada da oferecida nas universidades, por meio de seus cursos com currículos que não possuem o museu como lugar oficial de formação, mas estabelece vínculos através de convênio de estágios.

No museu, local de conservação da arte e memória, o conhecimento é gerado desde a observação até a produção dos trabalhos expostos. Dentre outras práticas necessárias existem o processo de mediação, de curadoria e de ações educativas dirigidas ao público visitante em geral e a públicos específicos, como o escolar, o infantil, adolescentes, grupos de idosos, grupos indígenas, alunos universitários. Todos buscam conhecimentos específicos de suas áreas, ampliando o atendimento dessa diversidade, o fazer cotidiano e os saberes estéticos dos educadores.

Além da memória ser um direito que o museu legitima, este proporciona a reflexão sobre a nossa própria história, compondo um movimento social em torno da educação patrimonial e um envolvimento com a educação em geral. Dessa maneira, a investigação da cultura e da arte no museu se mostra como um processo de formação de professores, fazendo o elo entre educação e cultura, suscitando o pensamento crítico e a necessidade de mudanças no ensino de Artes. Tais mudanças já estão ocorrendo com muito esforço do Núcleo de Ações Educativas do MCC, mas precisam de sistematização por meio de uma melhor documentação e maior visibilidade do trabalho educacional existente no Museu.

Este estudo dissertativo possibilita pontuar como se dá o processo da ação educativa que ocorre no museu, em específico a formação dos educadores museais, trazendo sobre ela um olhar mais preciso sobre os elementos que auxiliam na formação dos mesmos. Pretende também contribuir dando uma abertura para que essas ações educativas dos museus deixem de ser uma educação sem o devido reconhecimento. Como já foi explicitado, o Museu não é um local oficial de formação profissional que pertence ao currículo universitário, no entanto proporciona essa formação em Educação Museal para além da experiência universitária.

O Museu é entendido como um espaço de arte, memória, cultura e história, porém não se encaixa no mesmo modelo de educação institucional que a escola ou a

universidade. A educação em um museu transita entre a educação formal, não-formal e informal, uma posição contraditória que Libâneo (1998) explica a partir do princípio de intencionalidade da ação educativa, o qual explanaremos mais adiante.

Então, como se classifica a educação no museu? De que tipo de educação está se falando? Trilla e Elie (2008, p.30) recordam que há muito tempo a Pedagogia vem tentando realizar a tarefa de classificar a educação, utilizando de mais ou menos rigor. “Em muitos casos, a distinção entre os diversos tipos de educação se realizou como um mero acréscimo de um adjetivo à palavra educação: educação familiar, educação moral, educação infantil, educação autoritária, educação física (...)”. Segundo Libâneo (1998, p.64), “no linguajar corrente encontramos diversas expressões para designar o acontecer educativo: processo educativo, prática educativa, atividade educacional”. A diversidade educacional também é citada, “falamos de educação nacional, educação ambiental, educação rural, educação sexual, educação para o trânsito, educação escolar, etc”. Nesse contexto estamos estudando a formação de educadores de museus.

A Educação Museal vem trilhando a sua importância e consolidação através de muitas discussões sobre o papel dos museus na educação, ocupando cada vez mais lugar de destaque entre os assuntos debatidos relacionados aos Museus. No Caderno da Política Nacional de Educação Museal, lançado recentemente em 2018, há um resgate histórico dessas discussões. De acordo com ele, o tema veio a consolidar-se no Brasil e no mundo após a realização do Seminário Regional Latino-Americano da Unesco, em 1958, realizado no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. No evento houve ampla discussão sobre o Papel Educativo dos Museus e contou com a participação de representação internacional.

É importante trazer o histórico desses debates para que possamos entender que nem sempre a Educação Museal teve grande destaque nas discussões relacionadas aos museus, porém ganha força nos eventos, trazendo uma nova visão para a funcionalidade dos Museus: “passando então a ser também compreendido como um espaço de educação para auxiliar nas atividades do ensino formal e como ferramenta didática, ou seja, uma espécie de extensão do espaço da escola” (IBRAM, 2018, p.16). Libâneo traz a definição

de “educação processo”, em que podemos perceber as características da ascendente Educação Museal:

A educação- processo corresponde à ação educadora, às condições e modos pelos quais os sujeitos incorporam meios de se educar. Admitindo-se que toda educação implica uma relação de influências entre seres humanos, a educação processo indica a atividade formativa nas várias instâncias com vistas a alcançar propósitos explícitos, intencionais, visando promover aprendizagens mediante a atividade própria dos sujeitos. Implica, portanto, a existência de ambientes organizados, objetivos e conteúdos definidos em função de necessidades dos sujeitos e objetos sociopolíticos, métodos e procedimentos de intervenção educativa para obter determinados resultados, para distinguir-se daqueles processos educativos informais, mais difusos e espontâneos (LIBÂNEO, 1998, p.76)

Podemos extrair dessa definição de educação o entendimento do princípio de intencionalidade citado anteriormente, em que a ação se dá em um ambiente previamente organizado para tal, com objetivos e conteúdos definidos e planejados previamente, utilizando-se de métodos didáticos que visam a intervenção educativa. Em decorrência dela, a espontaneidade parte da partilha de conhecimentos prevista no planejamento, mas há um procedimento metodológico para se alcançar esse momento, demonstrando realmente que existe um “processo educativo” cuidadosamente pensado e repleto de intencionalidade. De acordo com Trilla e Elie (2008, p.36), “os dois critérios mais recorrentes para definir a educação formal se referem à intencionalidade do agente e ao caráter metodológico ou sistemático do processo.”

Será mesmo que é necessário o espaço físico escolar e todas as suas metodologias para que a Educação Museal seja reconhecida como educação formal? O interesse conceitual da classificação de educação formal, informal e não formal é o de categorizar e comparar entidades educacionais, visto que cada uma tem suas características singulares, que nem sempre têm nível equiparável, pois os mesmos termos são usados para lugares, pessoas e dimensões nas quais ocorre o educativo. Ou seja, embora distintos, todos trabalham com a educação, são atividades concretas, programas, projetos educacionais classificados nas três categorias, de tal maneira que fiquem equiparáveis por suas características e tenham por base o trabalho com educação.

A própria apresentação do Museu da Cultura Cearense, disponível ao público no site do Instituto Dragão do Mar, não define que tipo de educação é trabalhada “O MCC

busca tornar-se um espaço inclusivo de produção de conhecimento, por meio da relação entre educação formal, não-formal e informal¹”.

No caso da Educação Museal, existe uma relação de reforço e colaboração na qual o museu serve para cooperar na ação da educação formal, pois as instituições de ensino frequentemente utilizam dos recursos do museu inseridos no contexto da sua atividade. Inclusive no Projeto Museu Vai à Escola, do MCC, está, entre os objetivos, o estreitamento de laços da relação museu-escola e a realização de intercâmbio entre ensino formal e não formal.

O museu está à disposição das escolas e de outras instituições de ensino formais e informais, demonstrando que não se pode ter um caráter fechado, homogêneo e unilateral do ato educacional, tampouco de suas ações. Isso fere os princípios de intencionalidade e de caráter metodológico, e, para isso, investe em um núcleo educativo.

Porém, nem sempre a Educação Museal será dirigida. O museu, independente de seus educadores, não deixará de ser uma influência na educação dos sujeitos. Não se pode negar a educação informal existente no museu, na qual visitantes adentram as salas sem a pretensão de estudo, mas por prazer, curiosidade, que, de alguma forma imensurável, são atingidos emocionalmente ou cognitivamente. Muito embora possa haver uma curadoria com viés educativo, é preciso que haja interesse e concessão de todos para que haja aprendizagem, porque nem sempre a formalidade é interessante para todos, nem todos estão dispostos para a educação formal.

Diante desses acordos ou contradições, a Educação Museal se destaca por seu caráter informativo não regrado. No entanto, necessita das regras formais da educação para sua validade: local, presença, formadores, em uma mescla que une a educação não-formal e os preceitos da educação formal. Libâneo questiona: o que não é educação escolar, terá sempre caráter "informal"? (1998, p.81). Partindo desse questionamento, o autor faz a definição da educação formal como aquela estruturada, organizada, planejada, intencional, sistemática, em condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do ambiente

1 Fonte: <http://www.dragaodomar.org.br/espacos/museu-da-cultura-cearense>

escolar. Já a educação não-formal é aquela com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando relações pedagógicas não formalizadas.

Os autores Trilla e Elie (2008, p.16) definem a educação não formal como “um tipo de educação que não provém da família, mas consiste na influência, tão difusa quanto poderosa, que se dá na relação do indivíduo com "o mundo”, tampouco não é aquela que se recebe no sistema escolar propriamente dito”. Os autores salientam que é bastante comum caracterizar a educação não-formal como “aquela que se realiza fora do marco institucional da escola ou a que se afasta dos procedimentos escolares convencionalmente” (TRILLA e ELIE, 2008, p.39).

Quanto à educação formal, esta é “definida em cada país e em cada momento pelas leis e outras disposições administrativas. O não-formal, por outro lado, é aquilo que permanece à margem do organograma do sistema educacional graduado e hierarquizado” (TRILLA e ELIE, 2008, p.40). Concluímos, diante disso, que o escolar seria o formal, enquanto o não escolar seria o não-formal. No trecho que se segue, os autores definem a educação informal:

Para nós, o que delimita com razoável precisão os diversos conteúdos que o uso costuma atribuir às expressões educação formal e não-formal, por um lado, e informal por outro, é um critério de diferenciação e de especificidade da função ou do processo educacional. Ou seja, estaríamos diante de um caso de educação informal quando o processo educacional ocorre indiferenciada e subordinadamente a outros processos sociais, quando aquele está indissociavelmente mesclado a outras finalidades culturais, quando não emerge como algo diferente predominante no curso geral da ação em que o processo se verifica, quando é imanente a outros propósitos, quando carece de um contorno nítido, quando se dá de maneira difusa (que é outra denominação da educação informal) (TRILLA, 2008, p.37).

Dentre tantas instituições citadas por Saviani (1998) para demonstrar espaços de educação não formal, os museus estão incluídos nesse quadro. No entanto, o autor admite que frequentemente haverá um intercâmbio entre o formal e o não-formal, assim como Trilla e Elie (2008, p.51) afirmam que existe uma troca de serviços entre eles, na qual instituições educacionais formais deveriam incrementar o uso dos recursos não-formais e informais que estão à sua disposição. Em intercâmbio, as instâncias formais prestariam seu apoio para o desempenho de outras funções educacionais, culturais e sociais.

A tripartite educação formal, não-formal e informal é mencionada no site do Instituto Dragão do Mar, ao definir a educação vigente no Museu da Cultura Cearense, de maneira que qualquer processo que se inclua no universo educacional do Museu poderá ser incluído em um dos três tipos de educação citados. Tais processos podem ser vistos como um modo de minimizar problemas com classificação, definição e exclusão, abrangendo o máximo de possibilidades educativas. Para tanto, o próprio museu não destaca em sua apresentação apenas uma maneira do fazer educacional no seu cotidiano e a relação entre o formal, informal e não-formal, mesmo que seja o próprio museu a fazê-lo, em sua relação com outras instituições de ensino.

Integra a ideia de amplitude da ação educativa a necessidade de superar duas visões extraídas do sistema educativo: a que reduz a educação somente à escola e a escolarização de formas alternativas de educação, que tende a minimizar as capacidades educativas dos espaços não formais, não escolarizados. O que Libâneo aponta e pode se entender como uma saída necessária e diplomática diante desse embate é a utilização de uma teoria pedagógica para embasar a ação educativa, pois é o vínculo entre a ação intencional e a dinâmica das relações entre classes e grupos sociais que instiga e contribui para a formação humana em cada contexto social. “Somente com esse entendimento é possível formular uma concepção de formação do educador, pois é a teoria pedagógica que pode, a partir da prática, formular diretrizes que darão a direção à ação educativa” (LIBÂNEO, 1998, p.48), portanto, não se pode separar a teoria pedagógica da ação educativa.

A Educação Museal é uma forma de democratizar o discurso pedagógico e não concentrá-lo somente na escola, porém, não cabe aqui negar a função social da escola, mas ampliar os espaços que propiciam a educação de qualidade. Em um intercâmbio de experiências, Braga (2017, p.65) afirma que os setores educativos dos museus poderão se aproveitar das experiências docentes para a melhoria de suas propostas educativas, ao mesmo tempo em que os professores redimensionam sua prática de ensino, tendo o museu como possibilidade para promover uma educação que envolve sensibilidade, ética e estética.

Nas diversas práticas de ensino, o discurso pedagógico se concentra cada vez mais na escola, mas a importância da educação não recai somente nela, e outras instâncias que envolvem a educação necessitam da Pedagogia como base científica para incrementar os projetos de educação.

Se existe uma interação dinâmica entre as instâncias educacionais, a escola e a aprendizagem só fazem efeitos se complementadas pelas experiências existentes no meio, para afirmar este conhecimento ou contradizê-lo. É necessário então compreender o processo e a interação entre todos os fatores educacionais que atuam sobre os indivíduos. O estudo realizado pela pedagogia, ciência da educação, ultrapassa os muros da escola, assim como a construção do conhecimento não se limita a esse espaço.

Como veremos mais adiante através das entrevistas, na memória dos educadores a estrutura escolar impõe ordem e limites. A Educação Museal também o faria se utilizasse os recursos pedagógicos da escola? O encantamento pela Educação Museal se dá justamente pela liberdade de abordagem, do não se prender em currículos, de explorar possibilidades de temas em uma só exposição. Os educadores se vêem como mediadores de diálogos, e no acompanhamento das mediações poderemos perceber como se desenvolve a questão da ordem: no respeito ao espaço e às obras, ao ouvir o outro, ao acompanhar as discussões e quando se tem a liberdade de se colocar, expondo ideias pessoais.

Quais são as possibilidades pedagógicas não escolares que buscam satisfazer as necessidades da Educação Museal? Podemos apontar como uma das vertentes a educação crítica, baseada no diálogo e na troca de conhecimentos. Também a presença da *acessibilidade* na Educação Museal, na qual há uma crescente sensibilidade social no acesso ao conhecimento, de maneira que as informações expostas no museu cheguem até os portadores de necessidades especiais, aguçando a educação dos sentidos.

Será que a Educação Museal escolariza o museu, em sua metodologia, planejamento educacional, prescrições didáticas, e perspectiva disciplinar? O que é possível perceber é que a Educação Museal não anula a educação escolar, ambas se complementam, seja para afirmar seus conceitos apreendidos ou confrontá-los,

produzindo um novo conhecimento, seja desconstruindo dogmas e produzindo novos valores.

Acrescenta-se, assim, a teoria pedagógica como uma postura consciente, criativa e crítica, na qual os mecanismos da educação não negam a importância da escola, não a isolam, porém a expandem para outros espaços, contribuindo para a ação dos educadores e ampliando a relação entre ensino, aprendizagem, educação e a vida social.

Esse é um dos diferenciais da Educação Museal. Ela quer conquistar espaço como educação formal, pois busca unir o rigor pedagógico à vida social e assim procura maneiras de se fomentar pedagogicamente, para que possa crescer como modelo educativo. A seguir, veremos como a Educação Museal tem provocado mudanças em seu modo de fazer educação.

1.3.2 A Educação Museal e seus diferenciais

Pensar em um museu interativo no qual se constrói conhecimento, sob a forma de um ambiente provocador, com mais do que uma mera apresentação histórica e científica, envolve a discussão em torno da Educação Museal e seus desafios. Nesse contexto, há uma grande importância nos encontros e seminários entre os museólogos, pois é uma oportunidade de discussões de diversos temas que envolvem os museus e a educação como acessibilidade. Do mesmo modo, tais encontros oportunizam a parceria entre os órgãos públicos e privados de educação, a criação do setor educativo dos museus e formação de profissionais aptos a trabalharem nessa área específica, além do uso das novas tecnologias etc.

Podemos perceber que a Educação Museal ocupa uma extensa pauta nos encontros, ganhando destaque, inclusive, com o compromisso de assumir o papel de aliado na educação integral do homem, como descreve Braga (2017): “o documento de Santiago indicou a necessidade de setores educativos nos museus para mediação com escolas e outros programas para dinamização do acervo e educação integral do homem” (p.55). Como podemos notar, nesses encontros são geradas cartas e documentos, a exemplo da *Carta de Petrópolis*, em 2010, escrita em decorrência do I Encontro de

educadores do IBRAM. Da mesma forma a *Carta de Belém*, em 2014, no 6º Fórum Nacional de Museus e a *Carta de Porto Alegre*, em 2017, no 7º Fórum Nacional de Museus. Além disso, ocorrem encontros regionais a nível de federação, que ganharam força e repercussão tornando-se um movimento em prol da criação do Programa Nacional de Educação Museal.

As cartas estão anexadas no Caderno da Política Nacional de Educação Museal, disponível no site do IBRAM e podem ser facilmente encontradas. A *Carta de Petrópolis* dá subsídios para construção da Política Nacional de Educação Museal, baseada no Estatuto de Museus e na Política Nacional de Museus, de maio de 2013. Escrita em forma de artigos, trata da estrutura física dos museus, aquisição e descarte de bens, estudos, avaliações de ações educativas da instituição, acessibilidade, necessidade do Plano Museológico, dentre outros temas. É um documento repleto de propostas relacionadas à política de educação em museus e aborda a importância do financiamento e da formação de profissionais das áreas educativas dos museus.

A *Carta de Belém* teve como base a *Carta de Petrópolis*, dando continuidade e encaminhamento aos assuntos já debatidos, além dos documentos já citados. Também foram incluídas as propostas do Fórum Virtual do Programa Nacional de Educação Museal. A *Carta* descreve cinco princípios ligados diretamente à Educação Museal. Os princípios estão relacionados ao estabelecimento da Educação Museal como função obrigatória dos museus, ao planejamento dessa função e ao diálogo com a sociedade. Isso promove o estabelecimento de um setor específico para a Educação Museal em cada instituição e uma parte do seu quadro técnico, com dotação orçamentária destinada para esse setor, além da participação nas decisões da instituição.

Na *Carta de Porto Alegre* foram definidos passos necessários para o desenvolvimento da Política Nacional de Educação Museal, como a publicação do Caderno da Política Nacional de Educação Museal, a realização de pesquisas pelo IBRAM e pelos articuladores do PNEM sobre o atual estágio de desenvolvimento da Educação Museal no Brasil, e a realização do primeiro Encontro Nacional de Educação Museal. O efeito de tais articulações garante o espaço para discussão sobre as questões da

educação nos museus, bem como o incentivo de seminários regionais para discussão e implementação da Política Nacional de Educação Museal.

Tais eventos são, para os educadores, um estímulo à escrita, pois dão sentido de continuidade ao conhecimento adquirido na prática museal, principalmente se tratando de uma área com pouca literatura. Ao invés de estagnar e impedir a divulgação do que se tem produzido, os encontros expandem o conhecimento adquirido em apresentações e publicações, pois não basta produzir conhecimento, é necessário difundi-lo

No âmbito da educação as mudanças não ocorrem de maneira rápida. Desde as primeiras discussões no Chile, em 1972, já se discutia as ideias de Paulo Freire e o papel dos museus na América Latina. Isso representou um marco para a área museal e chegou ao Brasil marcando presença em eventos de grande importância e se concretizando na publicação do PNEM, em 2017.

Para que o PNEM fosse publicado, foram necessários debates mediados em uma plataforma virtual², porém é importante saber que a Educação Museal sempre teve ações e pautas, no entanto, há movimentos de maior destaque que fortalecem essa discussão. Braga (2017) aponta como exemplo as iniciativas sistematizadas, como o Serviço de Assistência ao Ensino no Museu Nacional e as ações educativas do Museu Histórico Nacional.

Cândido (2007) faz uma compilação de documentos, encontros e publicações importantes que aconteceram a partir da reunião em Santiago do Chile, em 1972, em que as análises sobre o papel social dos museus ganham destaque entre os assuntos que envolvem a museologia, estando presentes e comprovando a importância da Educação Museal.

Pela proximidade das datas dos encontros nacionais, podemos perceber que é bastante recente o interesse pelas ações educativas desenvolvidas nos museus. Braga (2017, p.63) afirma que até bem pouco tempo a museologia não via a educação como

2 As discussões foram mediadas durante quatro meses no blog do PNEM: pnem.museus.gov.br, culminando na escrita do Plano Nacional de Educação Museal, a partir da participação de servidores do IBRAM e demais interessados, com atuação em diversos eixos do museu. As discussões foram dinamizadas e avaliadas para promover a escrita do documento por articuladores em colaboração com os coordenadores dos Grupos de Trabalho – GTs, a respeito dos seguintes temas: Perspectivas conceituais; Gestão; Profissionais de Educação Museal; Formação, capacitação e qualificação; Redes e parcerias; Estudos e pesquisas; Acessibilidade; Sustentabilidade; e Museus e Comunidade.

uma das ações primordiais do museu. Hoje em dia, o que podemos perceber é que ainda há carência de estudos, pesquisas, bibliografias que abordem a Educação Museal como tema central.

A própria definição de Educação Museal, disponível no documento do PNEM, é bastante abrangente e demonstra a intenção de ser versátil de acordo com cada necessidade e pluralidade de realidades: a Educação Museal é “um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade” (PNEM, 2017 p.1).

Mesmo com a quantidade de debates explícitos no documento, no que se refere a busca do fortalecimento da área, algumas fragilidades ainda são percebidas, como por exemplo, a especificidade das características da Educação Museal, o que a diferencia das demais educações, as práticas educativas em que ela se desenvolve, visto que lida com diversos públicos, diversos objetivos e diversos fins.

São essas informações que dão identidade à Educação Museal em relação aos seus objetivos, conteúdos e métodos e trazem à tona o discurso pedagógico, que é próprio do museu. Porém, tais informações não estavam explicitadas para que até mesmo os cursos que foram criados posteriores à regulamentação do PNEM pudessem se nortear pelo documento que regula a Educação Museal no Brasil.

Esses aspectos estão melhor explicitados em um documento de 2009, anterior à formação do PNEM. Foi utilizado por equipes educativas como referencial teórico e metodológico para embasar suas práticas. Esse documento foi a Lei Nº 904/2009, que instituiu o Estatuto dos Museus. Em seu 29º artigo define: “Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação” (BRASIL, 2009).

Diante da escassez de estudos que possam delinear a identidade e as características da Educação Museal e dos seus processos comunicacionais e educacionais, torna-se imprescindível a inserção de pesquisadores da educação nos museus, como forma de fortalecer e contribuir nessa área. Dentre os três eixos delimitados que

envolvem gestão, museus e sociedade, o PNEM reserva um deles para priorizar os profissionais e sua formação. São eles: profissional, formação e pesquisa.

O intuito desses eixos é de alcançar uma formação específica e continuada para os profissionais que atuam no campo da Educação Museal. Isso prevê a criação de um curso de nível superior em Educação Museal e a parceria com outros setores educativos e agências de fomento científico, como as universidades, para que haja um estudo mais sistematizado, com o objetivo de auxiliar na produção de conhecimento em educação para essa área e difundir o que está sendo produzido.

No Ceará, um dos museus pioneiros em Educação Museal é o Museu do Ceará que, inclusive manteve uma formação para educadores do museu. O MCC teve destaque nesse cenário e se configura como um caso exemplar, pois os museus tratam com seriedade o setor educativo e específico na área.

Na busca por entender o diferencial da Educação Museal e suas peculiaridades, é imprescindível salientar que o próprio local em que ela ocorre, no que se refere à estrutura e composição do ambiente, já é um diferencial. É uma instituição que promove a educação através da cultura e o conhecimento é gerado, dentre outras maneiras, a partir de provocações, diálogos e experiências, trazendo códigos de comunicação diferentes de outras instituições educacionais.

Essa metodologia em comunicação social é praticada nos museus e se diferencia da lógica transmissiva de conhecimento. No museu, o conhecimento é construído coletivamente. É algo que necessita estar pensado para que não haja uma escolarização do museu, considerando o seu público diverso de maneira que os setores educativos não sejam organizados somente em prol da escola.

Como exemplo de práticas nas quais os educadores limitam suas atividades para favorecer uma compreensão mais rápida e significativa para o aluno, Cury (2013, p.16) cita estratégias, a exemplo de jogos e brincadeiras conhecidas por todos, como o jogo da memória, quebra cabeça, caça palavra, cruzadinha, liga pontos, folha para colorir, caça ao tesouro, etc. Essas são práticas, segundo a autora, de memorização e lazer, denominadas lúdicas e encontradas nas escolas e bancas de jornal.

Essas estratégias fogem da especificidade da Educação Museal, são recorrentes, mas não têm o desenvolvimento do pensamento crítico. Outra percepção em relação a essas práticas é a de que existe nelas o intuito de aproximar o aluno, fazendo uma contextualização do que é exposto, de maneira que ele possa inter-relacionar-se, aproximar-se e estabelecer conexão com o meio o qual procede ao que lhe é exposto.

O saber contextualizado é um outro aspecto que diferencia a Educação Museal, pois ele não fragmenta o conhecimento em disciplinas. De acordo com o objetivo da visita ao museu, por exemplo, em uma mesma exposição é possível extrair conceitos de diversas áreas do conhecimento, aproximando o que foi exposto de maneira teórica do que se desenvolve na vida cotidiana e juntando o abstrato ao concreto.

Para que essa diferenciação aconteça é importante que a reflexão seja estimulada, indo além da mera contemplação e exposição de objetos. O momento livre em que o visitante reflete sobre o que viu e sentiu foge da lógica racional da escola. É preciso dar tempo e espaço para que o vivido no museu ganhe significado, afinal, a relação entre o conhecimento específico e o educacional não se faz sem conflitos (MARTINS, 2015), e a reflexão e a criticidade são meios para alcançar essa relação que agrega abstrato e concreto simultaneamente.

A parceria com a escola auxilia nesse processo, pois há uma preparação com uma pré-visita e se prolonga na exploração dos temas com um pós-visita. As finalidades educativas das exposições terão um caráter de continuidade e complementariedade às metodologias da escola, ou seja, um ajudando ao outro na compreensão e desenvolvendo a aprendizagem.

Considerando as peculiaridades da Educação Museal, é possível apontar diversas dificuldades a serem superadas, tanto pelos educadores quanto pelos sujeitos que visitam os museus. Essas dificuldades revelam traços históricos e culturais da ideia de museu, compreendida como um “local de coisas velhas”, monótono e desinteressante. Esse local que hoje ousa reformular-se acompanhando o seu tempo, necessita ser compreendido como tal.

É importante, por exemplo, compreender que no museu não existe uma ordem estabelecida de organização, é o próprio sujeito reflexivo e crítico, em seu momento de

deleite que vai elaborando as suas vivências. Esse é um desafio ao qual não estamos acostumados a viver no cotidiano submetido a ordens lógicas e a cronologias pré-estabelecidas.

Ainda em caráter comportamental, que se diferencia da compreensão cultural que envolve os museus, nos falta o entendimento de que podemos ter a liberdade de conhecer e nos aprofundarmos em um determinado setor do museu. Vale ressaltar que não necessariamente devemos conhecer todo o acervo disponível para considerar que a visita foi produtiva.

É interessante a crítica feita por Cury: “o acervo é ilimitado, plural, multifacetado; que pode ser fragmentado e reinterpretado; que no conjunto ou segmentado em coleções ou agrupamentos, o acervo é 'obra aberta' sustentada no conhecimento inerente à instituição” (2013, p.15). A autora expõe que a pluralidade de um acervo e as suas diversas possibilidades constituem um desafio à museologia e aos educadores, o que lhes exige bastante criatividade e estratégias diversas para explorar o máximo do alcance de cada coleção.

Não cabe aqui frustração por não ter conhecido tudo o que estava disponível, cabe deixar realizar um encontro significativo com o que foi possível ver durante a experiência, até por que necessitamos de um tempo para fazer associações e reflexões sobre aquilo que está sendo apresentado. É melhor desenvolvermos profundidade no que nos propomos a compreender, que tentarmos compreender o todo com um rápido olhar. Esse caso está muito bem ilustrado no exemplo de mediação direcionado a crianças, em que somente parte do acervo é utilizado no trabalho educativo, porém trabalhado de maneira consistente, como veremos nos capítulos posteriores.

A Educação Museal nos auxilia a criar uma nova cultura de visitação, tanto para os educadores, provocadores de conhecimento, quanto para os visitantes. Estes, familiarizados com curadorias de qualidade e entendedores da importância da Educação Museal, já iniciam a busca pela compreensão da exposição. Essas informações nem sempre estão acessíveis, mas esse novo comportamento nos leva a perceber a importância desses detalhes que influenciam na maneira como tudo está exposto.

Os exemplos de tais detalhes são: a maneira como a exposição foi composta; locais pelos quais já passou; profissionais que estiveram envolvidos; locais com exposições afins; outras narrativas e interpretações da mesma exposição; a articulação entre os tempos dos objetos da exposição e da atualidade. Tudo isso buscando um olhar plural que permita diversas interpretações.

Essa liberdade de compreensão e de valorização dos diversos olhares é outra característica baseada no diálogo que a Educação Museal possui, pois mantém uma relação de partilha, de sensibilidade para com o outro, sem que haja uma relação de autoridade entre os envolvidos no diálogo. No movimento de construção de saberes através do diálogo é dada mais importância ao processo de troca de experiências, encontrando denominadores comuns, possibilidades e expectativas de cada indivíduo. Isso gera, por exemplo, o entendimento e superação de conceitos pré-estabelecidos, traz para a sociedade caminhos inéditos e cultiva novas maneiras de se relacionar com o mundo e suas instituições.

As mudanças de comportamento envolvendo o museu, suas práticas educativas, profissionais que atuam nesse espaço, visitantes, estudantes, professores, não ocorrem de maneira rápida. É necessário um trabalho de aprendizagem muitas vezes insistente, que será perceptível somente com o tempo. Essas mudanças influenciam diretamente na formação dos educadores dos museus, que trabalham cotidianamente na prática educacional da instituição. A seguir, um tópico sobre a formação dos educadores atuantes na área

1.3.3 A formação dos educadores para a Educação Museal

A formação dos educadores de museus, revelada na literatura, recorda historicamente o conhecimento que passa do mestre para o aprendiz. É aquele desenvolvido com os desafios do cotidiano e com o trabalho de reconstrução de memórias, pois, no ambiente do museu, irá se desenvolver uma aprendizagem diferenciada do que geralmente já foi vivido no âmbito escolar.

Consiste em uma repaginação, pela memória, de toda formação escolar, pois o museu não está repleto de cadeiras, não tem um quadro branco à frente, não outorga diplomas, não exige uma rotina escolar, não separa o conhecimento em matérias ou disciplinas. O professor não é o detentor do saber, é um mediador e a construção do conhecimento depende de participação, reflexão e criticidade. Sobre essa memória escolar, Tardif (2014) destaca:

Antes mesmo de ensinarem, os futuros professores vivem nas salas de aula e nas escolas – durante aproximadamente 16 anos (ou seja, em torno de 15.000 horas). Ora, tal imersão é necessariamente formadora, pois leva os futuros professores a adquirirem crenças, representações e certezas sobre a prática do ofício de professor, bem como o que é ser aluno. Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem, de muitas maneiras, o que é o ensino por causa de toda a sua história escolar anterior (TARDIF, 2014, p. 20).

Embora essa memória escolar esteja muito presente nos educadores, os papéis e comportamentos se modificam dependendo dos locais e sujeitos. Das memórias da escola até chegar no espaço do museu se estabelece a relação professor, enquanto mediador de saberes, e aluno. A própria linguagem utilizada no museu é diferente das formas de expressões utilizadas na escola, pois a expressão museal se baseia na linguagem expositiva e se estrutura a partir de elementos como: conceitos, objetos, espaço e tempo. Ela possui uma retórica argumentativa a partir dos recursos expográficos que compõem o ambiente do museu.

Além disso, a ação educativa museológica se efetiva através de discussões e situações de aprendizagens que envolvem “interação social, oralidade, lembranças, imaginação, afetividade, diálogo, correlações, inferências, valores, atitudes, críticas e reflexões, dando à educação um tratamento crítico” (CURY, 2013, p. 20).

Existe, então, uma recolocação das experiências pessoais para a experiência museal, pois essa se diferencia das de sala de aula, no que se refere à singularidade das vivências que proporcionam aos educadores e à complementariedade da formação para uma mediação reflexiva, como forma de aguçar a capacidade crítica. Tardif (2014, p. 21) expõe a “*reflexividade* como retomada, reprodução, reiteração daquilo que se sabe naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir a sua própria prática profissional”, de

maneira que os saberes que o educador possui se formem e se complementem na experiência do trabalho.

O educador museal, segundo Cury (2013, p.16), é um produtor de conhecimentos e participa ativamente da formulação de narrativas e discursos, em parceria interdisciplinar. A sua ação educativa é consequência de planejamento e construção conceitual e teórica. Também utiliza metodologias e estratégias de ensino elaboradas minuciosamente, a partir de uma reflexão certamente crítica.

Conforme constatamos, não há um curso de formação específico, há uma série de estudos e atividades práticas desenvolvidas no Museu e/ou em outros locais que oferecem oficinas, cursos, palestras de temas relevantes para o educador museal. O conhecimento produzido no Museu é repassado dos educadores mais experientes aos mais novos, visto que há também uma grande rotatividade de pessoal nesses espaços. Isso parte do setor educativo, a fim de se criar estratégias de formação para que sejam adquiridos os saberes necessários ao exercício cotidiano de mediação, curadoria e outros temas relevantes. São atividades que, além de diversas, exigem bastante pesquisa por parte do educador.

O documento do PNEM fala em *intercâmbio de experiências, valorização da troca de experiências, estimular e ampliar a troca de experiências*. Ou seja, várias vezes a partilha de saberes aparece no texto, revelando aquilo em que se baseia atualmente a formação dos educadores. O documento também fala em difusão e promoção de trabalhos, *parcerias* nacionais e internacionais para realização de estágio profissional em Educação Museal, e promoção de *colaboração* entre os setores dos museus.

Dentre as estratégias de partilha de conhecimento, o grupo de estudos promovido pelo no MCC é um espaço de pesquisas que permite compartilhar ideias e alimentá-las por meio da criatividade investigativa. Há a necessidade de dividir reflexões com os participantes do grupo para expandir o olhar.

Martins (2015) dá ênfase ao trabalho educativo realizado pela Pinacoteca do Estado de São Paulo e pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, que além da existência da ação educacional, promovem ações de investigação acadêmica em Educação Museal. Em suas ações investigativas para atuação educativa, os

próprios educadores dos museus estabelecem seus questionamentos e temas de investigação (MARTINS, 2015, p.54), o que nos leva a perceber que cada museu irá escolher uma dinâmica diferente de formação. A existência de grupos de pesquisa, por sua vez, se configura numa necessidade, caso a instituição queira avançar em termos pedagógicos com relação à Educação Museal, visto que ainda não temos no país um curso específico para a área.

Existem variados diferenciais na partilha de saberes entre os membros de um grupo de estudos (estes podem se formar no ambiente de trabalho ou na universidade) e cursos universitários dos educadores, pois, neles, teoria e prática partem do cotidiano. O que o grupo proporciona? Na conversa com os educadores mais experientes, na partilha de experiências diversificadas, por exemplo, é possível sair do olhar unilateral que está na periferia e ir para o centro das questões levantadas, para outras dimensões. É um exercício difícil, porém necessário ao educador.

Este é proporcionado por meio da dinâmica de estudo dos grupos e essencial no trabalho de mediação exercido no museu. Segundo Martins (2005), a troca de conhecimentos específicos para a atuação profissional entre os educadores no grupo de estudos configura-se como:

Uma situação em que os educadores refletem e geram um conhecimento específico sobre sua prática educacional, utilizando-o para referendar suas escolhas. Ou seja, os educadores são responsáveis pela geração do discurso original sobre a educação em museus, pois são eles quem, em grande medida, produzem o conhecimento específico dessa área, atuando como agentes recontextualizadores do discurso pedagógico dos museus (MARTINS, 2015, p.54).

Nesse contexto, a partilha também é uma palavra que muito aparece e que merece ser esmiuçada em diversas modalidades, uma delas é a partilha de conhecimento entre os próprios educadores que conduzem o grupo de estudos, ou seja, fazendo o intercâmbio de experiências entre aqueles que exercem a profissão há mais tempo e aqueles que integram os grupos há menos tempo, de maneira que estes não se sintam sozinhos e isolados e haja uma proximidade maior entre os profissionais, educadores e estagiários, a fim de desenvolver o espírito de trabalho em equipe e contribuir para a formação da identidade do educador museal.

A partilha envolve a socialização do conhecimento em relação às atividades práticas vivenciadas e produzidas no incentivo à escuta e ao respeito. O objetivo é desenvolver valores necessários à profissão, com uma postura de acolhimento aos desejos e experiências do outro. A própria articulação entre os saberes pedagógicos e científicos, priorizando a dimensão teoria e prática da mediação e da pesquisa, é também um momento de partilha entre o saber adquirido teoricamente e o cotidiano com o qual os educadores podem se deparar no campo da Educação Museal.

Outro conceito a ser mencionado é o trabalho em equipe, tanto na equipe de coordenação do Núcleo de Ações Educativas, quanto entre os educadores do museu, no desenvolvimento da identidade do educador museal. É preciso superar o momento solitário e a impressão do trabalho isolado, de forma que espaços coletivos sejam incentivados, a exemplo dos grupos de estudos. É importante que os diálogos sejam ampliados nos espaços de partilha. O desenvolvimento do trabalho coletivo fortifica não só o profissional como também a própria identidade e faz com que se torne menos pesado, por causa da partilha de experiências e saberes.

Dentre os trabalhos coletivos, é importante citar a formação do acervo, pesquisa, conservação, documentação museológica e comunicação (CURY, 2013, p.17), elementos que fazem parte do processo de organização das coleções. A autora define os educadores como curadores, pois eles também participam ativamente do processo curatorial, conhecendo como se dão todas as ações curatoriais e de gestão da instituição.

Além da naturalidade com que o trabalho cotidiano de formação e investigação para as mediações proporciona aos educadores, ele também promove o contato com uma educação crítica e reflexiva. O trabalho exige habilidades específicas para tal, e o tempo de estudo é uma preparação ao exercício da Educação Museal, no que se refere ao desenvolvimento da afinidade com a escrita e com as metodologias de pesquisa. São vistos os autores mais trabalhados na literatura acadêmica, sob a ótica, por exemplo, de Paulo Freire, que tanto defende o exercício do pensamento crítico. Veremos a forte influência de seus pensamentos sob a Educação Museal mais adiante. Também veremos autores que falam sobre mediação, inclusão, curadoria, história da arte, estes temas que

são essenciais, além das áreas de interesse particular de cada educador que vêm dos diversos cursos universitários, os quais o museu acolhe no processo de estágio.

Um dos fatores interessantes na pesquisa museal é que todo conhecimento é aplicável de imediato no cotidiano das mediações, diferente da pesquisa acadêmica que demora um pouco mais até que chegue nas escolas e na sala de aula. Nessa trajetória, à medida em que os educadores se enriquecem de experiências, acontece o investimento na continuidade dos estudos acadêmicos, porque elas não se distanciam da preocupação com a formação para o exercício da profissão, ao contrário, ressaltam a importância dada à formação dos educadores para o exercício da profissão. Com isso, os educadores têm aproveitamento tanto em relação às experiências vividas no museu quanto as ocorridas na escola.

Se o educador for formado em um curso de licenciatura, a experiência museal está atrelada à capacidade de produção de conhecimentos necessários às problemáticas educacionais que surgem no efetivar da profissão e a um conjunto de técnicas, valores, posturas, relações, modos de comunicação etc. Tardif (2014, p.234) traz à tona a importância de que a prática cotidiana, não é apenas uma oportunidade em que o professor irá aplicar seus conhecimentos adquiridos teoricamente, mas também um momento de produção de saberes específicos que emergem dessa mesma prática.

O educador que vivencia a experiência da Educação Museal em um estágio, por exemplo, pode se tornar um professor que se diferencia, pois desenvolve o potencial de explorar com mais precisão o seu percurso no fazer docente. Esse é um constante movimento de compreensão dos desafios e de superação dos mesmos, pois a maioria dos educadores que provém de cursos de licenciatura pretende atuar na docência. Esse é um movimento que não ocorre facilmente em ambiente de trabalho, porém, o exercício da pesquisa, com todo o seu rigor, facilita a tomada de decisões necessárias ao cotidiano em que o profissional da educação está envolvido, conferindo-lhe autenticidade.

Esse comportamento demonstra um comprometimento com a renovação do conhecimento, com a própria formação. Não é um conformismo com a espera de referenciais que dêem suporte às atividades de ensino. Isso se reflete num profissional ativo e comprometido com a ampliação dos conhecimentos necessários às práticas

pedagógicas, melhorando sua atuação no meio educacional, pois a iniciativa parte do próprio profissional, que em sua formação desenvolveu autonomia para o desenvolvimento da pesquisa em Educação.

Sendo capacitado academicamente, este profissional terá maior facilidade em contribuir de modo criativo com a formação dos novos. Existem casos de educadores do Museu da Cultura Cearense que antes mesmo de terminar o contrato com o museu utilizam de sua experiência para submeter-se ao processo seletivo de mestrado e obtém aprovação.

São importantes a participação e a promoção de eventos que envolvam diversos museus e seus educadores, pois se configura como uma rica troca de conhecimentos. O documento do PNEM já prevê esse reconhecimento, pois coloca como base da formação de educadores museais a partilha de saberes.

A presença de um educador pesquisador na área de Educação Museal é influência na formação de outros educadores. Em seu fazer cotidiano e nos relatos de experiências, vimos que os educadores mais experientes acabam sendo inspiração para os outros, cultivando a formação de uma identidade ou um perfil do educador pesquisador que instiga os seus companheiros na construção do conhecimento. O perfil desse profissional se constrói através da pesquisa, por meio de atividades questionadoras e reflexivas e não se limita em produzir esse conhecimento, mas também se propõe a difundi-lo. Ele parte da Educação Museal para a ela se voltar de maneira a contribuir para o seu melhoramento.

Podemos perceber que a prática dos educadores no museu se aproxima das científicas e das particularidades da educação. Suas necessidades e seus desdobramentos trazem à tona o impulso gerador da pesquisa, enquanto formação integral do homem, tema amplamente debatido no seminário promovido pela UNESCO, intitulado *A Função Educativa dos Museus*, no Rio de Janeiro, em 1958. Do mesmo modo, as discussões referentes a isso aconteceram na Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972. Ambos os eventos influenciam a crescente importância da educação nos museus.

O intuito dessas pesquisas é ajudar no crescimento da humanidade, destinando os avanços tecnológicos alcançados à produção de conhecimento. Isso somente é

conseguido com a formação para a reflexão crítica, que supera o teor apenas prático e se configura num movimento que envolve reflexão, ensino e pesquisa, integrando as suas práticas como elemento essencial de formação. Essa concepção de formação de educadores representa um desafio para quem participa desse processo, pois, nesse contexto, é necessário incorporar uma nova maneira de adquirir conhecimento, assumindo uma postura investigativa e se reconhecendo como pesquisador e aprendiz.

Ainda sobre perspectivas de formação, está também aquele profissional que busca além dos saberes experienciais e considera os conhecimentos teóricos que abordam a especificidade da docência ou da mediação, de forma a auxiliar o seu desenvolvimento profissional. Essa busca se dá, de maneira autônoma, articulada às suas necessidades de trabalho, e influencia também na carreira docente e em progressões.

Dependendo da abordagem, a Educação possui um caráter dialético e subjetivo e se apresenta como uma ação dialógica e emancipatória, colocando a investigação em prol da transformação de vidas. No entanto, a ciência e seus critérios não dão conta dos estudos da Educação, sendo um desafio para o pesquisador encontrar meios de suprir as necessidades específicas da Educação, nesse caso, a Educação Museal constitui uma alternativa.

Um dos desafios que envolvem a pesquisa em Educação Museal, visto que ela é produzida, em sua maioria, pelos próprios educadores e pretende se expandir como área profissional e de pesquisa, é o entendimento dos métodos, abordagens, formas de expressão e suas técnicas específicas, necessárias ao desenvolvimento e ao bom desempenho na pesquisa em educação relacionada à área.

Para tanto, é necessário que o educador tenha acesso minucioso às metodologias de pesquisa, sejam elas provenientes das experiências no curso de graduação, sejam da própria formação realizada pelo setor educativo dos museus. As metodologias de pesquisa necessitam estar no processo de formação do educador, delineando a opção profissional e sua atuação. Este estudo deve ser entendido como condição para o exercício crítico e reflexivo da profissão. Ele vai ao encontro das ideias cultivadas dentro do próprio ambiente de trabalho, como a de que o professor não tem acesso constante às metodologias e nem ao incentivo à pesquisa quando está em pleno exercício da sua

profissão, pois o trabalho é muito mais exigente e urgente que a pesquisa, para eles, nesse caso.

Na Educação Museal, o exercício do trabalho pressupõe pesquisa para que o trabalho seja efetivado com qualidade, visto a finalidade de cada mediação. Sendo assim, mesmo que os educadores do museu venham de cursos universitários que não envolvem a docência, existe, no fazer cotidiano do trabalho com a Educação Museal, uma aproximação com a pesquisa educacional e com as particularidades da educação, com suas necessidades e seus desdobramentos. A definição do que seja a pesquisa em arte, pelas palavras de Arslan, nos ajuda a perceber essas necessidades:

A pesquisa de arte possibilita ao professor abraçar o estranho, tornar-se criador de novos caminhos e desbravador de novas formas de aproximação. Com sua prática, com as novas tecnologias, mídias e imagens, pode dialogar com teorias de análises e indicar novas necessidades de investigação (ARSLAN, 2006, p.26).

A investigação possibilita a transformação de vidas pois envolve o compromisso com o social e com o coletivo. A pesquisa e o ensino em Educação Museal buscam a emancipação humana, vêm para transformar e carregam o caráter social agregado. Nesse contexto, fica clara a necessidade de os profissionais estarem constantemente se questionando, pois são a pesquisa e o ensino que trazem a evolução da produção, já que envolvem a análise crítica da realidade, dentro e fora dos museus, e comunicam novos pensamentos, à luz da interpretação da realidade, além de trazerem lucidez à Educação Museal e aos seus envolvidos.

O texto do PNEM prevê que seja feita a delimitação das funções do profissional de educação no museu, uma maneira de formalizar a sua profissão, por meio da participação na elaboração do Programa Educativo Cultural, da realização de pesquisas, diagnósticos, registros, programas, projetos, ações educativas, sistematização e avaliação. Porém, ainda não há um delineamento sobre a formação gradual que possibilite ao educador suportes teóricos para tais funções, já que todo conhecimento adquirido acontece na prática da profissão. Diante desse quadro, educadores interessados pelo campo da arte, cultura, comunicação e comprometidos com o ensino dessas áreas buscam

conhecimentos complementares para além do currículo do curso superior ou da formação disponibilizada no museu, tentando suprir a necessidade de conhecimentos específicos.

1.3.4 Mediação cultural, histórico e importância

A preocupação com a preservação cultural brasileira move debates e orienta propostas políticas e pedagógicas que ampliam o sentido de patrimônio, valoriza as nossas tradições, diversidade e identidade cultural. Carvalho (2005, p.7) acredita que a tradição se mantém para ser negada, superada, contestada, para que ocorram os avanços, nos quais o novo ressignifica o velho, movidos pela intervenção do homem e proporcionando a dinâmica da cultura.

Pensemos como essa cultura pode ser conhecida, propagada, para que ela seja questionada, para que haja um diálogo entre tradição e contemporaneidade. Além do que, somente podemos falar com propriedade daquilo que realmente conhecemos, então, com o conhecimento sobre a cultura, as pessoas podem, além de compreender a produção de bens culturais, participar dessa produção e contribuir em sua formação.

Fazendo um resgate histórico dos meios de difusão cultural, Carvalho (2005) aponta cronologicamente os seguintes: inicialmente a transmissão de conhecimentos através da oralidade, no tom das narrativas; depois, a produção de jornais, folhetins e partituras, para a difusão e preservação da música, no século XIX; o advento da fotografia; e, no final do mesmo século, o movimento das imagens com o cinema.

Destaca-se também no estudo de Carvalho (2005) o trabalho dos folcloristas que viajavam fazendo observações e registros, produzindo um vasto material para interpretação histórica, dentre eles, Mario de Andrade, que teve grande importância na formação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN. Na ocasião, Andrade trazia uma preocupação especial com a importância do caráter pedagógico dos museus e das imagens, defendendo a criação de um órgão federal que atendessem, em específico, à preservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

Dando continuidade cronológica ao surgimento dos meios de difusão cultural, o rádio, o cinema falado e, posteriormente, a televisão e as avançadas técnicas de impressão

e gravação fortaleceram os registros culturais, ampliando ainda mais os seus consumos, até chegarmos ao computador e ao advento da internet e nos tornarmos uma aldeia global.

Essa integração global com o mundo reforça o compromisso da mediação cultural e da Educação Museal com a formação de receptores críticos que possam reagir ativamente em relação aos excessos de informações trazidos pela globalização, de forma que não recebam e aceitem passivamente tudo o que lhes é imposto. Pelo contrário, para que eles dêem importância à tradição, traçando alternativas e caminhos e busquem conhecer nossas raízes, a fim de compreender nossa identidade e aquilo que nos formou, para poder apontar o que seremos mais adiante.

Desde a criação do IPHAN, no ano de 1937, a importância da educação na preservação do patrimônio cultural vinha tomando corpo em artigos e discursos, pois, até então, essas discussões estavam restritas às instituições regionais e aos grupos de intelectuais, inclusive alguns de seus membros fizeram parte da Semana de Arte Moderna, de 1922. No entanto, era necessário ir além da teoria e das discussões, sendo assim, na década de 1970, o tema foi abordado com mais insistência, culminando na criação do Centro Nacional de Referência Cultural – CNRC, em junho de 1975 (IPHAN, 2014).

A proposta do CNRC exposta no caderno *Educação Patrimonial: Histórico, Conceitos e Processos* (IPHAN, 2014) se baseava na preservação e ampliação da concepção de patrimônio, valorizando a diversidade regional, diminuindo os riscos de perda da identidade cultural da nação e o esmagamento dos valores da formação cultural brasileira. Todos esses efeitos se formaram em decorrência da homogeneização causada pela globalização, do acelerado processo de desenvolvimento econômico e da expansão dos meios de comunicação de massa.

Era necessário que dados relativos a nossa cultura, ao nosso patrimônio, fossem coletados e divulgados, de maneira que o intuito da criação do CNRC seria de subsidiar o planejamento dessas ações, além da oferta de um sistema de referência básico, com abrangência nacional e referências da cultura brasileira.

Podemos perceber, na cronologia apontada pelo Iphan (2014), que há um intervalo de tempo significativo até que propostas se tornem políticas concretas. Qualquer iniciativa descende de muitas discussões que envolvem intelectuais, professores universitários, funcionários do alto escalão dos governos, para que se possam firmar acordos e convênios, em um trabalho insistente, diplomático e burocrático, pois é assim que são construídas as conquistas positivas em educação e cultura.

Também é possível perceber o quanto é importante a disponibilidade de informações, além da maneira pessoal de como fazemos o tratamento dessas informações, pois, não basta apenas prestar atenção a tudo o que ocorre ao redor, é fundamental observar e questionar o mundo a nossa volta. Diante dessa constatação, a mediação se apresenta com uma dinâmica que responde a esses anseios, pois ela exige dos sujeitos um olhar questionador, crítico, reflexivo, de forma a ensinar essa nova maneira de tratar informações, colocando o sujeito como um pesquisador frente ao que se apresenta em seu caminho e desenvolvendo nele a capacidade de ver o mundo de forma mais ampla.

Está aí a importância da lucidez do educador museal, pois, para atingir uma qualidade e eficácia no processo de mediação, ele irá utilizar elementos de sua formação, estando atento às necessidades do público, bem como ao compromisso pedagógico do setor de educação do museu na escolha das propostas pedagógicas e na adequação ideal, que una as especificidades da dinâmica cultural local e as necessidades de seu público-alvo, a fim de explorar as possibilidades do seu acervo.

De acordo com o IPHAN (2014), nem sempre a Educação Museal se deu dessa maneira, através de uma mediação pautada no diálogo, na participação e no respeito às diferentes manifestações culturais locais. Existiam processos educativos plurais, muitas vezes sem uma orientação programática definida, entre ações pontuais e esporádicas de promoção e divulgação cultural e propostas educativas continuadas, projetos, encontros, formação de materiais de apoio, cadernos temáticos, publicações resultantes de oficinas, dentre outros materiais que demonstravam a existência dos processos educativos, mas sem que houvesse a devida sistematização dos mesmos.

Diante deste quadro, em 2004, com o Decreto Nº 5.040/04, o IPHAN criou uma unidade administrativa responsável por promover iniciativas e eventos para discutir diretrizes teóricas e conceituais, compilar documentos norteadores de ações educacionais e estimular a sua propagação em uma rede de “intercâmbio de experiências e parcerias” voltadas para as ações educativas ligadas à preservação do patrimônio cultural brasileiro.

O IPHAN também reconhece a importância da mediação, entendendo como a maneira de construir novas formas de aprender baseadas nas interações dos sujeitos, em suas relações sociais. A partir delas se dá a apropriação de toda cultura produzida nas gerações anteriores, que interfere na formação dos sujeitos e enfatiza o caráter mediador da ação humana, este repleto de intencionalidade, pois o educador é um formador de consciências.

Essas ações têm efeitos capazes de modificar o mundo através da interferência humana, ao utilizar elementos diversos, sejam os instrumentos, os signos, ou a linguagem. É no processo de mediação entre esses elementos e o homem que se desenvolve a cognição ao longo da vida de um indivíduo. Está presente em sua atuação cotidiana e nas situações de interação social, nas quais ele organiza seu pensamento, estrutura conceitos e utilizando-os posteriormente nos desafios da vida.

Proporcionar uma diversidade de vivências nas quais o homem possa utilizar instrumentos e signos em diferentes contextos culturais e diferentes formas de convívio, práticas sociais e na resolução de problemas cotidianos é também proporcionar uma riqueza de aprendizagens, pois o meio em que as pessoas vivem também são contextos educativos, locais de transmissão cultural e interferem na maneira de cada um se projetar no mundo. “Assim, a mediação pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem humanas, como incorporação da cultura, como domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com outros e consigo mesmo” (IPHAN, 2014).

No contexto da mediação cultural, as modalidades de mediação auxiliam o sujeito que, na maioria das vezes, não é conhecedor de determinada cultura, não é perito em ciências, história, arte, mas possui conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida e

isso o coloca como um potencial fruidor, ao ter contato com novos códigos, e amplia o repertório cognitivo.

Diferente das metodologias comuns na escola, a mediação também se destaca por colocar o sujeito no lugar de um investigador, na medida em que o ajuda a descobrir seu mundo, abre portas para novos conhecimentos, podendo até mesmo ir além, ao aprender a imaginar, reproduzir, fazer, refazer, a partir da leitura pessoal do que está sendo mediado, como afirma Barbieri, (2012): “todas as informações visuais internas e externas são possibilidades de investigação”. Assim como propõe a Proposta Triangular de Ensino difundida por Barbosa (2004), na qual o sujeito tem a liberdade de contextualizar a exposição, em seguida fazer uma leitura das obras e, a partir disso, participar de atividades práticas que explorem essas vivências, articulando contextualização, a leitura das obras e uma produção pessoal (BARBOSA, 2004).

Certamente, algo peculiar na triangulação é a oportunidade de pensar sobre a obra, questioná-la, aproximá-la de suas vivências pessoais e mais do que isso: experimentar! De acordo com Barbieri (2012) “cada experiência que temos é única e, portanto, intransferível, experiências podem ser compartilhadas, mas jamais transferidas para outras pessoas”. O museu não pode ser classificado como o lugar ideal das experiências culturais, mas certamente contribui para que ela aconteça consideravelmente, sendo mais que um ambiente de repasse de informações. “Informação sem imaginação não cria sentido e tem pouca utilidade em nossas vidas”(BARBIERI, 2012).

Nesse sentido, a mediação diferencia-se de uma educação baseada em aprovações e avaliações, na qual, quanto mais informação o aluno for capaz de acumular, mais chances ele terá de ser aprovado. A mediação incentiva a liberdade de pensamento, bem como instiga os educadores à imaginação. Ela os chama “inventores de encontros” (BARBIERI, 2012), devido o envolvimento e a parceria existente nesse processo educativo e o cuidado e a intencionalidade com que tudo é preparado.

Diante da oportunidade de criar e de trocar percepções em relação ao que os sujeitos participantes da mediação ouviram, viram e sentiram, a criação também permite a troca de ideias, informações, percepções e vivências. É certamente um momento

prazeroso e coletivo de partilha, para muitos um momento desafiador, pois será necessário se permitir a fazer algo que está fora da sua zona de conforto e abrir-se a um novo conhecimento.

Para ilustrar essas afirmações, é possível trazer o exemplo de uma mediação que ocorreu no próprio MCC, com o tema “Negritude no Ceará”, na qual, inicialmente, os participantes foram convidados a conhecerem obras de várias artistas que faziam aquarelas com o tema relacionado a ilustrações negras, a conversarem com essas artistas sobre as obras e suas experiências pessoais com a arte negra. Após a conversa, os participantes foram convidados a experimentar a técnica da aquarela. Foi realizada uma explanação sobre a técnica e depois, a experimentação.

Havia ali pessoas de várias idades, desde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, com aptidão ou não para o desenho, mas a ambientação e o convite à experimentação foram feitos de forma que todos participassem do momento, deixando de lado o medo do erro, a vergonha de mostrar-se em seus traços, inicialmente tímidos. Ao final, o que se viu foi que todos estavam satisfeitos com as suas produções.

A troca de informações se deu em vários momentos: nas primeiras impressões das obras, instantes em que as pessoas comentavam entre si o que mais havia chamado atenção delas ou algo que as encantava; na maneira pessoal como cada um entendeu e selecionou determinado desenho; na curiosidade pela técnica e pelo modo como o artista alcançou aquela cor, aquele traço; na separação das cores na pintura; enfim, em variados momentos que despertaram interesse pela aprendizagem em torno da arte, embora a maioria das pessoas ali envolvidas não tivessem contato próximo com aquarelas, Augusto (2014 p.57) indica que:

O público em geral, que não transita em meio às linguagens artísticas, pode se relacionar com o que vê independentemente da sua formação, das informações que possui ou de seu nível de reflexão. Diante do que vê, pode, no mínimo, exercer o juízo estético e acumular experiências para organizar o que gosta e o que não gosta naquilo que vê (AUGUSTO, 2014, p.57).

Depois ocorreu a conversa com as artistas, momento em que cada pessoa teve oportunidade de falar durante a experimentação. Foi o momento da troca de informações sobre a técnica da aquarela, sobre os sentimentos surgidos do medo, da satisfação, da

alegria de estar ali fazendo algo diferente, seguidos de um breve comentário sobre a produção de cada um. Sem dúvida um momento riquíssimo de troca de experiências.

Em todo o processo foi perceptível a preocupação da mediação em relação à escolha do tema, ao convite das artistas, à maneira de conduzir cada momento. O papel do educador mostrou ser o de proporcionar experiências relevantes e riqueza de relações, vivências e partilha de conhecimentos. A preocupação do coordenador do Núcleo de Ações Educativas e da educadora responsável para que tudo ocorresse da melhor maneira demonstrou ser um trabalho que demanda planejamento, dedicação, cuidado e delicadeza.

Com o intuito de efetivar uma aprendizagem significativa, a educação não se restringe somente à escola, ela se associa ao cotidiano das pessoas. A educação escolar é um viés de promoção do conhecimento, e cultura e educação são apresentados pelo IPHAN (2014) como elementos indissociáveis.

Esses elementos são importantes na formação integral do homem. A participação da escola e da comunidade na composição das referências culturais, de maneira que estas façam parte das alternativas pedagógicas e a produção de materiais didáticos e conteúdos são ações que contribuem para o avanço do processo educacional, para além da escolarização. Isso faz com que os contextos culturais sejam também agentes educativos de um processo coletivo de construção do conhecimento, pautado no diálogo e na investigação, elementos já apresentados como pilares metodológicos da Educação Museal. A mediação não se dá somente no ambiente museal, porém, por tratarmos desse ambiente, nesse estudo, demos ênfase à mediação dentro do contexto da Educação Museal.

Nos próximos capítulos, adentraremos com maior precisão de detalhes na formação dos educadores do Museu da Cultura Cearense. Iniciaremos com a caracterização física do museu e depois a descrição das ações educativas cotidianas, pelas quais iremos captar nuances do comportamento dos educadores que influenciam em sua formação.

2 O MUSEU DA CULTURA CEARENSE: EDUCADORES E PRÁTICAS

2.1 O MUSEU DA CULTURA CEARENSE, SUA CONCEPÇÃO, LOCALIZAÇÃO E ESPAÇO FÍSICO

Neste capítulo, conheceremos o local em que a pesquisa se desenvolveu, o Museu da Cultura Cearense, pertencente ao Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura. Por meio do texto, adentraremos nos espaços físicos e nas transformações ao longo de sua existência, de acordo como é apresentado em seu Plano Museológico. O Plano Museológico Memorial da Cultura Cearense, principal documento que rege o Museu, é uma base que nos auxilia a verificar se o que se define na teoria é o que se desenvolve na prática.

Nessa etapa, nos aproximaremos de forma mais direta dos sujeitos da nossa pesquisa, buscando entender como iniciaram os trabalhos no Museu e se envolveram com a Educação Museal. Essa aproximação se deu através das entrevistas coletadas durante a pesquisa de campo, além disso, houve a discussão do Plano Museológico e o acompanhamento de algumas atividades desenvolvidas pelo MCC, que, por vezes, ilustrarão exemplos do cotidiano do Museu, conhecendo, assim, aqueles que compõem o trabalho, com ênfase no Setor Educativo.

O Centro Cultural Dragão do Mar possui dois museus, o Museu da Cultura Cearense e o Museu de Arte Contemporânea. Faremos uma rápida apresentação para que se possa entender a importância deles. O CCDM foi fundado no ano de 1999, tem o seu espaço composto por dois museus, o Planetário Rubens de Azevedo, recentemente reaberto com equipamento de ponta vindo da Alemanha, sendo referência por suas projeções. O Centro Cultural disponibiliza também duas salas de cinema, nas quais se prima por exposições de produções de arte e festivais de cinema, diferenciando-se do circuito de cinema de outras salas da cidade, nas quais há uma ênfase na produção hollywoodiana.

O Centro Cultural possui ainda teatro, anfiteatro e praça verde, locais em que ocorrem festivais de música, teatro, dança, circo, dentre outras linguagens artísticas, além de manifestações populares e eventos culturais, em parceria com órgãos públicos e

privados. Atualmente o Centro Cultural passa por reformas e estão sendo construídas novas salas e um novo anfiteatro.

A escolha do nome Dragão do Mar remete à figura do cearense Francisco José do Nascimento, também conhecido como Chico da Matilde, homem de origem pobre, negro, nascido em Canoa Quebrada, município de Aracati. Ele veio trabalhar no Porto do Mucuripe em Fortaleza, no final do século XIX, período em que os escravos eram trazidos da Europa até o Ceará, sendo de lá levados para o Rio de Janeiro para serem vendidos. Chico, assim chamado popularmente, era um dos profissionais que faziam o transporte dos escravos do Porto até as embarcações em que seriam levados para o sul, portanto, ele estava em contato direto com a realidade da escravidão, iniciando, assim, um movimento de resistência a essa realidade, juntamente com outras pessoas importantes e intelectuais da época.

Em uma viagem ao Rio de Janeiro, em sua jangada Liberdade, decretou que no Porto do Ceará não embarcariam mais escravos e esse feito fez com que o estado do Ceará se adiantasse em 5 anos o movimento abolicionista em relação ao restante do Brasil. O episódio deu ao estado o título de “Terra da Luz”. Por seu grande feito, Chico tornou-se um símbolo da resistência cearense, um homem humilde e corajoso, de história inspiradora e em sua homenagem nomeia-se o Centro Cultural.

O Centro Cultural Dragão do Mar³ é uma instituição que tem o objetivo não só de promover uma agenda cultural na cidade, mas também de ser um espaço de formação artística, diversificando-se e investindo em outros equipamentos como a Escola Porto Iracema das Artes. O espaço oferece diversos cursos, como fotografia, cinema, dança, teatro, desenvolvimentos de jogos online, arte em quadrinhos e cursos no âmbito das artes visuais, todos envolvendo o universo artístico. Desse modo, o Centro se configura como um importante espaço de criação, difusão e formação de artistas e de público consumidor de arte e cultura.

Com uma arquitetura pensada por Fausto Nilo, importante arquiteto e compositor cearense, e o arquiteto Delberg Ponce de Leon, o Centro Cultural Dragão do

3 Para compor esse texto com informações acerca da criação, espaços físicos e histórico do CCDM foram pesquisadas no site www.dragaodomar.org.br/, no Plano Museológico Memorial da Cultura Cearense (2009) e através da apresentação oral dos educadores durante o desenvolvimento do Projeto Museu vai à Escola que foi acompanhado no decorrer da pesquisa.

Mar é coordenado pelo Instituto de Arte e Cultura do Ceará, hoje Instituto Dragão do Mar, que também gerencia outros espaços culturais, como o Cine São Luís, o Teatro José de Alencar, Centro Cultural Bom Jardim, Escola de Artes e Ofícios Tomás Pompeu Sobrinho, escolas de gastronomia e dois centros culturais no interior do Estado, um no Crato e outro em Sobral.

A área ocupada pelo CCDM, hoje rodeada de bares, restaurantes e casas de shows, fazia parte da zona portuária da cidade de Fortaleza, no início do século XIX, por onde eram descarregadas as mercadorias vindas da Europa que passavam pela Alfândega, que hoje, após recuperação e adaptação do prédio, abriga a Caixa Cultural de Fortaleza. Depois disso, as mercadorias eram armazenadas nos armazéns e casarões no entorno do porto. Hoje em dia podemos frequentar os prédios antigos adaptados em bares, restaurantes, casas de shows, estacionamentos e comércios.

No século XX o porto foi transferido para o Mucuripe e a zona próxima ao que hoje é o Dragão do Mar se tornou ociosa. Com seus galpões vazios, somente nos anos 1990 é que o local foi recuperado e construído o Centro Cultural, voltando a valorizar o seu entorno e preservando alguns casarões, nos quais ainda hoje se percebe, em suas fachadas, a gravação do ano em que cada casarão foi construído.

O Núcleo de Ações Educativas do MCC possui arquivos nos quais podemos visualizar fotos antigas da zona portuária de Fortaleza e compará-las às imagens atuais. O material é utilizado para mediações sobre patrimônio, de maneira que se possa discutir a intervenção econômica, cultural e temática na paisagem arquitetônica do local, dentre outros temas relevantes, como a ideia de progresso para a cidade, o turismo, a ocupação formal e informal do território.

Dentre essas imagens do entorno do MCC são destacadas o Monumento ao Cristo Redentor, datado de 1822, em homenagem ao Centenário da Independência; o Seminário da Prainha, ateliers de artistas que moravam no entorno do Dragão; a ponte velha e a ponte metálica; além de mapas que mostram a ocupação da comunidade Poço da Draga. Por meio dessas imagens se pode perceber as diferenças de ocupação desses espaços em cada época e discutir criticamente a utilização desse território, as inovações prometidas para ele e como elas interferem na vida dos que ali habitam.

Essa descrição histórica da constituição do CCDM, ainda que em alguns momentos feita superficialmente, se faz necessária para entender um ponto importante na formação dos educadores museais. Ao compreender a diversidade cultural e artística que o CCDM disponibiliza estruturalmente, compreende-se o contexto em que ele foi criado, a forma como se localiza na cidade de Fortaleza, o contexto histórico dos prédios que o circundam, sua importância para o desenvolvimento da cidade, assim como a relevância do equipamento para difusão cultural. Desse modo, estaremos nos aproximando de como tudo isso influenciará diretamente na formação dos educadores museais do MCC. Vejamos o que nos diz o Educador 4:

A formação museal que a gente tem não é só estar incluído no museu, mas todo o ambiente influencia, o fato de você estar inserido em um local de cultura também possibilita o acesso a mais programações, o cinema, o teatro, ingressos para shows... É um espaço que te insere culturalmente e te possibilita ter mais contato com pessoas também da área de artes e dos museus.

Portanto, como salienta a fala do educador, a própria localização do Museu e as possibilidades que o equipamento do CCDM oferece, compõem importante fator formativo em relação à quantidade de influências que recebem os educadores para exercício de sua função. É, no entanto, algo que vai se constituindo como parte da memória afetiva dos educadores, mas que é impossível descrever por completo como essa influência do espaço se revela em seu trabalho.

Alguns momentos podem ser ressaltados, como o acolhimento a turistas que perguntam algo sobre a história do prédio do CCDM e informações sobre outros locais de visita que estejam ali no entorno. Entender o local em que o CCDM se situa e a sua dinâmica ajuda a perceber as peculiaridades do público que o frequenta, como relata o Educador 6:

O dragão do mar é um lugar de passagem. As pessoas estão no centro fazendo compras e passam por lá, ou visitando o centro histórico, não é um lugar que você vem para fazer uma coisa específica. As vezes não estão nem com vontade de ver a exposição, mas passam por ela por curiosidade. É também um lugar mais popular, que as pessoas já estão acostumadas a vir para shows, ou para os bares que estão ao lado, é um lugar em que se passa.

Os conhecimentos traçados acerca da ocupação do CCDM e seu entorno são também utilizados em mediações e oficinas e fazem parte da programação. Pode-se explicar a concepção do CCDM e sua importância para a sociedade Cearense, comparar a maneira como ocorreu a ocupação do espaço no entorno do Dragão do Mar, antes de sua criação e entender o modo como ocorreu a construção do bairro. Essas são algumas das opções que favorecem a utilização crítica sobre a frequência no Dragão do Mar e seu entorno e a busca de informações que complementam o trabalho pessoal dos educadores.

São exemplos de situações nas quais o educador necessita de conhecimentos fornecidos para além do espaço do Museu e que dependerá de uma dedicação pessoal para se obter as informações necessárias, a fim de se retirarem dúvidas e explorarem temas diversos nas imediações, conforme citado na “ocupação do espaço para modernidade”.

Essas são informações que os educadores vão construindo ao longo do estágio e são disponibilizadas efetivamente aos professores e alunos através, por exemplo, do Projeto Museu Vai à Escola e de outras atividades do Museu. Para tanto, seria necessário apresentar o CCDM integralmente.

No projeto, em sua primeira etapa desenvolvida na própria escola, junto aos estudantes e professores responsáveis pela turma, os educadores apresentam a história do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e do Museu da Cultura Cearense de maneira oral e utilizando recursos audiovisuais.

Portanto, é imprescindível, na formação do educador do MCC, entender o processo de formação do CCDM, sua história e importância, para, a partir dela, discutir os temas propostos no Projeto, que são: museu, patrimônio, arte, memória, cultura, dentre outros temas relevantes para a realidade de cada escola. A segunda etapa do Projeto é desenvolvida no museu e nesse momento os alunos irão realizar a visita às exposições disponíveis.

Ao adentrar o CCDM pela Avenida Leste Oeste, o Museu da Cultura Cearense é o primeiro espaço a ser encontrado. Logo a sua frente estará algum educador ou estagiário responsável pela recepção, que dá informações sobre as exposições disponíveis no museu, sobre os equipamentos culturais que se localizam no entorno, referentes ao

Centro Histórico de Fortaleza. Há grande circulação de pessoas interessadas em visitar esses locais, fazendo perguntas frequentes sobre localização e horários de funcionamento, daí a importância de ter conhecimento sobre o Centro Cultural e seu entorno.

O Museu é constituído de três andares, no primeiro piso localizam-se duas salas disponíveis para as exposições temporárias. Para se ter uma ideia da rotatividade que ocorre nessas salas, durante a pesquisa de campo elas receberam as exposições que contavam a história de vida de Luciano Carneiro, Nelson Mandela, além de uma amostra da arte em machetaria de Silvio Rabelo. Esse exemplo demonstra que há uma grande variedade de exposições.

Ao descer para as próximas salas, também disponíveis para exposições temporárias, utilizamos os corredores laterais que, dependendo da curadoria, podem ser utilizados como espaços interativos, como, por exemplo, na exposição de Mandela. Os visitantes podiam riscar as paredes com frases, desenhos, marcas ou o que desejassem, na maioria das vezes os registros eram feitos relacionados com a própria exposição ou inspirados no momento político do país, que, à época, se aproximava das eleições presidenciais de 2018. Outro exemplo foi com a exposição de Sergio Pinheiro, “Pinturação”, na qual as paredes coloridas preparavam o visitante e o instigavam para o que seria apresentado nas salas seguintes.

Chegando ao próximo piso, encontramos um salão central com acesso a duas salas laterais. Nesse espaço de transição, de acordo com a disponibilidade e dinâmica de utilização das salas pela curadoria das exposições, os educadores promovem oficinas artísticas com as crianças oriundas do agendamento de escolas, além de realizarem rodas de conversas com os estudantes. Em geral, o público escolar se sente muito à vontade no espaço e chegam a sentar-se ou mesmo deitar-se no chão para participar da proposta dos mediadores, demonstrando confiança, desprendimento e interesse no que está acontecendo. É realmente um sentimento de pertencimento em relação ao lugar e uma liberdade corporal que reflete nas produções artísticas feitas por eles, nas falas e nas reflexões expostas no debate.

No mesmo piso, encontra-se o mini auditório com 32 assentos, com capacidade para até 50 pessoas, se complementado com cadeiras avulsas. É uma estrutura pequena,

mas bastante utilizada em eventos, como os Diálogos Culturais, Primavera dos Museus, reuniões e formações, ou durante as mediações. É um espaço que pode abrigar exposições e promover diálogos entre os visitantes. Ele aproxima o museu da comunidade em geral, pois, mediante agendamento, também é possível promover aulas, geralmente de universidades, e encontros de grupos de pesquisa.

Ao lado do auditório há também uma pequena saleta, utilizada pelo Núcleo de Ações Educativas para guardar os materiais que são suportes para as oficinas artísticas, como diversos tipos de papeis, cola, tesoura, lápis de cor, canetinha, dentre outros materiais escolares, além de armazenar, por um determinado tempo, os trabalhos que foram realizados pelos alunos nas oficinas, até que possam ser descartados para dar lugar a novos trabalhos.

Descendo os corredores laterais, encontraremos o último piso que abriga a exposição mais antiga do Museu, a Vaqueiros, iniciada no ano de 1999. Ela ainda emociona crianças, jovens e adultos com o universo sertanejo e é uma das exposições mais procuradas, o que tem garantido a sua extensa permanência, pois além de despertar interesse e encantamento do público, ela é importante para a memória cearense. Com uma diversidade de temas, a exposição Vaqueiros aborda questões políticas, econômicas, geográficas e climáticas, modos de fazer e de viver, enfim, são muitas as possibilidades que ela oferece.

O Museu dispõe ainda de dois banheiros destinados ao público e outros dois aos funcionários, uma sala para o administrativo, na qual se tenta comportar todas as equipes que compõem o seu trabalho interno. Além dessas se utilizam espaços em comum do CCDM para armazenar acervos utilizados em exposições passadas, materiais em geral e até mesmo promover os lanches das escolas, visto que não se pode ingerir alimentos nas salas de exposição. Para tanto, utiliza-se grandes mesas de madeira e cadeiras de plástico disponíveis em um espaço ao lado do piso em que se localiza a exposição Vaqueiros.

A descrição dos espaços do Museu feita nesse trabalho pretende apresentar a maneira como cada um é utilizado, de forma que possamos perceber os ares que fazem das paredes estáticas o ambiente iterativo e cheio de vida, que não é composto somente pela estrutura. A descrição desses espaços é feita de forma a entender que tudo possui a

sua importância e dinâmica de funcionamento e as dimensões materiais e simbólicas deste espaço exercem também uma forte influência na formação da Educação Museal, tanto para os educadores como para os visitantes.

Os educadores relatam que, com a frequência no ambiente do museu, já conseguem comparar e avaliar outros espaços de exposição. A maneira como as exposições estão dispostas, a iluminação das peças e a importância dos destaques feitos pela iluminação. Eles também vêm, em suas mediações, maneiras de aproveitar os espaços do museu para que o público se sinta livre e confortável nas atividades propostas.

As dimensões espaciais do Museu, o ambiente diferenciado do escolar, com suas peculiaridades estéticas, como a sensação causada pela textura do piso de borracha antiderrapante nas passarelas, ou o gelado do piso de mármore das salas, as cores fortes e vibrantes na parede ou o branco silencioso e profundo, dependendo da exposição, a permissão para riscá-las, a maneira como os objetos ocupam os lugares para que sejam visualizados, o próprio desenho arquitetônico do prédio, que dá voltas em torno das salas, subindo e descendo andares que envolvem o visitante na confusão da descoberta do que está por vir, faz com que o MCC tenha a aparência de um labirinto, um labirinto do saber, da arte, da cultura. Seu plano museológico o apresenta estruturalmente da seguinte maneira:

O prédio tem um estilo arquitetônico moderno, possui três andares, construídos em concreto, sendo a área do MCC dotada de uma estrutura física considerável (quase 800m²), possuindo corredores com rampas para acesso às salas de exposições, sendo um dos espaços mais visitados do CDMAC. As estruturas dessas salas apresentam detalhes como porta blindex (vidro temperado), quatro rampas com piso antiaderente, corrimões e pequenas janelas de vidro, apenas com trava de segurança interna, vitrines em blindex, espelhos, banheiros, um mini auditório. Resumindo, são seis salas de exposições, sendo que salas 1/2 para exposição temporária, salas 3/4 para exposição de média duração e salas 5/6 para exposição longa duração. (PLANO MUSEOLÓGICO MEMORIAL DA CULTURA CEARENSE, 2009, p.12).

O plano museológico do MCC intitula-se Plano Museológico Memorial da Cultura Cearense, data do ano de 2009, anterior a mudança dos nomes de memorial para museu, e até o desenvolvimento desta pesquisa, mesmo com a mudança do nome do

Museu já ter sido efetivada há bastante tempo, não houve interferências no Plano Museológico e na mudança de seu título. Inclusive o Museu possuía apenas um exemplar do Plano, em forma física, que pode ser manuseado sem que o documento saísse da secretaria do Museu. Com as necessidades dessa pesquisa, o documento foi, pela primeira vez, totalmente digitalizado e disponibilizado nos arquivos da secretaria para posteriores consultas.

Em 2012, a presidência do Instituto Dragão do Mar foi assumida por Paulo Linhares, e em seu plano de gestão vieram várias mudanças importantes para o Instituto, que até hoje funcionam enriquecendo a identidade do Instituto como um espaço de formação. Uma dessas mudanças é a retomada dos processos de formação em artes visuais em Fortaleza, que consubstanciou na escola Porto Iracema das Artes e hoje é uma das referências para artes visuais do Estado do Ceará, além de outros cursos por ela desenvolvidos, todos relacionados a artes e formando um público diversificado.

Dentre essas mudanças, Linhares também vem pensando o Museu da Cultura Cearense, que, à época em que assumiu a presidência, era nominado Memorial da Cultura Cearense. Ele, como antropólogo, sociólogo, jornalista, veio trazendo algumas reflexões teóricas para a dinâmica de trabalho do Museu, reflexões essas que muitas vezes o próprio Museu deixava de priorizar, como, por exemplo, o envolvimento do trabalho cotidiano elaborado no Museu com uma produção intelectual própria, algo muito valorizado pelo Diretor Paulo Linhares e que, até então, o Museu implementava poucos esforços para alcançar essa produção com maior regularidade.

Segundo Icaro, coordenador do Núcleo de Ações Educativas do MCC, ao assumir a presidência e refletir sobre o Memorial da Cultura Cearense naquela época, ele percebeu que haviam convergências e divergências entre a dinâmica de funcionamento do Museu e a proposta que ele queria. Dentro desse movimento de reflexão, percebeu-se que a identidade do Museu não era a de um memorial, pois o memorial muitas vezes passa uma ideia de uma proposta congelada, fixa, enquanto que o museu está aberto a mais possibilidades.

Para esclarecer na prática essa colocação, foi citado o exemplo do Memorial Frei Tito, que compõe o próprio Museu do Ceará. O Memorial sempre será apresentado com o

mesmo tema, não haverá uma mudança de exposição ou na maneira de fazê-la. Já o Museu da Cultura Cearense possui hoje uma dinâmica muito mais ampla do que a de um memorial, não correspondendo mais a essa nomenclatura de memorial, e sim de museu.

Segundo Barcelos (1999), há uma extensa bibliografia na qual podemos encontrar a definição teórica de museus. O mesmo não se aplica às definições de Memorial como instituição, fragilizando o entendimento sobre este na conservação da memória na sociedade. O autor defende ainda que não se pode resumir o papel dessas instituições e de suas práticas a uma questão conceitual da significância de Memorial e aponta que é importante identificar as categorias contemporâneas que o definem.

O autor cita dois exemplos mais comuns, inclusive internacionalmente. Um deles é o memorial como palco de homenagem a personalidades e seu acervo é baseado em objetos pessoais, fotos e vídeos da pessoa. O outro caso é o Memorial como Centro Cultural. Nesse caso, o espaço carrega o nome “memorial” mas desempenha um papel múltiplo entre as mais diversas linguagens artísticas e objetiva a promoção geral da cultura, com exposições, atividades musicais, palestras, espetáculos, simpósios, seminários etc. Com a apresentação dessa multiplicidade de significações, Barcelos é contundente em afirmar que não é função de um memorial as atividades de um centro cultural:

Arrisco a interpretação de que o que o conceito atual de Memorial preserva - ou deve preservar - para não sofrer o risco de descaracterizar-se na origem, é de que é uma escritura, uma memória institucional, formal, burocrática -se preferirem - o objeto fundamental de um memorial, seja ela qual for. Portanto, exclui-se, numa primeira interpretação, como centro de um Memorial a função cultural em sentido lato (BARCELLOS, 1999, p.7).

O autor fala ainda de uma outra categoria, o memorial como lugar permanente, que conserva e expõe coleções de objetos de caráter institucional, com fins culturais, porém, nesses moldes, a instituição não está a serviço da sociedade, mas para a utilização de fins específicos do Estado. O autor afirma que “o memorial, portanto, sacraliza uma memória” (1999, p.11).

A exemplo de sua dinâmica pluralizada, o Museu da Cultura Cearense trabalha, em específico, com a cultura cearense, mas não se limita a ela, pois também trata com

outras parcerias e propostas que possuem afinidade com os valores do museu. O Museu recebe em seu espaço de exposições de arte contemporânea exposições que vêm por intermédio do edital do Dragão do Mar. Este edital é aberto anualmente e essa ocupação é feita na galeria do piso intermediário do MCC.

A exemplo desta afirmação, em 2013 o MCC recebeu uma exposição que mostrava a história do Brasil em todas as copas do mundo. Não é uma cultura especificamente cearense, mas o futebol é uma cultura nacional e mundial que interessa ao público, então, mesmo não fazendo parte da linha de trabalho do Museu, busca-se receber a exposição, fazendo um diálogo entre a história do futebol brasileiro e seu alcance em nosso Estado.

O Museu recebe também exposições em parceria com outras instituições, como foi o caso da exposição Mandela, em 2018. A mostra veio por intermédio da parceria com o Instituto Brasil África e o Museu do Apartheid. Ela trazia uma temática que não está diretamente relacionada à cultura cearense, mas à cultura em geral, que engloba a luta e a resistência em defesa dos direitos humanos e a história da África. Como Nelson Mandela é uma figura importante para a história mundial, era, portanto, uma exposição que possuía afinidades com os trabalhos expostos no Museu.

Ainda no ano de 2018, o Museu recebeu a exposição Luciano Carneiro, uma parceria entre o Instituto Moreira Salles, que tem atuação no sul do país, em Minas e São Paulo. Tratava-se da história de um importante precursor do jornalismo fotográfico no Brasil e que dá nome à uma importante avenida de Fortaleza. Dessa maneira, os visitantes do museu puderam conhecer esse personagem, seus feitos, ter acesso a artigos e fotografias por ele elaborados.

Portanto, o museu constrói suas ações, ele não é fixo, mas é um espaço dinâmico e possui as suas próprias atividades. Então, nesse sentido, entende-se que a denominação Museu se identifica melhor com a realidade do MCC. A própria mudança de “memorial” para “museu” permite que o Museu receba outras Exposições, outros investimentos. O MCC também é um museu antropológico e, dentro da nomenclatura Memorial, não se poderia classificá-lo como museu antropológico com pesquisas específicas nesse campo, além de que o memorial não tem a necessidade de um plano museológico. O MCC já

possuía uma identidade de Museu, dessa forma foi adaptada a nomenclatura a um trabalho que já vinha sendo exercido.

A elaboração do plano museológico é, sem dúvida, uma fonte de aprendizagem para todos os que fazem o trabalho no museu, independente de ser educador ou não, pois o plano museológico é um trabalho feito coletivamente, de forma que busca ouvir todas as partes envolvidas no museu. Segundo o próprio documento define a elaboração do Plano Museológico "é um processo educativo, de ação e reflexão, que deve ser alcançado com a participação" (SANTOS, 2009, p.1).

Neste documento será especificado a missão e os objetivos da instituição, bem como as aplicações das ações museológicas, uma explanação sobre o modelo de gestão e sugestões para aplicação dos recursos. Todos esses fatores irão refletir diretamente na forma como a instituição irá interagir com a sociedade. Esse processo requer um rigoroso estudo acerca da museologia e de seus princípios. Para tanto, uma especialista no assunto foi contratada para fazer a consultoria e elaboração do documento, a professora doutora, museóloga Maria Célia Teixeira Moura Santos, que encaminhou as reuniões de discussão, organizou os depoimentos destacando as falas necessárias à produção do plano museológico e redigiu o documento, de forma a contemplar os anseios de quem faz o MCC diariamente e os conhecimentos museológicos necessários para composição de um Plano Museológico, alicerçado para o planejamento do Museu, capaz de ser colocado em prática em suas diversas ações.

Inicialmente foi feito um diagnóstico, através de reuniões, nas quais se primava a participação e interação dos diferentes segmentos existentes no Museu, à época. Constituiu-se um espaço de discussão, apresentação de anseios e registro dos mesmos, de maneira que se pudesse retirar, dos discursos, os referenciais para elaboração da missão e os objetivos do Museu. Além desses, outros pontos, como, as fragilidades e potencialidades do Museu, a ação educativa e as de mediação sociocultural.

Ao ser diagnosticada a proposta do Museu, em sua estrutura técnica e administrativa, já havia uma sugestão preliminar do Plano Museológico para nova discussão e aprovação. O Núcleo de Ação Educativa atual não participou desse processo de construção do Plano Museológico, mas o utiliza como base para o seu trabalho e para

composição dos projetos. O conhecimento do Plano Museal é imprescindível para que o trabalho do Núcleo de Ações Educativas esteja alinhado com a missão do Museu, sua identidade e objetivos.

É dedicada uma média de cinco laudas à seção que trata do Programa de Ação educativa e quatro laudas ao Programa de Mediação Sociocultural. Descrevendo a concepção museal do MCC, o documento dita como deverão nortear-se as ações de pesquisa, preservação e comunicação, bem como as ações educativas do museu:

É necessário compreender a ação museológica como ação educativa e de comunicação. Compreendemos a Museologia como uma ciência transversal, aberta a todas as ciências, que analisa a cultura e o conhecimento sob todas as perspectivas científicas. Assim, o processo museológico será sempre construído por meio da ação dialógica, dinâmica, complexa e criativa. Reconhecemos que somos atores sociais responsáveis por criar contextos educativos para a integração criativa e cooperativa permanente entre diferentes sujeitos e contextos sociais e culturais (SANTOS, 2009, p.64).

Dessa forma, as ações museológicas tentam contemplar diversas áreas do conhecimento e baseiam-se na troca e no compartilhamento de informações, estabelecendo confiança e parceria entre os trabalhadores do Museu e entre o Museu e seus visitantes. Isso ocorre por meio de constante formação e informação, contribuindo para cidadania responsável, em prol da preservação do patrimônio cultural, referencial e para a aplicação dos projetos de ação educativa.

2.2 OS EDUCADORES MUSEAIS, SUA IMPORTÂNCIA E O INTERESSE PELO MUSEU DA CULTURA CEARENSE

A necessidade do setor educativo e dos educadores museais se revela no Brasil com a criação do primeiro curso de museologia do Museu Histórico Nacional, que se tornou modelo para outras instituições e promoveu a formação dos primeiros profissionais da área no país. Como revela Telles⁴, existia a preocupação com o papel

4 A historiadora, pesquisadora visitante do Museu Histórico Nacional descreve no artigo “Mostrar, Estudar, Celebrar”, incluído nos Anais do Museu, o início das atividades educativas no país, no período de 1922-1968. É interessante perceber na leitura desse artigo, cujas ideias são trazidas ao longo dessa dissertação, a importância dada, à época, para a criação de um setor educativo incumbido especificamente das questões pedagógicas do museu, ao público a que ele se direciona, bem como às suas atribuições, de forma que pudessem atender as demandas e interesses de uma elite e classe média vigente na época.

pedagógico do museu, particularmente relacionada aos trabalhos desenvolvidos a um público específico, que seria o escolar, e com um fim bem determinado, “visando principalmente a formação da consciência patriótica”. Essa tarefa, no entanto, não desmerece a importância de outras atribuições a esse setor, como a gerência de eventos e a pesquisa pedagógica dentro do Museu.

Reportando à nossa realidade, o Núcleo de Ações Educativas do Museu da Cultura Cearense segue o Plano Museológico de 2009, período no qual o espaço era um Memorial. Não cabe a nós analisarmos os objetivos contidos no documento, mas perceber em quais momentos do discurso se contemplam as diretrizes que auxiliam o trabalho do Setor Educativo. Uma orientação importante, por exemplo, é a missão da instituição: “Promover a difusão, a fruição e a apropriação do Patrimônio Cultural do Estado do Ceará, destacando a sua diversidade, aplicando ações museológicas de pesquisa, preservação e comunicação, visando à inclusão e ao desenvolvimento sociocultural” (SANTOS, 2009).

Não está na missão, por exemplo, a função educativa do museu, porém é possível perceber os princípios desta nos atos cotidianos desenvolvidos pelos educadores, por exemplo, no Projeto Museu Vai à Escola, no qual se elabora uma ampla discussão entre os alunos acerca dos tipos de patrimônio.

A dinâmica do projeto se realiza de tal forma que os alunos podem trazer esse conceito de patrimônio para a realidade do bairro em que se localiza a escola, para si mesmos e para o que eles irão encontrar no museu. Ela se realiza percebendo afinidades e diferenças e compreendendo como é feito o trabalho da museologia e a sua importância, conforme podemos verificar no trecho do Projeto Museu Vai à Escola:

Deste modo, compreende-se que a escola é uma instituição que faz parte do patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, é alimentada por diversos patrimônios culturais, representado pelo conhecimento produzido e acumulado ao longo dos anos, resultado da herança cultural construída pelos sujeitos sociais ao longo da vida, ou seja, a *tradição*, que deve ser compreendida, também como um processo de construção e reconstrução.

Com o Museu Vai à Escola, propomos a realização de atividades transversais, que levem a educação patrimonial para dentro da sala de aula, complementando-se com outra ação que se dá no próprio museu (SOUZA, 2018, p.3).

Quando o Núcleo de Ação Educativa promove um projeto que sua didática parte da realidade do aluno para uma construção social, cultural, histórica e científica existente no Museu, busca-se uma maneira de aproximar o aluno de uma realidade diferente, familiarizando-o com a linguagem museal, expandindo dessa forma as maneiras de comunicar-se, de olhar uma realidade já familiar com um pensamento crítico, uma das metas do Projeto Museu Vai à Escola.

Atualmente o Museu da Cultura Cearense conta com o Núcleo de Ação Educativa, composto pelo Coordenador e outros dez educadores, que cumprem uma média de dois anos de estágio. É importante destacar que é uma média de tempo de duração de estágio, pois nem todos os educadores conseguem completar os dois anos, por diversos motivos que conheceremos mais adiante. Dentre esses, atuantes no museu durante o período da pesquisa, quatro foram selecionados para entrevistas, cujo critério de escolha foi a observação dos trabalhos desenvolvidos, no que se refere à participação em eventos promovidos pelo Museu, das ações educativas e mediações que puderam ser observadas durante a pesquisa de campo, de modo que possamos complementar as entrevistas, ilustrando, quando possível, com as ações desenvolvidas por eles no Museu.

Outros quatro educadores, já egressos, também foram selecionados, dois ainda atuam na área museológica e outros dois terminaram o estágio e dedicam-se à conclusão de seus cursos universitários. A importância dessa escolha se dá porque, com o estágio findado, é possível obter com eles informações sobre um período de estágio já concluído no Museu, e trazer o olhar de quem já passou pelo processo de formação e que de alguma maneira utiliza esse conhecimento adquirido.

Para facilitar o entendimento acerca de quem compõe as falas das entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo e assegurar o anonimato dos participantes da pesquisa, a seguir veremos um quadro que apresenta o nome pelo qual iremos identificá-los, a idade e o curso universitário de origem dos entrevistados. Além disso, a situação no Museu da Cultura Cearense, atuando ou egresso, de forma que possamos conhecê-los minimamente e visualizar a pluralidade de idade e de cursos dos educadores:

Tabela 1 - Informações pessoais dos educadores

Educadores	Idade	Formação	Situação atual
Educadora 1	22 anos	Licenciatura em Ciências Sociais	Atuante
Educador 2	23 anos	Bacharelado em Cinema e Áudio Visual	Atuante
Educador 3	23 anos	Licenciatura em Filosofia	Atuante
Educador 4	34 anos	Licenciatura em Teatro e História	Atuante
Educador 5	25 anos	Licenciatura em História	Egresso
Educador 6	27 anos	Técnico em Design Gráfico	Egresso
Educador 7	30 anos	Bacharelado em Comunicação Social	Egresso
Educadora 8	32 anos	Licenciatura em Letras – Francês	Egresso

Fonte: elaborado pela autora (2019)

Podemos perceber que a idade dos educadores varia entre 22 e 34 anos, contudo não é este um fator primordial para o exercício da função no museu, visto que são selecionados para fazer parte da equipe os candidatos que estão entre o terceiro e o sexto semestre. Os cursos universitários são de diferentes áreas, uma premissa adotada pelo MCC para promover maiores possibilidades de aprendizagens entre os educadores e diferentes olhares na promoção das atividades do Setor Educativo.

Observa-se também a proposição do Plano Museológico, que compreende a museologia como uma ciência transversal, aberta a todas as perspectivas científicas, e a ação educativa do museu, responsável por criar contextos educativos que contemplem diferentes sujeitos e contextos sociais e culturais. Em decorrência disso, é necessária uma equipe plural e capaz de trazer conhecimentos de diferentes áreas de estudo e atuação.

Com o objetivo de discutir de que maneira o interesse pela identidade do MCC e as condições de trabalho interferem na formação dos educadores, buscamos saber, através das entrevistas, o que levou os educadores a optarem pelo estágio como educador museal no MCC. Os motivos apontados foram: a necessidade financeira, oportunidade de estágio, necessidade de complemento de horas para o currículo universitário, oportunidade profissional de trabalhar em um local que possibilite a proximidade com diferentes linguagens da arte, o que não é possível alcançar com a mesma intensidade

somente com o curso ou o ambiente universitário, e a oportunidade de observar *in loco* características de comunicação e cultura.

Outros fatores também são citados: a flexibilidade nos horários de trabalho, a experiência com outras perspectivas de atuação da educação, para além da sala de aula, influência de amigos que já trabalharam no Museu e que recomendaram a experiência, além da própria vivência museal proporcionada pelo estágio.

Entre os educadores, apenas dois já haviam tido experiência em outros museus. Educador 6: *eu já tinha trabalhado com exposições e com galerias, já tinha um lance, um contato com a arte e aconteceu de ter a seleção.* O mesmo se revela com o Educador 4: *esse é o terceiro museu que eu trabalho. Trabalhei antes no MAUC⁵, durante a graduação em teatro, depois eu trabalhei três anos na Seara da Ciência, como bolsista de extensão em cultura e arte, então abriu a seleção do Museu da Cultura Cearense.*

Atualmente o Educador 6 trabalha como educador museal e arte-educador na Caixa Cultural, dando seguimento à carreira de design gráfico que desempenha desde a graduação. O Educador 4 foi aprovado em concurso público para professor de teatro em Maceió e concluiu o ano de 2018 no Museu, porém, não pode finalizar o estágio de dois anos no MCC por ter sido convocado para assumir o serviço público antes da conclusão do estágio.

É interessante perceber que, mesmo sendo uma área restrita, há, por parte dos educadores, a valorização do trabalho desempenhado no museu. Isso é comprovado pelo interesse em dar continuidade à carreira de educador museal ou atuar em outras áreas do museu, como vimos na Educadora 8. Esta, seis meses antes de terminar o estágio, foi selecionada para participar do Projeto Acesso, que promove a acessibilidade de portadores de necessidades especiais ao Museu. Terminado o período do estágio, ela continuou prestando serviços ao museu, período também em que se especializou na área de audiodescrição, por meio de cursos promovidos pela Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal do Ceará, e retornou um ano depois para compor o Núcleo de Acessibilidade do MCC.

5 Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará

Além de atuar como educadora desse público específico, ela também é responsável pela elaboração do texto de áudio descrição das exposições, acompanhando a sua gravação, auxilia no agendamento das visitas, promove cursos de acessibilidade junto ao núcleo do Projeto - que é composto ainda por dois educadores portadores de deficiência visual -, além de auxiliar em eventuais necessidades do Núcleo de Ações Educativas.

A Educadora 8 descobriu-se apaixonada pelo trabalho com a Educação Museal, especificamente no que tange à acessibilidade, de maneira que investiu na área e retornou ao museu desempenhando outras funções. Ela se tornou uma referência para outros educadores, pela experiência adquirida e partilha de conhecimento. Como constantemente vemos nos estudos de Educação Museal, a partilha de conhecimentos é fator primordial para a formação de um educador museal. Outro interesse que merece ser destacado é a experiência de atuação em um local diferente do ambiente escolar.

O meu interesse pelo Museu da Cultura Cearense foi a oportunidade de trabalhar com uma outra perspectiva da educação, porque a Educação Museal era um campo muito distante da minha vida ainda, eu trabalhava muito com a educação popular e também tinha tido experiência com a educação em sala de aula, mas a educação dentro do museu, ao mesmo tempo que era distante, era também desafiador e eu quis experimentar isso (Educadora 1).

O PIBID⁶ me proporcionou uma experiência dentro da sala de aula, a vivência do professor na escola, mas eu não conhecia nada além daquilo, e o processo educativo, ele não é resumido só dentro da sala de aula, existem outras possibilidades. E o museu é um espaço que de fato nem eu sabia que tinha tantas possibilidades de aprendizagem e ações educativas. E então eu pude perceber que a experiência no museu poderia ser muito importante para minha formação enquanto professor, mesmo que eu não fosse dar sequência em uma carreira de trabalho no museu (Educador 3).

Desde a criação do Museu Histórico Nacional há a intenção de valorizar este setor ligado à educação para o atendimento ao público, em especial o escolar. Mesmo com a intenção de acompanhar as correntes pedagógicas na época, tenta-se diferenciar a Educação Museal da educação escolar, muito embora o Museu seja reconhecido como um colaborador para educação de forma geral. Isso pode ser percebido nos seguintes

6 O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais das Universidades, com o compromisso com o ensino público nas redes estaduais e municipais em prol de uma melhoria de ensino nas escolas.

trechos: “a atuação do museu não se restringia ao papel de agência informal de educação pública. A repartição chega a reivindicar o papel de verdadeira assessoria, no que concerne ao uso cívico-pedagógico dos símbolos históricos” (TELLES, 1997, p.199) e em: “o museu é, por assim dizer, reinventado, torna-se um facilitador junto à comunidade escolar” (Telles, 1997, p.201). Conforme vimos, o museu está representado como aliado da escola, funcionando como um complemento educativo, alinhado às correntes pedagógicas vigentes à época, porém, adotando linguagem e metodologias de pesquisa próprias.

Para o Núcleo de Ação Educativa do MCC, no Projeto Museu Vai à Escola, está melhor esclarecido o objetivo das atividades do Núcleo que no Plano Museológico. Vejamos: “proporcionar interação com as instituições educacionais do Estado, utilizando o patrimônio cultural como suporte ao processo educativo e ao desenvolvimento sociocultural” (SOUZA, 2018, p.2). Dentre os objetivos específicos, destacam-se: estreitar os laços da relação museu-escola, conscientizar sobre a importância do patrimônio cultural e sua preservação, realizar intercâmbio entre ensino formal e não-formal, e vivenciar e compreender o museu e seus papéis.

Telles (1997, p.188) faz uma crítica e nos fala sobre o reconhecimento dos museus como “catedrais da ciência”, ou “templo do progresso”, com o objetivo de representar a sociedade burguesa emergente, seus interesses e ideologias de progresso. Com tal intuito, por exemplo, são realizadas no MHN as “festas didáticas da história e da cultura”, nas quais se identificam conhecimentos, informações e promovem congressos, movimentos, manifestações, “tudo isto em um ambiente que se revestia de aspectos de lazer e comemoração, em grande escala” (1997, p.188), ou seja, são festas do conhecimento.

Percebemos que celebramos o conhecimento saído da sala de aula, por meio do qual o professor empolga seus alunos e os instiga para um passeio pelo museu, que se transforma em uma aula diferenciada, descontraída e divertida. Porém, ao longo do trabalho realizado com a mediação, gradativamente, os participantes vão se dando conta de que não é somente um passeio e sim um preparo pedagógico que depende da

disponibilidade dos visitantes para o diálogo e participação. E que desse modo há um maior aproveitamento da experiência no museu.

No decorrer do estágio, os educadores conseguem perceber diferenças marcantes na didática utilizada no museu e relatam isso nas entrevistas comparando as experiências já existentes na escola e quando não há uma experiência docente, comparam o ensino no museu com o ensino escolar. Com isso, o interesse de se obter uma experiência com diferentes perspectivas de ensino, dentre elas a Educação Museal é alcançado.

O trabalho no MCC faz a gente enxergar o museu de uma forma diferente, não é aquele museu histórico que o pessoal diz que só tem coisa velha, ajuda a gente a enxergar o museu com uma ótica de educação mesmo. O museu como uma prática educativa, para sair do esquema da sala de aula e do conteúdo quadrado que a escola muitas vezes impõe e mostrar para os alunos uma perspectiva diferente de fazer história através do patrimônio museal, do patrimônio material também, e assim por diante. Então a experiência no museu trouxe uma prática educativa bastante interessante (Educador 5).

No próprio processo de seleção para compor a equipe de mediadores do Núcleo de Ações Educativas já é possível perceber a diferença entre o trabalho no museu e o trabalho na escola, entre ser um guia de museu ou ser um mediador. No item a seguir, nos familiarizaremos com esse processo, que não é somente de seleção, mas também de formação daqueles que se submetem ao processo seletivo para educador do MCC.

2.3 O INGRESSO DO EDUCADOR MUSEAL NO MUSEU DA CULTURA CEARENSE

Para entender como os educadores iniciam o seu estágio no museu, sentimos a necessidade de fazer uma descrição densa do processo seletivo ao qual eles foram submetidos enquanto candidatos às vagas de educadores do Museu da Cultura Cearense. Esse processo tem uma grande importância, pois irá selecionar, dentre tantos candidatos, um perfil que seja adequado ao trabalho no museu. Entender suas fases e detalhes nos ajudarão a definir esse perfil do estagiário que melhor alcança as necessidades do Museu da Cultura Cearense.

A primeira coisa a ser feita pelo Núcleo de Ações Educativas do MCC no processo de seleção é a elaboração do edital que irá conter a quantidade de vagas a serem

ocupadas, tanto para contratação imediata, quanto para o cadastro de reservas. Esse último é de extrema importância, pois, ao longo dos 4 anos de experiência do Núcleo de Ações Educativas, já aconteceu ser necessário realizar o processo de seleção e contratação mais de uma vez ao ano.

Em avaliação, percebeu-se que a seleção de educadores é um processo muito desgastante para o setor, pois demanda tempo e dedicação, visto que é extensa a programação, composta por duas etapas de seleção. Enquanto o processo de seleção acontece, ainda há outras urgências e demandas do museu e do Núcleo de Ações Educativas que também exigem dedicação. Desse modo, foi lançado, como proposta, um banco de reservas para facilitar a contratação de acordo com a finalização dos contratos ou imprevistos que vão ocorrendo ao longo do ano.

Chegou-se à conclusão acerca da necessidade da seleção anual e da formação do banco de reservas, por meio do qual é possível ir convocando os selecionados de acordo com as necessidades do museu. Não há uma data específica para o lançamento do edital, pois a contratação de novos educadores depende de diversos fatores, como o encerramento de contratos, dispensas, férias, necessidades eventuais em exposições temporárias que necessitam de um quadro maior de educadores, dentre outros. Os motivos são variantes e muitas vezes imprevisíveis e nesses casos o banco de reservas auxilia bastante nas demandas eventuais que acontecem no Educativo. Porém, normalmente a validade do edital equivale a um ano.

Além da quantidade de vagas, o edital contém o valor da bolsa, a carga-horária, as fases do processo e as datas, muito embora ocorram imprevistos quanto às datas das fases, sendo necessário entrar em contato com os candidatos, geralmente através de endereço eletrônico. É divulgada também a ementa que contém os detalhes de cada etapa com as prováveis datas e horários, mas nem sempre se consegue cumprir os prazos, de maneira que é necessário comunicar publicamente, além de entrar em contato diretamente com os candidatos.

O Núcleo de Ações Educativas está sempre fazendo esse diálogo com as pessoas, tentando ser o mais transparente possível no processo de seleção dos educadores. É importante salientar que a área de conhecimento que o edital abrange não é limitada às

ciências humanas, para que haja uma diversidade de candidatos e cursos universitários nos currículos apresentados.

Para se obter um grande número de visualizações e a comunidade universitária poder ter acesso ao edital, este é divulgado, sobretudo, nas redes sociais. É feito o material gráfico de divulgação em meio eletrônico, o cartaz, que vai para a área de comunicação do Dragão do Mar e é divulgado amplamente nas redes sociais e no site deste Centro Cultural. Geralmente o cartaz e o edital possuem um grande número de compartilhamentos, característico dessa forma de divulgação feita nas redes sociais, em meio online, como comprova a fala do Educador 2: *vi a oportunidade de estágio através de uma publicação do facebook que uma amiga minha me marcou*. A procura de candidatos é extensa, por isso o intervalo entre o lançamento do edital e o prazo de inscrição se dá em um tempo razoavelmente limitado, geralmente duas semanas.

Esse tempo é limitado, pois à medida que há uma grande procura, há também a necessidade de tempo e disposição do Núcleo de Ações Educativas para avaliação dos currículos e das demais fases do processo de seleção. Quanto mais currículos, mais dificuldade na seleção. No último edital, que ocorreu em maio de 2018, por exemplo, foram recebidos em torno de 250 currículos para a seleção de contratação imediata de dois candidatos e formação do banco de reservas, o que comprova que há uma grande procura para as vagas de educadores do MCC.

Na primeira fase da seleção consta a análise de currículos. Em um trabalho interno do Educativo, inicialmente é feito um levantamento dos cursos universitários já contemplados no museu por meio das áreas de estudo dos educadores atuantes. O objetivo é agregar novas áreas e aumentar o leque de possibilidades educativas que o museu poderá oferecer ao público, pois a área de estudo de cada educador influencia diretamente na maneira de promover as mediações no museu.

O interessante, portanto, é que haja uma maior diversificação das áreas de atuação para o atendimento do público que frequenta o museu. Nesse contexto, terá maior chance de aprovação um currículo de um curso que ainda não está contemplado no grupo educadores atuantes, ou que seja, uma área de estudo diferenciada e interessante para o museu.

Posterior a essa análise dos cursos universitários, interessa ao Núcleo de Ações Educativas investigar nos currículos as experiências dos candidatos com outras atividades acadêmicas para além da sala de aula, como o envolvimento em projetos de extensão, a pesquisa, monitoria, a participação em grupos de estudos, realização de atividades de movimento estudantil, participação em grupos de cultura ou cursos relacionados às artes.

Mesmo sabendo que a maior parte das experiências que são interessantes para o museu não esteja expressa nos currículos, há determinadas habilidades que são percebidas em outras fases e que contribuem para a escolha do candidato, como por exemplo, a existência de candidatos que tocam um violão, ou outro instrumento musical, candidatos com experiência em teatro ou atuação em grupos de comunidades ou experiências diversificadas. Esses fatores contribuem na escolha, pois, pela experiência do Educativo, é perceptível a facilidade que candidatos com esse perfil têm em se adaptar mais rápido ao trabalho no museu.

Os critérios de análise dos currículos são basicamente as áreas interessantes ao museu naquele momento, procura-se agregar aquelas não presentes nos educadores - e as experiências das pessoas com atividades que contribuem para o trabalho no museu, pois este lida com um grande público e, por consequência, necessita também de uma ampla rede de experiências para além da universidade.

Também é possível verificar nos currículos o tempo ideal em que o candidato está cursando na universidade, que seria entre o terceiro ao sexto semestre, período em que, como aluno, o candidato já possui um pouco de maturidade na sua área específica e tempo disponível para o estágio, sem prejudicar o andamento do curso e poder se dedicar ao estágio no MCC.

O quadro atual de educadores do Núcleo de Ações Educativas já passou por esse processo seletivo mais amadurecido, no qual são selecionados os currículos por área e, das selecionadas, são retiradas aquelas mais adequadas ao trabalho desenvolvido no MCC. O objetivo é colocar as áreas que são necessárias no museu e que estão em falta ou que ainda não foram contempladas. Dentre as áreas em falta até o momento de realização dessa pesquisa estão as Artes Visuais e a Pedagogia.

Quanto à área de Pedagogia, percebeu-se que, embora o trabalho desenvolvido pelo educador museal seja também um trabalho pedagógico, não há muita procura dos estudantes do Curso de Pedagogia para esse tipo de seleção. Não se recebem muitos currículos de pedagogos e, quando se recebe, estes estão aquém dos outros currículos apresentados na seleção, ou acabam por serem eliminados nas etapas seguintes por não atenderem aos critérios que compõem cada fase da seleção.

É prioridade do Núcleo de Ações Educativas experimentar áreas diversas para compor o quadro de educadores, pois o Museu é percebido pela coordenação do Núcleo de Ações Educativas como um lugar passível de diversas possibilidades pedagógicas. Também se percebe que em muitos museus da cidade tem-se o costume de trabalhar com estudantes de História, Pedagogia, Artes, Filosofia, Geografia, e não vai além desse universo das licenciaturas. No entanto, entre as Artes Visuais e as Artes comuns às ciências humanas, tem-se visto o surgimento de disciplinas novas que abrangem a arte em seu fluxograma curricular. Isso acontece com os cursos de Psicologia, Design, Arquitetura e Publicidade, que entendem a Arte como área importante a ser estudada.

Portanto, abranger áreas diversas é uma oportunidade de entender como é que se dá o trabalho com elas dentro do Museu, ou seja, como se dá essa relação entre museu, educação e área das ciências exatas, por exemplo. É sobretudo uma oportunidade de experimentar. No processo seletivo, sem definição de área específica, o Núcleo de Ações Educativas já recebeu currículos do Direito, da Administração, do Sistema de Mídias Digitais, da Biologia, e essa abrangência empolga o Núcleo de Ações Educativas para experimentar o diálogo entre elas e o museu. Apesar delas não constituírem o perfil esperado do museu, pode-se trabalhar com a cultura cearense, que tem uma amplitude muito grande de possibilidades para o desenvolvimento pedagógico.

A segunda fase do processo seletivo descrito aqui conta com uma entrevista coletiva. Esta tem um roteiro geralmente de seis perguntas e, embora seja uma entrevista coletiva, as perguntas são individuais. Elas são entregues aos candidatos e é dado um tempo para que eles elaborem as respostas, depois, reunidos no grupo, eles vão falar sobre os pontos que lhes foram entregues. Os temas a serem explicitados versam sobre a trajetória na universidade; a trajetória profissional; as experiências que eles acreditam que

vão favorecer o trabalho no museu; pontos fortes e pontos positivos sobre formação; além de perguntas que sugerem adaptações a situações-problema, como citar um momento em que o candidato teve que assumir um erro, o que é difícil para as pessoas fazerem, pois nesse momento é preciso admitir fraquezas.

Esse primeiro contato pessoal se apresenta como um momento bem interessante para os avaliadores perceberem as pessoas em sua fala, como se colocam diante do público, como dialogam, como a pessoa se vê e se apresenta no ambiente do museu. A percepção dos comportamentos e o saber lidar com o público são importantes, pois o trabalho no museu exige a postura de pessoas que trabalham com desconhecidos e advindas de lugares diversos.

Essa avaliação é sempre feita por mais de uma pessoa do Educativo e da Administração, geralmente três pessoas, podendo ser não só do núcleo da coordenação, como também educadores mais experientes, pessoas que tenham competência para participar do processo seletivo como avaliadores. É estabelecida uma meta geral para a etapa da entrevista e para cada candidato é com isso gerada uma nota de acordo com o seu desempenho na entrevista.

A partir da meta que foi estabelecida e considerada como uma nota média, é feito um corte, observando quem conseguiu atingir e ir além da nota de corte, selecionando, dessa forma, os candidatos que irão participar das próximas fases da seleção e eliminando os candidatos que não atingiram a meta. As próximas provas são na modalidade escrita e oral, são os dois momentos finais da avaliação. É um processo difícil, desgastante, complicado, mas foi a melhor forma que o Núcleo de Ações Educativas encontrou para identificar perfis que possam se adequar à estrutura de trabalho no MCC.

Passada a fase da entrevista, vem a da avaliação escrita, na qual os selecionados fazem uma redação. O Núcleo de Ações Educativas estabelece uma proposta de redação, geralmente uma dissertação de 15 a 20 linhas, com alguma temática que envolva patrimônio e cultura. Nessa fase é visto principalmente o que o candidato entende das temáticas, o que ele escreve e pensa sobre isso, se já possui e utiliza referências sobre o assunto debatido. Foi relatado que geralmente as redações trazem textos muito

interessantes, bem elaborados, e, nos últimos anos, o Núcleo de Ações Educativas tem pensado em como aproveitar essas redações junto aos candidatos. No entanto, ainda sem solução para o aproveitamento das redações, a cada ano muito se perde do que é produzido nessa fase que envolve a escrita.

Na última etapa, a da avaliação oral, consta uma mediação elaborada pelos próprios candidatos, mesmo sem haver uma explanação prévia do que o museu entende por mediação. Então, o coordenador do Núcleo de Ações Educativas escolhe o lugar em que se dará a mediação, geralmente uma exposição do museu. Da exposição, o candidato escolhe uma obra, ou uma sala, ou um percurso para fazer uma mediação de dez a quinze minutos, no máximo. A ideia, nesse momento, é provocar os candidatos para que eles revelem suas aptidões, mesmo que estas não estejam lapidadas, pois não é explicado para o candidato o que é uma mediação e o que eles têm que fazer nesse processo.

Portanto, é dada a responsabilidade do candidato colher informações sobre o que ele irá mediar, incumbindo-se de preparar a fala, revelando aí o interesse deles pelo trabalho. É possível nesta etapa perceber aquele candidato que realmente se dedicou, além disso, pode-se observar sobre o que eles leram, quais referências utilizaram, identificando assim qual o candidato que foi somente no site e reproduziu o texto disponível, ou mesmo se não foi procurar referências nenhuma. A experiência da seleção é marcante, conversando sobre ela um educador relembra:

Primeiro houve uma seleção de currículos, depois os certificados de seminários, a prova escrita que era uma produção textual com os temas patrimônio, importância dos museus e Educação Museal. Devido ao contato com a história eu não tive muita dificuldade em desenvolver o tema, mas não tinha muito contato com a Educação Museal, nem muitas leituras, então eu não fui selecionado nos primeiros lugares. Logo depois teve uma avaliação prática que foi uma mediação de uma exposição e acabei estudando na hora. Era a exposição de Babinski, e eu não tinha tanto contato com esse artista, mas consegui desenvolver algumas coisas, porque a obra dele tinha muito a ver com a vinda dele da Europa para o Brasil devido a guerra e também falava sobre a questão industrial, de forma que pude usar o saber histórico que eu tinha. Mas mesmo assim foi desafiador pra mim (Educador 5).

Alguns candidatos superam as expectativas, trazendo conceitos sobre arte contemporânea, patrimônio, revelando esses elementos em suas falas. O coordenador do

Núcleo de Ações Educativas observa que alguns candidatos vão além do esperado e fazem leituras das obras da exposição melhor do que os próprios educadores do museu.

Neste momento da seleção, em que se prepara a mediação, não há uma avaliação deles enquanto educadores pois representa uma maneira de aproximar a comunidade da Educação Museal, de forma a fazer com que os próprios candidatos possam perceber e valorizar como são os bastidores da preparação do processo de mediação.

A descrição detalhada sobre o processo de seleção dos educadores nos fez perceber que, desde o início, antes mesmo do profissional entrar no museu como educador, já existe, nesse processo, uma espécie de formação, um despertar para os temas trabalhados no MCC, para a didática que se desenvolve na Educação Museal. Essa formação também dá conta das experiências acerca da pesquisa individual do candidato a respeito da exposição que ele irá mediar, da ambientação do espaço do museu e sua dinâmica de funcionamento.

A seleção de educadores não é um processo fácil para ambas as partes, candidatos e Núcleo Educativo. É um processo desgastante de avaliação e de compromisso com a qualidade do trabalho educativo desenvolvido no museu. Mesmo assim não se pode garantir que o processo elegerá bons educadores, pois essa função envolve interesse no ensino, pesquisa, Educação Museal, além de habilidades com relações pessoais e trabalho em equipe, como nos relata um dos educadores:

Para que o educador tenha proatividade dentro do museu, ele precisa entender que ambiente é esse que ele está, quais são as suas funções e os seus objetivos. Não é estar aqui apenas pelo dinheiro da bolsa, mas entender esse local como um local educativo. Assim como também é preciso ter empatia para o trabalho em grupo, não é só apresentar projetos de eventos e mediação, é preciso saber trabalhar em equipe, pois as relações afetivas ou a falta delas podem atrapalhar o trabalho no museu (Educador 5)

Outro fator importante para o desempenho da função de educador museal, que não se define com facilidade em um processo seletivo e só pode ser observado e avaliado no decorrer do estágio: estar disposto aos desafios com a diversidade de público do museu, ou seja, a superar dificuldades pessoais, principalmente relacionadas à comunicação com um público de idade e de procedência variantes.

O museu me ajudou bastante, pois eu tenho uma história de que o museu me ajudou muito na minha parte de desenvoltura, eu era muito tímida, eu não conseguia falar muito em público, então o museu ajudou muito nessa parte, em me expressar, em aprender a me expressar e a falar com o público e lidar com o outro (Educadora 8).

Como visto, é necessário que o educador tenha disponibilidade para tais desafios que também fazem parte da formação do educador museal. Não é algo formal, mas é imprescindível ao cotidiano do trabalho e se obtém por meio da experiência que se vai adquirindo com os modos de agir no museu, pela forma de abordar os visitantes, pelo cuidado com as linguagens utilizadas que mesclam o conhecimento de cada exposição e a maneira como se constrói conhecimento com o público. A seguir, nos familiarizaremos com o saber fazer dos educadores em seu trabalho cotidiano no Museu.

3 O TRABALHO COTIDIANO DO EDUCADOR MUSEAL

As origens históricas das atividades educativas desenvolvidas no Museu Histórico Nacional, primeiro museu brasileiro formador de profissionais específicos para o trabalho nos museus do país, nos mostra muito do que era importante para a época, nos primeiros anos de atividade do Museu. Já havia o interesse em formar uma equipe dedicada à educação, ainda que não definida especificamente como Educação Museal, mas já se percebia essa necessidade com a preocupação pedagógica e didática do trabalho que acompanhasse o ritmo escolar, complementando-o, adotando a mesma pedagogia, porém, adaptando a didática às finalidades das atividades educativas no Museu.

No Plano Museológico do Museu da Cultura Cearense há uma seção específica que trata da Educação Museal, e encontramos, em alguns dos seus objetivos, indícios de direcionamento para as ações do Núcleo de Ação Educativa. São listados vinte objetivos, dos quais, quatro são observados na prática cotidiana do educativo. Não quer dizer que os outros não estejam sendo colocados em prática, até porque é um documento que trata do museu como um todo, em seus diversos setores. No entanto, é possível perceber a clara influência dos objetivos do Núcleo de Ações Educativas, conforme destacados a seguir:

- Musealizar o conhecimento produzido pelos diversos projetos, expondo, classificando, documentando, conservando, divulgando, por meio de uma ampla rede de comunicação e promovendo a sua utilização;
- Empreender ações de fomento, estudo, intercâmbio, qualificação e pesquisas nas Áreas da Cultura e da Educação;
- Potencializar os recursos educativos das comunidades, realizando o intercâmbio necessário entre o ensino formal e o não-formal, um alimentando o outro;
- Interagir com as instituições educacionais do Estado, elaborando projetos com o objetivo de utilizar o patrimônio cultural como suporte essencial ao processo educativo e ao desenvolvimento sociocultural (SANTOS, 2009, p.47).

Na prática, as palavras escritas no Plano Museológico tomam forma de projetos que buscam expandir o museu para outros públicos, por exemplo, a Primavera dos Museus, feito em conjunto com outros museus da cidade e o Projeto Museu Vai à escola. Os projetos são uma fonte de formação não só para os estudantes, mas também são uma

experiência enriquecedora para os educadores e fazem o elo entre o ensino formal e não formal e as instituições que trabalham com educação. Também são importantes o arquivo de mediações para posteriores consultas, o registro fotográfico de ações museais do Núcleo de Ações Educativas, dentre outras atividades que se desenvolvem e que durante a pesquisa de campo não puderam ser observadas.

As funções dos educadores não estão delimitadas, documentadas, mas percebe-se nelas traços da influência do documento que rege o Museu no trabalho do Núcleo de Ações Educativas. Aos educadores cabe participar dos encontros de formação acerca das exposições, geralmente eles iniciam antes mesmo delas serem montadas, e preparar planos de mediação relacionados às exposições que abranjam diversas idades. Normalmente os planos são elaborados à luz dos saberes provenientes dos cursos de graduação, das vivências pessoais dos educadores e dos saberes construídos a partir de outras mediações. Também é pedida dos educadores a participação nos cursos promovidos pelo museu, de maneira que a equipe é organizada para que possa participar, mas nem sempre os horários serão favoráveis a isso. Podemos averiguar a diversidade de formações e participações em eventos nas seguintes falas:

Tanto nós fazemos uma preparação teórica para mediação, e falas de curadores, falas de artistas, acompanhamos montagens de exposições, isso facilita o nosso trabalho, como também aprendemos a cada experiência, desenvolvemos muita coisa na hora com os grupos (Educador 6).

Então eu fiz uma formação na caixa cultural sobre conservação de acervo, a gente fez as formações com os artistas que estavam expondo, sobre o processo criativo deles, e tem as formações também no museu com o Ícaro, onde cada um leva o seu material. Como por exemplo, vai ter uma exposição agora sobre fotografia, então eu trouxe um texto sobre história e imagem, e também deixei um da fotografia como documento e como arte. Geralmente o coordenador pede materiais sobre o assunto e como já estamos acostumados a pesquisar, espontaneamente nós trazemos os materiais. Também tive uma formação sobre conservação de acervo e curadoria, pelo Porto e Mini Museu Firmeza e tenho acesso a biblioteca do Dragão. Teve o curso de acessibilidade que eu não pude participar por conta do horário, um curso de um mês, mas os outros educadores me passam uma formação mais informal (Educador 4).

Também é competência dos educadores preparar e/ou ministrar oficinas de arte educação. Os educadores ministram oficinas dentro da mediação e uma das etapas é a

produção pessoal dos visitantes utilizando as técnicas que os artistas utilizaram na exposição ou relacionada a um dos temas trabalhados durante a mediação.

Os educadores também preparam uma programação que pode envolver diversas atividades, como a visita ao museu, oficina de artes, seguida de uma roda de conversa sobre os temas já trabalhados. Um exemplo que pode ser citado, acompanhado durante a pesquisa de campo, foi o trabalho realizado em comemoração à Data Magna do estado do Ceará, celebrada no dia 25 de março, dia em que se comemora o fim da escravidão e é feriado no Ceará.

Devido a outros compromissos do Museu, a atividade educativa não pode ser realizada na Data Magna, sendo realizada posteriormente, em 19 de abril de 2018. A atividade foi organizada pelo Núcleo de Ação Educativa, sob responsabilidade da Educadora 1. Os participantes puderam visitar a exposição Luciano Carneiro, logo houve a oficina de aquarela ministrada pelas artistas Silvelena Gomes e Tamires Ferreira. Foi feita uma fala direcionada à aquarela que retratava o povo negro e por meio da técnica da aquarela foi trabalhada a autoestima e a representatividade da negritude no campo das artes.

Antes de iniciarem a prática com a aquarela, asicineiras fizeram uma roda de conversa em que todos os participantes puderam falar sobre como se reconhecem e são representados na arte. Depois apresentaram seus trabalhos baseados na beleza e sabedoria negra, para então adentrarem no assunto da técnica e prática em aquarela.

Em seguida aconteceu a oficina na qual todos os participantes puderam experimentar a técnica da aquarela fazendo uma produção própria, houve o diálogo cultural com o professor Hilário Ferreira, que falou sobre a literatura existente no estado e os estudos acerca da negritude no Ceará, e a militante Emanuela Martins, que direcionou sua fala para a sua descoberta como mulher negra e sua integração nas lutas em defesa da qualidade de vida e oportunidades para o povo negro. Na plateia haviam professores da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB que partilharam a experiência da negação do povo negro na cidade de Redenção, e também haviam estudantes e militantes, professores de diversas áreas que participaram do debate com falas e questionamentos.

Para realização da atividade foram utilizados diversos espaços do Museu, as salas de exposição, o Ateliê e o auditório, diversificando ambientes e explorando os espaços. Constituiu um exemplo de atividade produtiva, pensada a partir de uma data especial para a Cultura Cearense, sob a responsabilidade de uma educadora do Núcleo de Ação Educativa, com um público significativo e diverso que proporcionasse o diálogo entre o museu e outras instituições e que desse voz a um público específico e diferenciado, pois foi uma atividade que pretendia alcançar especificamente o público negro.

À medida em que se cria uma intimidade com o Museu e com o trabalho de Educação Museal, os próprios educadores lançam propostas de atividades envolvendo outros grupos que eles participam ou conhecem, escolas que trabalham ou comunidades de que fazem parte. Eles propõem temas que explorem as exposições, programam oficinas e aproveitam o trabalho realizado no museu em outros espaços de trabalho:

Eu consigo por exemplo, pegar as mediações e passar elas para o francês e também fazer com que os meus alunos venham ao museu, despertando a curiosidade deles, a partir dessa tradução do português para o francês. Às vezes eu passo trabalhos para eles, peço que façam perguntas aos educadores sobre a história da exposição, e sobre o que fala a exposição, também que eles peçam para os educadores fazer uma mediação e que ao final os alunos façam um trabalho escrito, que eu dou uma nota pelo trabalho (Educadora 8).

Além das atividades feitas pelos próprios educadores como mediações, existem as atividades educativas, os projetos como o Museu Vai à Escola, a participação em eventos, seja auxiliando na produção do evento, seja como educando, e também fazem parte do rol de funções do Núcleo de Ação Educativa a promoção de eventos, oficinas, e diálogos com especialistas em determinadas áreas como relembra o educador:

Nós também fazíamos ações para expandir o museu, como tirar foto com todo mundo no final de uma mediação, pedir para marcar o museu e os educadores, pede para seguir as páginas no facebook e no Instagram, também estar sempre promovendo eventos, rodas de conversa, oficinas, minicursos tanto para quem é educador como para quem é interessado na área. E também tem a atividade final de estágio que todos os educadores fazem quando estão saindo do estágio e eu fiz uma mesa falando sobre cultura popular, pesquisas e experiências em cultura popular, com os professores Oswald Barroso e Lurdes Macena (Educador 5).

Como citado acima, existe ainda a atividade de conclusão de estágio que consiste, em sua maioria, em preparar uma roda de conversa, como foi o caso do Educador 5 que fez uma roda de conversa sobre Pesquisa em Arte Popular com dois pesquisadores da área. Como podemos ver, as atividades elencadas pelo Educador são diversas.

Resgatando nossas fontes históricas sobre o trabalho do educador museal, podemos perceber em suas funções o total direcionamento da educação à uma ideologia cívica, enquanto que no MCC se percebe uma educação voltada para o conhecimento e valorização do patrimônio e da cultura Cearense. Segundo Telles (1997 p.195), a educação patrimonial veio a se tornar popular na década de setenta e no final dessa década começou a ser implantada a divisão dos setores que cuidariam especificamente do processo educativo em museus, tornando-se o centro das preocupações dos profissionais das instituições museológicas.

Sobre o trabalho do educador e a responsabilidade de auxiliar na educação cívica da sociedade, uma das funções a serem cumpridas pelos educadores no Museu Histórico Nacional era a apresentação dos símbolos do poder da sociedade burguesa brasileira emergente do século XX, suas relíquias nacionais e os fragmentos da memória do império no Brasil para torná-lo conhecido e apreciado, inculcando nos visitantes a memória de um passado glorioso. A ideia à época era a de que “os objetos, reunidos de maneira adequada, ensinam não apenas o passado, mas o amor pela pátria” (Telles, 1997 p.195).

Os educadores também eram solicitados a participarem dos eventos em prol do progresso e da civilização, participarem de amostras organizadas especificamente com este fim, que propagavam a imagem do país como um território rico em recursos naturais, além de estarem em eventos importantes internacionalmente, como o exemplo que a autora cita:

E algumas das coleções organizadas por esses servidores públicos se tornaram as vedetes das vitrines do Brasil, como por exemplo, a coleção de madeira que foi muito apreciada na exposição de 1867, em Paris, atraindo a atenção de carpinteiros e marceneiros de diversos países que ali trabalhavam. (Telles 1997, p.193)

Como a própria autora comenta, a imagem propagada do Brasil nesses eventos internacionais é a de um “país periférico, exportador de matéria prima”, como um quintal de terras ricas e férteis, aberto ao mundo, com belas frutas a se vender e favorecer uma determinada classe social e também um país com espaço suficiente para se depositar o entulho indesejável que já não serve a esta mesma classe. Nessas exposições, não se destacava o país pela tecnologia alcançada, mas voltavam-se os olhos para riqueza de recursos naturais.

No trabalho realizado no MHN, os educadores adotariam a “pedagogia cívica”, baseada na doutrinação do público para a virtude cívica e formação da consciência patriótica, sendo um organismo importante do Estado Nacional, com o compromisso de auxiliar na construção da identidade da população brasileira.

O setor pedagógico do Museu deveria ser voltado para o público geral e também atender a um público específico, o escolar, e ser um instrumento propagador das ciências, das artes e da consciência cívica. Dando importância especificamente ao público escolar, existia uma preocupação com a propagação do método científico, assegurando ao Museu o título de agência pedagógica, incentivando também entre alunos e educadores os métodos para realização de pesquisas e a pesquisa pedagógica, e a aplicação das ciências naturais à diferentes atividades ligadas à agricultura e à indústria.

O que era desenvolvido com relação a uma Educação Museal na época baseava sua prática na pedagogia vigente de seu tempo, a “escola ativa”, que Lourenço Filho (1978) também classificava como o Ensino Ativo, Ensino Prático ou Escola Ativa. Esses princípios foram difundidos no Brasil, principalmente na década de 30, com o movimento do Escolanovismo.

A escola ativa, ao contrário, concebe a aprendizagem como um processo de aquisição individual, segundo condições personalíssimas de cada discípulo. Os alunos são levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que lhes sejam apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicas (LOURENÇO FILHO, 1978, p.151).

Porém, esses princípios deveriam ser adaptados às necessidades e à dinâmica do museu. Com a emergente formação de um público escolar, as exigências no trabalho

também começam a ser solicitadas, como conhecimentos em psicologia, pedagogia, além da “técnica de museus”, que habilitavam o educador a trabalhar com o público escolar.

Atualmente as ideias do autor Paulo Freire são amplamente difundidas como base e aporte teórico para a Educação Museal. No Caderno da Política Nacional de Educação Museal é exposto, na Mesa-Redonda de Santiago do Chile, sobre o papel dos museus na América Latina. Foi realizada em 1972 e o autor foi convidado e deveria estar presente, porém, devido a problemas políticos, não pode comparecer, mas sua ausência não enfraqueceu os debates, eles aconteceram, sendo considerado um marco para área museal, para o desenvolvimento de políticas públicas, configurando a abertura a uma nova prática social nos museus:

A influência do pensamento de Paulo Freire para este movimento de renovação da Museologia já se fazia notar no convite a ele feito para a presidência da Mesa Redonda de Santiago do Chile. Apesar de não ter conseguido participar do evento por causa da situação de autoritarismo que assolava toda a América Latina na época, o papel exercido pelo pensamento de Paulo Freire nas novas experiências de museus foi marcante, principalmente pela transformação do “homem-objeto em homem-sujeito”, como assinalou Hugues de Varine-Bohan, em 1979. A partir desta concepção, Varine formulou uma importante metáfora nesta mudança de paradigma dos museus e da própria Museologia, junto à realidade sociohistórica da multiplicidade de grupos humanos, ou seja, da comunidade em que está inserido e, por assim dizer, com que se compromete. (IBRAN, 2018, p.16)

Ainda segundo o caderno (IBRAN, 2018, p.16), o método e ideias filosóficas de Paulo Freire trouxeram o conceito de “museu integral”, proporcionando à comunidade uma visão de conjunto do seu meio material e cultural, além do museu ser considerado um instrumento de transformação da sociedade por meio da educação. Desde o evento no Chile, existe uma maior abertura para os debates acerca da Educação Museal, da museologia e do papel social dos museus. Inclusive parte das ideias de Paulo Freire e da educação popular a inspiração para formação da Museologia Social, valorizando a história construída em meio popular, no cotidiano das pessoas.

Estando arraigada historicamente a prática museológica à conservação da arte e da cultura, a função social do museu vai além da contemplação de obras. A Museologia Social se destaca fazendo uma crítica à sociedade, na medida em que se revela um espaço que chama atenção para os problemas e interesses dela própria e age na redução de

preconceitos e diferenças sociais, na democratização ou reabilitação da dignidade social, que ativa a vida de pessoas comuns e personalidades em seus fazeres e ofícios de bordadeiras, lavadeiras, agricultores, personalidades comuns, que contribuíram para o crescimento de seus territórios, verdadeiros heróis do cotidiano.

Freire (1980) indica que “a visão educacional não pode deixar de ser, ao mesmo tempo, uma crítica da opressão real em que vivem os homens e uma expressão de sua luta por libertar-se” (FREIRE, 1980, p.8). É, portanto, uma educação baseada na realidade concreta, com um olhar crítico sobre ela, que traz para o povo a possibilidade de escolher o seu próprio caminho, de serem protagonistas de suas histórias, trabalhando para além da idealização da liberdade e com a capacidade de mobilização popular para conquistá-la.

Na Museologia Social o saber é produzido com satisfação e prazer, no aprender através do diálogo da troca de saberes e da investigação, pois o conhecimento, neste método, se produz na ação. Percebe-se, dentre tantas nuances e interesses revelados no estudo, que a arte e a cultura estão presentes na vida das pessoas, nos seus pensamentos e ações, de tal forma que completam um ciclo de apreensão do conhecimento, como sugere Paulo Freire: “ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente” (FREIRE, 1996, p.28).

A prática da cultura depende de exercícios, as pessoas precisam conhecê-la para descentralizá-la e difundi-la. O Museu demonstra ser um lugar propício para esse desenvolvimento intelectual e a mediação e o diálogo são meios pelos quais a união dos saberes de cada geração torna-se crucial. Nesse contexto, as atividades do Museu atuam positivamente nos problemas de comunicação e integração, fazendo com que aquela possibilite que a cultura tradicional interfira no desenvolvimento dos sujeitos, não encaixando em moldes estabelecidos, mas fortalecendo o protagonismo e autonomia em constante processo de renovação.

Dialogar com essas metodologias subverte a lógica de institucionalização e padronização da museologia oficial, que sempre privilegiou a história dos poucos e tornou invisível a história dos muitos, no que concerne ao patrimônio, memória e identidade. Entendemos que as apropriações e ressignificações da própria história

permeiam o caminho para a emancipação, ao mesmo tempo em que o cultivo da utopia por tempos melhores ajuda-nos a continuar lutando e reivindicando pela autonomia de contar a nossa história.

O homem, reconhecendo-se obra inacabada e na busca de se completar em forma de saber, não se deixa dominar ou domesticar, ao contrário, o saber reflexivo decifra os porquês da vida e liga a própria história do sujeito, construída em meio a do outro. O Saber liberta da passividade, faz o homem reconhecer sua capacidade de interferência na vida, na história de uma comunidade de um povo, na sua própria história. A própria cultura se cria e se renova, pois, há também um constante movimento de modificação.

A criticidade é necessária para que o homem não se acomode, é preciso ter tempo e espaço para que se exercite isso, sob pena deste se acomodar. Na discussão o homem aprende consigo e com o outro, e, quando tenta ser igual, acaba sumindo no meio de tantos iguais. A atitude crítica deve ser permanente, pois propicia a solução de problemas e reformulação de conceitos.

Por isso, desde já, saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. Esta, por outro lado, se realiza na proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que temas e tarefas já não correspondem a novos anseios emergentes, que exigem, inclusive, uma visão nova dos velhos temas.
(FREIRE, 1980, p.44)

A Educação Museal que se renova pretende ver o homem simples, apontado por Paulo Freire como “esmagado diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele” (FREIRE, 1980, p.45). É necessário que eles possam superar os obstáculos criados para mantê-los reféns dos desejos, conceitos e modos de exploração sociais.

Sem o pensamento genuíno, o homem não consegue argumentar e acredita em notícias falsas. Sem o saber, o homem teme a liberdade, mas a reflexão o liberta: "a dialogação implica na responsabilidade social e política do homem" (FREIRE, 1980, p.70). A democracia é a discussão dos problemas comuns, é preciso ter conhecimento da

coisa pública, do interesse a coletividade e a resistência popular é a resposta a essa elite exploradora e a um governo antinação. A emancipação popular é uma ameaça à paz dos poderosos, portanto a população precisa aprender a buscar a verdade. A educação popular tem sua base fincada no diálogo e a Educação Museal nela se inspira:

(...) ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado a perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com outro. Que o predispuesse as constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. (...) Não podíamos compreender, numa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma educação que levasse o homem a posições quietistas ao invés daquela que o levasse a procura da verdade em comum, “ouvindo, perguntando, investigando”. Só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade (FREIRE, 1980, p.90).

A Educação Museal tem um agir educativo para o desenvolvimento da mentalidade democrática, à participação na pesquisa e no diálogo à educação para democracia. Esse tipo de educação específica usa uma metodologia de ensino para a liberdade, baseada na troca de ideias, nas discussões de temas e debates, trabalha com o homem e propicia meios para o pensar autêntico e tem a cultura como ponto de partida. Nesse contexto, os educadores devem aprender a dialogar e superar o costume de apenas repassar conteúdos.

O trabalho dos educadores no Museu Histórico Nacional não se restringia somente a receber o público, havia outras atividades, como oferecer cursos específicos. Essa prática ocorre desse modo, nos dias atuais no Museu da Cultura Cearense, adaptando-se os temas às necessidades de cada época e de acordo com as exposições. No geral, são cursos que aproximam educadores de outras áreas escolares, amantes da área museológica, arte-educadores e um público diverso curioso pelos temas e disponível para participar.

Como já dito, atendendo as necessidades de cada época, é possível perceber neste trecho que fala das ações educativas do MHN, a importância que se dá à oferta gratuita dos cursos, assim como a ideia de pedagogia cívica já comentada: “Continua sua narrativa enfatizando que no Curso de Museus gratuitamente se ensina técnica de

museus, história da arte, a do Brasil, a arqueologia, e se prega o culto a saudade, o amor ao passado nacional” (TELLES, 1997, p.196).

As próprias exposições do Museu são instrumentos pedagógicos e outras funções do setor educativo do museu são destacadas: “ao mesmo tempo que exibem suas coleções promovem cursos e conferências, divulgam em publicações próprias o trabalho de seus técnicos e atendem nas seções especializadas, as consultas de todos os gêneros” (TELLES, 1997, p.202).

É curioso inclusive ver os temas mais pesquisados da época, que são arte, indumentária, heráldica. Esta última, segundo Ferreira (2010) é a arte ou ciência dos brasões, numismática, ciência que estuda moedas, cédulas, medalhas e condecorações, sigilografia, o ramo da arqueologia e da diplomática que estuda selos, estudos em armaria, entre outros temas relevantes para um museu. Seu maior intuito era ser um centro de pesquisa e divulgação da memória nacional e a formação da consciência patriótica. As funções de um setor educativo no Museu são diversas, englobam atividades práticas e fazem parte da rotina desse setor de referência na formação de trabalhadores de museus.

A realidade do Museu da Cultura Cearense não diverge muito quanto à preocupação com a qualidade pedagógica e na abordagem de suas mediações. Prima uma base freiriana baseada no diálogo, na troca de saberes e na valorização da arte-educação, principalmente nas atividades desenvolvidas com os grupos escolares. Podemos encontrar o princípio educativo do Núcleo de Ação Educativa no Projeto Museu Vai à Escola:

O processo museológico será construído por meio da ação dialógica, dinâmica, complexa e criativa, reconhecendo que somos atores sociais responsáveis por criar contextos educativos para a integração criativa e cooperativa permanente entre diferentes sujeitos e contextos sociais e culturais.
(SOUZA, 2018, p.3)

Percebe-se na Educação Museal do MCC a valorização de projetos educacionais que visam a formação questionadora de crianças e jovens, o Projeto Museu Vai à Escola é exemplo disso. No auxílio das atividades do museu e nas oficinas formativas podemos perceber o envolvimento entre as atividades do museu e a formação de seus educadores,

o “fazer fazendo”, a aprendizagem que se desenvolve no cotidiano, conforme discutiremos a seguir.

3.1 TRABALHO E FORMAÇÃO: APRENDER FAZENDO

O saber não é estático, se articula com a experimentação. A formação do educador museal perpassa os campos da teoria e prática em um constante processo de criação, desafios e possibilidades enfrentados a cada exposição, a cada preparação de oficinas, eventos e mediações, a cada público em sua grande diversidade. O Museu é um espaço de debate e construção do conhecimento que nos dá o direito de fazer e ser. A ciência museal nos dá passagem e nos faz ser assim para outros, faz história e se abre para o novo.

A experiência nos atravessa, ela é vivida de modo relacional, pois sentimos a necessidade de compartilhá-la no transitar dos diferentes modos de ver a realidade. Reflete um tipo de educação que se faz em constante movimento, no caminhar por territórios desconhecidos de si e do outro, no lidar com a diversidade de olhares e saberes de cada um, pois todos temos a capacidade do olhar e ver o que nos é exposto, mas nem todos o enxergarão da mesma maneira.

O trabalho do educador museal se dá entre abismos de pontos de vista e de saberes de cada pessoa que entra no museu e traz consigo uma bagagem de vida. Será através dessa bagagem que se dará o tom dos diálogos, das mediações, da construção de novos saberes para os envolvidos.

Quanto ao atendimento ao público, por exemplo, nos foi relatado pelo coordenador do Núcleo de Ação Educativa que o Museu possui uma demanda muito grande e que houve uma diminuição de duas vagas no quadro de educadores, dificultando a formação da escala de trabalho e o atendimento pleno de todas as salas, algo que com muito cuidado e diálogo entre todos, vai se solucionando.

Ocorre que, em termos de abrangência física do Museu, os espaços a serem assistidos pelos educadores são numerosos. São três pisos com exposições e quando estão funcionando todos eles, com as três salas disponíveis para visitação, às vezes fica difícil

organizar os educadores de maneira a cobrir o atendimento em todos os espaços. Podem acontecer imprevistos como na ocorrência de faltas de educadores por doença ou motivos diversos. Desse modo, um quadro de pessoal com dois educadores a menos prejudica a dinâmica de trabalho do museu e sobrecarrega os demais na montagem da escala.

A equipe de educadores trabalha dentro de uma escala que é proposta com uma dinâmica de trabalho razoável para a equipe. O importante é que não seja um estágio em que os educadores sejam cobrados excessivamente, visto que se trata de um estágio para alunos universitários que estão em uma formação para além do Museu.

Internamente existe uma demanda muito grande de trabalho e as 25 horas semanais de estágio agregam uma dinâmica muito intensa, então, para que o educador não se desgastasse tanto, o Núcleo de Ações Educativas proporciona a escala com uma semana de 25 horas e outra de 15 horas. Essa dinâmica possibilita que o educador tenha uma semana integral de trabalho e na outra folgue o final de semana.

A escala possui um revezamento de maneira que todos sejam beneficiados. Segundo o Educador 4, essa carga horária *é o suficiente sim para uma formação significativa, mas também é extremamente cansativa, o ambiente é de certa forma um trabalho puxado, há uma série de questões, mas é sim suficiente*. Para o Educador 7, este considera que *sim, essa quantidade de tempo é adequada para uma formação híbrida de teorias e práticas, que não sobrecarregue nem um dos dois lados e ainda permite ter tempo sobrando para dedicar à outras instâncias da vida acadêmica*. Diante dessas falas que ressaltam o tempo de trabalho no Museu e consideram que o estágio tem um tempo suficiente para formação do educador museal, outras falas se destacam por trazer à tona a necessidade do bom aproveitamento desse tempo:

A gente precisa delimitar até que ponto o estágio vai ser formativo, porque você depende da sala e muitas vezes nós temos um tempo ocioso e esse tempo não é formativo. É um tempo que você passa dentro de um espaço, mas aquilo não vai te trazer informação nenhuma. Não é toda hora que você vai estar elaborando processos, que você vai estar vivenciando, experienciando (Educador 3).

A minha formação é muito mais dos interstícios, o que está entre, nos intervalos. Nos momentos em que eu não estou exercendo o meu trabalho é que eu aprendo mais sobre o meu trabalho. Porque quando eu estava no estágio, eu estou preso numa metodologia. E toda mediação que eu faço tem uma circunstância histórica: ela veio depois de alguma mediação e ela veio

antes de outra. Então, eu aprendo mais em relação à mediação passada, mas eu estou em falta em relação a mediação futura, porque teria que ser melhor em questão de evolução. Mas sobre o meu trabalho mesmo, eu vou aprender fora da metodologia, na convivência com os demais funcionários, que não são só arte-educadores. Como uma menina que sentou comigo e falou sobre a pesquisa dela sobre a diminuição do turismo no Dragão do Mar. Então muito do que a gente pode aprender sobre o espaço a gente aprende circulando, não é nem estudando ou simplesmente cumprindo o horário que temos que estar aqui (Educador 2).

O tempo de estágio no museu é suficiente para uma boa formação, embora algumas vezes eu optava por mim mesma de ficar um pouco mais além do meu horário, de às vezes conhecer um pouco mais, porque eu me inspirava muito nos outros educadores mais experientes que já estavam aqui dentro e que já tinham mais experiência. Me chamava atenção algumas linhas de pesquisa, como na exposição de longa duração, na Vaqueiros, por exemplo, e eu sempre gostava de ver as mediações dos outros educadores. A gente se inspira nos outros. Claro que cada um acrescenta um pouco de si, dos seus estudos e da sua identidade em cada coisa. Cada um traz um pouco do seu curso, da sua trajetória, na sua mediação, e comigo não foi diferente, eu também coloquei um pouco da minha vivência, mas eu me inspirei mais no trabalho dos outros educadores e isso até hoje não mudou muito (Educadora 8).

Os trechos que se seguem nos ajudam a perceber como os educadores lidam com o tempo durante o trabalho no museu. Há a preocupação com a vida acadêmica e o trabalho no Museu é bem flexível quanto ao horário, para que o educador, que também é aluno, não se sobrecarregue entre as tarefas do museu e do curso superior.

O que foi percebido durante as visitas é que há, sim, um constante movimento no museu, grupos não agendados, turistas nacionais e internacionais, e que, nos intervalos, nos espaços em que as salas estão vazias, os educadores conversam sobre os grupos agendados, busca-se observar a ficha para saber a origem do grupo e a faixa etária, comenta-se sobre quais educadores irão receber os grupos. Do mesmo modo há conversas a respeito das exposições presentes e as futuras, partilham-se mediações nas quais ocorreu algo de curioso e sobre encaminhamentos dos eventos produzidos pelo museu, entre outros temas de diálogo.

Há também outra forma de aproveitamento do tempo observada, que é a leitura de livros técnicos e textos relacionados ao curso universitário ou ao tema das exposições, conforme declara o Educador 2: *eu tenho muito tempo para ler. Então eu aprendo como arte-educador, aprendo nos intervalos do trabalho, conversando com as pessoas que*

trabalham no Dragão do Mar e eu aprendo com o tempo de ócio que eu tenho e eu tento aproveitar estudando.

Pela fala dos educadores admite-se uma formação pessoal através da elaboração de processos, que é a preparação da mediação, das oficinas, a formação através da própria mediação e o sentir-se livre para também ouvir e observar o outro, tanto o mediador, quanto o visitante, que espontaneamente partilham seus pensamentos, motivados por aquele ambiente que propicia o diálogo.

Partindo do princípio de que o próprio trabalho do mediador proporciona um tempo formativo, ao ler Pereira (2007), nos damos conta desse tempo e das multilinguagens que perpassam o museu. É uma tomada de consciência em relação àqueles que o frequentam, de que é preciso sensibilidade e disposição para entrar no diálogo travado consigo mesmo - tanto como mediador, quanto como visitante – de que é necessário um tempo para fruição, reflexão e troca de saberes, e de que nem sempre haverá essa disposição para criação e reflexão, e que isso deve ser respeitado.

E para que o museu nos fale em suas diferentes linguagens, o tempo de aprender exige outra cadência, outros compassos e outros ritmos, diferentes do que lhes impõem, muitas vezes, as visitas escolares. Os projetos educativos podem durar horas, semanas, meses. Ou minutos. Um determinado objeto ou sessão de uma exposição pode convidar para uma pausa maior, outra dispensa, outros nos convidam ao diálogo com aqueles que nos acompanham. Outros, ainda, nos são indiferentes (PEREIRA, 2007, p.13).

Para que o tempo no museu seja bem aproveitado é preciso organização, tanto no pensar as mediações como no próprio tempo de formação do educador museal. O coordenador do Núcleo de Ações Educativas nos relata que a cada ano é possível perceber um maior amadurecimento, permitindo inclusive desenhar um plano pedagógico que necessita ainda ser redigido, aprovado e colocado em prática. Essa constatação vem em decorrência dos quatro anos de experiência do Núcleo de Ações Educativas atual, pois já lhes é possível entender como efetivar as atividades que competem ao educativo, em termos de processo seletivo, processo formativo, seja para exposição, seja para formação geral, em termos de atividades internas, atividades específicas do estágio e das demandas gerais do MCC.

O trabalho da coordenação pedagógica no Núcleo de Ações Educativas e a importância da sua existência no Museu para o bom andamento das atividades relativas à educação são reconhecidos pelos educadores egressos que já concluíram o estágio. Esse desempenho da coordenação pedagógica é visto como um trabalho de qualidade que auxilia nas tarefas diárias dos educadores, conforme destaca a fala do Educador 6. Este, antes de exercer a função de educador do MCC, já possuía uma experiência com exposições e galerias e, terminado o estágio, continuou seu trabalho como mediador e arte-educador em outro espaço cultural:

O coordenador pedagógico exerce um papel muito importante, pois em outras exposições que já trabalhei não proporcionava um estudo tão esmiuçado das exposições, a gente trabalha nelas de maneira autônoma, e esse acompanhamento faz muita diferença. Um papel de promover reuniões, falas, orientações, direcionamentos. É possível comparar inclusive com outros trabalhos que eu exercia em galerias ao mesmo tempo que estava no MCC, e que as outras não tinham essa figura do coordenador pedagógico (Educador 6).

O coordenador acredita que o ideal para o Núcleo de Ações Educativas seria propor um formato de estágio com dois anos de duração, para que os profissionais, de fato, viessem a se desenvolver como educadores na área de Educação Museal. A ideia é pensada de modo que se pudesse ter um tempo de formação que permite aos educadores lidar com a dinâmica, as demandas do estágio e as demandas da graduação universitária.

Dentre algumas dificuldades existentes nesse processo de formação está a grande rotatividade entre os educadores do Museu da Cultura Cearense. Acredita-se que um dos motivos se deve ao valor reduzido da bolsa. Dentre os educadores entrevistados, por exemplo, o Educador 4 não concluiu o estágio, por ter sido chamado a assumir um concurso público para professor de Artes em outro estado.

Ocorre também de haver seleções com uma maior remuneração em locais de ambientação semelhante a dos museus ou mesmo o ingresso dos educadores em mestrados, nos quais esses sujeitos utilizam o conhecimento adquirido no museu para a realização de suas pesquisas acadêmicas. Esse trânsito de educadores, que de alguma maneira aproveitam os conhecimentos construídos no museu para alcançar outras oportunidades, é motivo de muito orgulho para o Núcleo de Ação Educativa, pois

percebe-se o reconhecimento da experiência de estágio no museu, por parte dos ex-educadores, como uma experiência positiva e engrandecedora não só para o currículo, mas também como vivência que os possibilita dar seguimento a seus projetos de vida em outros locais.

Geralmente se destacam educadores proativos, que gostam de buscar conhecimento e se dedicam ao trabalho no museu. Por ser algo inesperado, lamenta-se a incompletude da formação, ao tempo que se comemoram as vitórias particulares de cada educador. Quando a saída de um educador acontece, o movimento que se segue no Núcleo de Ações Educativas é o de incorporar na equipe um novo candidato que está no banco de reservas. Por vezes se obtém boas surpresas com candidatos ávidos por conhecer a metodologia adotada no museu.

Nesses momentos, a partilha de conhecimentos entre os educadores é a maior segurança que um novato pode ter ao acompanhar as mediações de outros educadores, além de participarem de cursos diversos, de novas exposições ou de frequentarem outras instituições que trabalham com temas afins da Educação Museal. Como podemos perceber, essa diversidade de possibilidades de formações que auxiliam no trabalho com a Educação Museal é destaque na fala dos educadores:

Então eu fiz uma formação na caixa cultural sobre conservação de acervo, a gente fez as formações com os artistas que estavam expondo sobre o processo criativo deles, e tem as formações também no museu com o Ícaro, onde cada um leva o seu material. Como por exemplo, vai ter uma exposição agora sobre fotografia, então eu trouxe um texto sobre história e imagem, e também deixei um livro que fala da fotografia como documento e como arte. Geralmente o coordenador pede materiais sobre o assunto e como já estamos acostumados a pesquisar, espontaneamente nós trazemos os materiais. Também tive uma formação sobre conservação de acervo e curadoria, pelo Porto e Mini Museu Firmeza, e tenho acesso à biblioteca do Dragão. Alguns cursos eu fiz por iniciativa própria, outros através do MCC (Educador 4).

Teve uma formação de acessibilidade, um curso desenvolvido pelo pessoal da Acessibilidade do MCC, que provavelmente foi uma das formações que mais contribuíram para o meu trabalho e para o meu lado pessoal. Me possibilitou enxergar o quanto o nosso mundo e a sociedade não são acessíveis e poder refletir acerca disso e poder pensar como eu posso mudar isso no meu dia a dia, como eu posso mudar isso enquanto educadora, enquanto uma pessoa que atua dentro de um centro cultural. É tanto que eu comecei a estudar muito sobre libras, me aproximei mais do núcleo de acessibilidade do museu, estudei sobre audiodescrição, então isso me motivou a procurar um pouco mais sobre a questão da acessibilidade.

Também uma oficina sobre a conservação de patrimônio que foi muito pertinente para um educador, porque você não precisa só para debater e trocar formas de mediação, eu conseguia ver o quanto um mesmo tema poderia ser trabalhado de diversas maneiras e acaba incorporando isso dentro do nosso trabalho no Museu (Educadora 1).

Podemos perceber que a influência do trabalho no Museu faz com que os educadores busquem, por iniciativa própria, um maior conhecimento nas diferentes áreas da museologia, seja através do próprio MCC, com seus cursos de preparação para as exposições ou abertos à comunidade, seja por meio de cursos que acontecem em outras instituições culturais que possuem afinidade com o trabalho no Museu e despertam o interesse dos educadores. Esse despertar de interesse para a busca de conhecimentos relacionados à museologia é um fator positivo e traz benefícios tanto para os educadores quanto para o Museu.

Os conhecimentos dos educadores museais vão sendo acumulados por meio de experiências do próprio trabalho ao longo do estágio, seja dentro do museu em decorrência dos cursos, formações, pesquisas e mediações, seja nos espaços culturais do CCDM e de seu entorno, ou ainda por meio do diálogo com as pessoas que o frequentam e em outros locais que disponibilizam cursos com temas afins da museologia.

Após o processo de seleção, no qual já acontece uma espécie de formação, o educador já entra em contato com os principais temas de discussão do museu e com a dinâmica da pesquisa e mediação. Existe um tempo de adaptação com essas vivências, de relativa duração de um mês. Nesse período, os educadores novatos irão conhecer os espaços internos e externos do Museu, através de um tour pelo CCDM, e acompanharão a rotina dos educadores veteranos, além disso, o coordenador irá conversar sobre as regras internas do Museu.

Normalmente sempre haverá esse encontro de gerações de educadores, que é de suma importância para que ocorra a troca de experiências, pois é raro que se encerre o contrato de vários educadores de uma só vez. Esse processo de término e início de contrato vai ocorrendo ao longo do ano, sendo chamados os educadores que participaram da seleção.

É preciso que haja o diálogo e a observação sobre a dinâmica do MCC, então o educador recém-chegado vai acompanhar os veteranos para entender as técnicas de

mediação. Dependendo das exposições em cartaz, o Núcleo de Ações Educativas já fornece o material de estudo para que o novato prepare seus processos de mediação, mas não existe uma cobrança de um trabalho ideal, o que se deseja, inicialmente, é que o educador primeiro reconheça a dinâmica cotidiana do Museu, para depois entender como se realiza o trabalho.

Para termos uma ideia dessa rotatividade, no final de maio de 2018, ano em que ocorreu a pesquisa de campo, foi admitida uma educadora do curso de Ciências Sociais, que entrou em um processo de estudos em conjunto com outros educadores já veteranos. Mesmo sem a obrigação de mediar as exposições, ela se debruçou bastante sobre o processo de mediação acompanhando os principais educadores no MCC.

Já na exposição do Mandela, sentindo-se mais segura, mesmo estando no primeiro mês de mediação, ela se dedicou aos estudos do conteúdo da exposição, entendeu muito rápido os processos de mediação, o modo como eles funcionam e alguns poucos diálogos já foram suficientes para ela adquirir mais segurança no desempenho das atividades de mediação. Na exposição seguinte a do Mandela, que teve curtíssima duração, outros dois educadores entraram. Era a dos artistas Silvio Rabelo – Reinventando a Machetaria e do Serpin, Sergio Pinheiro – Pinturação. Ou seja, enquanto outros dois educadores encerravam o contrato, havia no Museu esse período de adaptação vivenciado por cada educador recém-chegado.

Em uma situação em que o educador é novato e não possui experiência ou segurança nas atividades do Museu, nem está acompanhado de um educador mais experiente, ocorre que o próprio coordenador recebe os grupos de visitantes e o educador novo acompanha o processo de mediação, pois ele precisa entender inicialmente quais são os elementos da mediação, como funciona o processo e como se provocam os diálogos. Mas, se os novos educadores tiverem segurança para assumir, é preciso também enfrentar os desafios e este é também um momento de rica aprendizagem, como nos relata o Educador 2, o mais recente a ser admitido no Museu dentre os educadores contratados.

Uma das primeiras formas de aprendizado para o trabalho do educador museal é o trabalho que eu desenvolvo como mediador, como arte-educador. Então eu

tenho que estar aqui em determinados horários para cumprir o meu horário de trabalho e estarei aqui disponível independente do público que chegar. E de alguma forma, durante aquele tempo que eu vou ter contato com aquela pessoa, que a gente talvez não vai se ver nunca mais e que eu nunca o vi antes, provavelmente, é naquele intervalo que eu vou ter que descobrir que tipo de ser humano é aquele e o que que ele pode aprender ali dentro do museu. Então é uma experiência extremamente intensa, a responsabilidade sobre o que eu falo é enorme e sobre os meus erros é maior ainda, então eu aprendo como mediador.

Com o passar do tempo a gente vai desenvolvendo nossas percepções, por exemplo, se eu recebo um grupo de trinta pessoas, eu vou notar aqueles quinze que estão bagunçando, vou notar os dez que estão interessados e vou notar os cinco ali, que estão curiosos, você enxerga tudo. A dificuldade na mediação é justamente esse tato que se adquire com a experiência, é você saber quem está interessado, quem está só curioso, quem não está nem aí, se vale a pena eu chamar atenção ou se não vale (Educador 2).

Percebe-se na fala do Educador que existe a necessidade de passar por diversas experiências para que se tenha segurança no trabalho a realizar, que existe uma grande variedade de público e que é preciso saber desenvolver o diálogo com cada segmento. Existe também, como relata o coordenador do Núcleo de Ação Educativa, um movimento de superação das mediações muito centradas no educador, na sua fala e narrativa. A princípio, os iniciantes possuem uma fala nervosa, mais descritiva, e que dura um tempo curto, mas é um processo necessário de formação, que fará com que os educadores tenham segurança em suas mediações futuras.

Segundo o Coordenador, os primeiros dias são sempre de muita timidez, o educador está ainda conhecendo, é como se ele estivesse de fato tateando. A toda hora é como se o educador estivesse buscando a delicadeza de dialogar com o público. E existe ainda a memória dos espaços educacionais que eles já frequentaram e que se diferenciam do espaço do Museu, desse modo, há uma adaptação no modo de se entrar numa exposição, que é diferente de entrar em uma sala de aula.

Para quem está iniciando, a sala de aula será a referência de educação, e, realmente, é muito parecido devido à posição de estar diante de uma turma, frente a frente com o professor, nesse caso com o educador, e ele ser aquele sujeito responsável por transmitir um determinado conteúdo. Porém, no museu, não se transmite o conteúdo, se constrói conhecimento a partir do diálogo e da troca de experiências.

Além da sensação de perceber que, ao mesmo tempo em que se é educador de um público, esse também está avaliando o mediador. Então, existe a sensação, muitas vezes incômoda, para os educadores novatos, de que algumas pessoas estão julgando o seu desempenho. Ao superar isso, o mediador adquire maturidade para o exercício do ofício de educador museal.

Portanto, é necessário que com o auxílio dos educadores veteranos ou do coordenador, os novos educadores ganhem confiança, tanto no trabalho em equipe, quanto no individual. A avaliação por parte do Núcleo de Ação Educativa é feita constantemente, de modo a acompanhar o trabalho dos novatos, não para se fazer críticas e apontar erros. Eles já estão cientes dos desafios da mediação e de que os deslizes são naturais nas mediações iniciais. O momento inicial entre visitante e educador é difícil, e a dificuldade em falar em público e lidar com a diversidade deste é descrita na fala da Educadora 8: *o museu me ajudou muito na minha parte de desenvoltura, eu era muito tímida, não conseguia falar em público, então o museu ajudou em aprender a me expressar, a falar com o público e lidar com o outro.*

Há um momento específico para que os educadores possam planejar em conjunto, verificarem o andamento dos projetos e também avaliarem o trabalho no museu. Assim como verificarem o desempenho de cada um, partilharem experiências exitosas, definirem escalas, dentre outras pautas. Pelo menos uma vez ao mês, nas sextas feiras, o Núcleo de Ações Educativas se reúne no auditório para promover, em conjunto, essas discussões, com o maior número possível de educadores, sendo esse também um momento considerável para formação deles.

Esse momento, principalmente para os educadores que estão aos poucos se inserindo na rotina do Museu, são tempos preciosos, com detalhes que influenciam na formação do educador museal, a saber: conhecer o museu de forma geral, o seu entorno, outros museus do centro histórico de Fortaleza, apresentar o Plano Pedagógico, acompanhar as mediações nas exposições que estiverem vigentes, assim como, os processos da produção de uma exposição e planejamento das ações educativas.

É interessante detalhar o processo que ocorre dentro do Núcleo de Ação Educativa, anterior à chegada de uma nova exposição, para entendermos a preparação das

ações educativas relacionadas a ela. A formação que os educadores participam são experiências marcantes que irão nortear as mediações e oficinas durante toda a exposição, além disso, elas provocam aprendizagens e lembranças marcantes que irão perdurar para além da exposição. Geralmente se seguirá o mesmo processo de formação a cada nova exposição que for realizada no Museu.

Assim que se sabe o tema da exposição, já é alertado a todo o Núcleo de Ação Educativa para que se busque material relacionado a esse tema e também sobre a vida do artista que será exposto. Devido à diversidade dos cursos de graduação dos educadores, é provável que surjam materiais com diferentes abordagens para um mesmo tema e quando isso acontece, há maior riqueza nos estudos e debates.

Anterior aos estudos do material recolhido, se busca identificar em que conceito essa exposição irá trabalhar. Pode ser, por exemplo, o conceito de arte popular, de cultura popular. Então será feito, a partir do material que foi recolhido para estudo, o que se chama de mapeamento teórico da exposição, fazendo um levantamento de palavras chaves da exposição, a fim de que se desenvolva um trabalho relacionado a elas.

O mapeamento é feito para que se possa direcionar os temas para cada área de estudo dos educadores. Algumas questões são levantadas com o objetivo de aguçar a pesquisa e a reflexão: A partir desses elementos, dessas áreas que a exposição abrange, como elas podem ser trabalhadas pelo Núcleo de Ação Educativa? Sob qual perspectiva das Ciências Sociais, da História, das Artes, da Publicidade, dentre outras, esses temas podem ser trabalhados? Essas são reflexões que têm um teor de desafio para os educadores.

A ideia é que, a partir disso, se possa desenvolver o plano de mediação, que é muito parecido com plano de aula. Essa prática de preparar aulas ou mediações não é uma experiência que os educadores trazem com profundidade em decorrência de seus cursos de graduação na universidade, mas algo que se prioriza desenvolver junto com eles, para que tenham maior propriedade para auxiliar o trabalho cotidiano do museu.

Esse diagnóstico foi feito pelo coordenador do Núcleo de Ações Educativas, ao receber queixas e reclamações dos educadores. O depoimento é que, enquanto estudantes universitários, eles não tiveram, em seus cursos de licenciatura, um preparo efetivo para a

realidade dentro da sala de aula, assim como não tiveram uma experiência prática com o planejamento educacional, seja plano de aula ou mesmo de oficinas e cursos.

Por esse motivo eu trabalho aqui o que os cursos deixam a desejar. Na prática, você tem uma sala de aula efetivamente. No curso disponibilizam uma cadeira de didática, uma de metodologia do ensino, que às vezes deixam a desejar nas metodologias de trabalho dentro dessas disciplinas. Eu vivi isso enquanto estudante. Já ouvi muitos estudantes e produzindo essa dinâmica eu acho que essa coisa de preparar a aula tem muito a ver com preparar os processos de mediação no museu também (Coordenador).

Por ser um tema interessante relativo à desconstrução de atitudes didáticas para a prática da Educação Museal, mais adiante iremos, por meio das falas dos educadores, entender a diferenciação que eles fazem entre a preparação de um plano de aula e o de mediação, assim como compreender a diferenciação da prática de sala de aula para a prática de mediação no museu e suas influências nos outros espaços de trabalho dos educadores.

Os estudos complementares acerca das exposições envolvem ainda encontros com os curadores e, se possível, com o próprio artista exposto. O momento envolve uma formação com a curadoria e a visita à exposição guiada por eles, que são mais experientes que os educadores com o trabalho com a arte, portanto trazem um olhar diferenciado devido o próprio trabalho que exercem: *eles aprenderam uma forma de olhar a obra de arte de um jeito diferente, eles têm uma visão de mundo diferente. A questão no museu é que você não precisa de todos os pontos de vista sobre aquela exposição, mas você precisa conectar os pontos de vista* (Educador 2).

Com os curadores, os educadores irão aprender detalhes de como as obras foram expostas, aprender sobre a paleta de cores escolhida para direcionar o sentido que o curador quis desenvolver na exposição, de forma a auxiliar e complementar o entendimento das expressões. Também aprenderão detalhes da disposição das obras, das seriações, da iluminação e destaques, dentre outros. O Educador 2 complementa que *o temperamento do curador reflete na maneira como ele monta a exposição*. Na exposição de Silvio Rabelo, Reinventando a Marchetaria, por exemplo, as Curadora Valéria Laena e Cocuradora Carolina Vieira dispuseram a exposição em séries, unindo obras do artista a partir de temas, como, por exemplo, religiosos, do cotidiano e retratos. Utilizaram a

paleta de cores em tom de azul, retirada das próprias obras do artista e recriaram o ambiente de trabalho dele, espécie de oficina no meio da exposição, com a mesa de trabalho, suas ferramentas desgastadas pelo uso e exemplares das finas lascas de madeira utilizadas para colagem e feitura da técnica de machetaria, além de uma obra inacabada no centro da mesa. A sensação era de que, a qualquer momento, o artista estaria presente naquele espaço para trabalhar em suas obras, bem como o efeito aproximava o público do processo criativo e da prática cotidiana do artista, criando uma intimidade entre os visitantes e as obras.

Outra experiência marcante é o contato com o próprio autor das obras. Uma das mais comentadas no período da realização da pesquisa foi a do artista Silvio Rabelo, pela humildade e surpreendente capacidade de produzir obras belas, recriando móveis, com sobras e pedaços de madeira velha encontrados, por vezes, descartados no lixo.

As conversas com o artista permitiram que os educadores entrassem um pouco no universo criativo dele e conhecessem as dificuldades encontradas no percurso da feitura de uma obra, na recolha do material e no tempo dedicado a cada uma delas. Assim como permitiu compreender o modo que as obras surgem, se espontaneamente ou encomendadas, dentre outros detalhes que somente o artista poderia trazer à tona, por ser ele o protagonista da história apresentada na exposição através de suas obras. O contato com o artista marca a memória dos educadores para além do tempo de exposição, como a Educadora 8, já egressa do Núcleo de Ação Educativa, rememora:

Na exposição do Eunício Estrigas nós tivemos uma formação com o próprio artista, e ele partilhou com a gente a vivência que tinha com a arte daqui do Ceará, e era muito lindo ouvir ele falar da história de vida dele. E depois que vi que ele havia falecido, ficou aquela coisa na minha cabeça, as lembranças e um sentimento de gratidão por ter conhecido ele, o artista, sua vida, sua história, sua arte e suas críticas a respeito da arte contemporânea. Como um dia ele falou, em uma das formações, que tem artistas que acham que um pano sujo pendurado no teto era arte, mas para ele, aquilo dali não era arte, porque o artista não sabia explicar porque que ele tinha colocado o pano ali. E se uma pessoa não sabe explicar a sua arte, como você vai considerar uma arte? Ele tinha umas críticas muito bem pensadas sobre arte e cultura (Educadora 8).

Podemos perceber o impacto que é a oportunidade de conhecer os artistas, por meio das formações do Museu, uma aprendizagem significativa para os educadores que está para além da própria exposição e da maneira de abordá-la no processo educativo. É

um momento que aproxima o educador do discurso do artista e da sua arte, uma experiência que o educador irá levar para sua vida.

Todas essas técnicas de estudo buscam capacitar o educador para desenvolver a Educação Museal a partir das exposições, de maneira que ele consiga compreendê-la, elaborar o seu próprio discurso e levantar questionamentos importantes, pois é justamente a partir desses questionamentos que se dá forma à didática de construção do conhecimento através da mediação.

O educador também estará indo de encontro ao processo de formação construído em suas próprias experiências escolares, nas quais o professor chegava em sala e os alunos sentados para receberem a aula. A prática representou o processo em que o professor era o centro das atenções e tudo o que estava acontecendo na sala estava sob o controle dele. Os alunos esperando que o professor soubesse o que eles não sabem, pois a compreensão era que o professor era o detentor do conhecimento. Um dos educadores falou, inclusive, do “corpo enrijecido” que a escola promove com suas regras:

Em relação à escola, ela ainda parece uma prisão, um lugar que vai domar o corpo, que vai dominar o espaço, ela é praticamente o caixão com uma única saída e uma única entrada, e na atual conjuntura política do país, os professores são as bruxas da vez. Então está muito difícil de dar aula, está uma coisa assim bem tensa além da desvalorização. Então o trabalho de uma educação crítica fora dos centros educacionais formais tende a fluir mais e a ser mais agradável (Educador 4).

É essa liberdade no processo de ensino-aprendizagem, essa construção do pensamento crítico, apontada na fala do Educador, que é uma das grandes motivações para os educadores museais ao fazerem mediação. Além disso, o fato de receberem diferentes grupos de visitantes, que também lhes proporciona uma experiência de formação, em um processo de ensino que é diferente do vivenciado na escola. A escola é o maior público do museu, portanto essa diferenciação será constante nos diálogos com os educadores.

4 MEDIAÇÃO NO MUSEU DA CULTURA CEARENSE, A EDUCAÇÃO QUE SE FAZ ATRAVÉS DO DIÁLOGO E DA ARTE-EDUCAÇÃO

O escrito não dá conta de expressar a emoção da oralidade, é uma experiência única, o significado de epifania, a celebração da aparição divina do saber, construído através do diálogo com os processos de mediação que serão descritos a seguir. São experiências marcantes para educadores e visitantes do museu, pois sempre haverá algo que saltará a memória como uma vivência significativa do momento e, na maioria das vezes, por ter sido um caminho construído com um roteiro, porém sujeito a diversas mudanças e surpresas durante o caminhar.

Na busca de um estágio que complemente a formação universitária, será no Museu que a maioria dos educadores terá suas primeiras experiências com o ensino, como mediadores. Dos entrevistados, quatro educadores possuíam experiência em instituições regulares de educação e um deles já havia trabalhado em museus, outros quatro não possuíam experiência com o ensino e um já havia atuado em galerias de arte.

O estágio no museu preenche uma lacuna em relação aos espaços sugeridos nas licenciaturas e na prática de ensino para a prática docente, porém o modelo de educação que se tem no Museu é diferenciado e proporciona aos educadores a liberdade para escolher seus caminhos profissionais. O Museu é uma oportunidade para o estudante que deseja uma primeira experiência com o ensino, porém nele não se ensina, faz-se mediação.

O educador estará atuando em um trabalho que envolve a produção cultural e a referência pedagógica da Educação Museal, que desenvolve a sensibilidade, conforme nos fala Pereira: “como olhar o museu e não pensá-lo como um espaço que preserva e educa? Educa não somente pela sua materialidade, mas também pelas palavras, pelos gestos, pelos saberes, pela sonoridade e silêncios, pela relação que neles se estabelecem” (PEREIRA, 2007, p.12).

O Museu como um espaço de dimensão formativa é um lugar de significações referenciadas de arte, ciência, metodologia, etc e estabelece práticas para além da sala de aula, pois esta não supre todas as necessidades, inclusive em relação a experiências de dimensão estética. A aprendizagem precisa nos afetar para assim sermos capazes de

passar o conhecimento para o outro, portanto, inicia-se o processo do fazer mediação primeiramente com uma abertura para si. Os educadores estão presentes em um processo de pesquisa e isso também os forma, desse modo, se permitir, se abrir e se revisitar durante o debate travado com os outros educadores e com o público, são premissas para a construção dos saberes. Tem-se a consciência de que não é necessário ser o sujeito detentor do conhecimento, mas deve ter uma abertura para construí-lo em conjunto com os outros educadores de diversas áreas de estudo e com o público e por meio de suas histórias de vida.

São pessoas diferentes que influenciam na construção de uma nova aprendizagem, desenvolvida por meio de uma relação afetuosa entre os sujeitos, em diálogo com o que lhes é apresentado nas exposições. Os educadores desenvolvem suas competências a partir das experiências de formação em um sistema de interações.

É preciso passar segurança para o público, ao mesmo tempo em que é necessário que se sintam livres e à vontade. Com a experiência, aprende-se que a mediação é um trabalho de “fazer brotar uma semente” em cada visitante, e há nele a responsabilidade de cultivar algo de positivo a partir do que a exposição está propondo.

Ao mesmo tempo, esse “fazer brotar” é um grande desafio, porque pressupõe tratar assuntos sérios com uma brincadeira, como um jogo, a fim de tornar as coisas leves. É feito por meio da linguagem simples e sem subestimar o outro, é entrar em universos diferentes como o da criança, do adolescente, do adulto, compreendendo suas maneiras de entender o mundo. Sobre a experiência com a mediação, nos relatam os educadores:

A experiência de ensino que tenho veio com o museu. Na mediação tudo influencia. Nas exposições eu tenho liberdade de poder abordar, falar de muita coisa e ao mesmo tempo estamos aliados à temática de cada exposição. A gente faz o jogo. A combinação de jogar o que está ali no museu para a vida da pessoa, o mundo de cada pessoa, fazendo uma ligação. Além da responsabilidade social em cada debate. Nós somos no museu uma figura de amigos, professores, mediadores.

Mais do que me ouvir falar, é preciso que haja uma troca, um jogo. Tem pessoas que chegam no museu querendo um guia e eu explico que essa não é a minha função, que eu posso fazer a mediação. Já tem outras que já buscam uma mediação e que entendem o que é a mediação.

A mediação é um trabalho muito coletivo, a gente percebe a importância do outro. Claro que cada um terá a sua maneira de fazer mediação, eu vejo que eu

utilizo do meu conhecimento, tem outra pessoa que tem outro conhecimento e nós fazemos essa troca de conhecimentos que nos enriquece (Educador 6).

Eu aprendi a mediar dentro do museu, eu não fazia a menor ideia de como se fazia antes de começar o estágio. Então foi quando eu percebi que eu podia trabalhar o que eu estudava a partir de diferentes olhares, porque cada exposição que chegava lá trazia uma temática diferente, então eu me sentia desafiada a pensar fora da caixinha. Porque dentro da escola a gente tem uma linha a ser seguida e a gente desconstrói isso dentro do museu, você tem que criar, tem que elaborar. Não me forçava, mas me incentivava a ir mais além do que o que eu estava pensando (Educadora 1).

As minhas experiências mais importantes com a mediação se deram principalmente na exposição da Vaqueiros, Nelson Mandela e Miolo de Pote. Na Miolo de Pote nós tivemos bastante experiência com as crianças que vieram das escolas e nós explicávamos sobre essa cultura do barro no Ceará. Era desafiador, porque eu não tinha muita didática, ela foi sendo construída ao longo do estágio. Eu tinha que mudar a minha forma de abordar as exposições para poder trabalhar com elas e como historiador gosta muito de falar, e entrar em determinados detalhes, problematizar bastante, então na hora de passar isso para uma criança que entende tudo de forma literal é um pouco complicado, então tem que ter um certo tipo de cuidado (Educador 5).

Diversos pontos interessantes nas falas dos educadores podem ser ressaltados, como a experiência de ensino que foi construída no Museu, na pluralidade do fazer mediação ao longo do estágio. O destaque da abordagem tem como ponto de partida a exposição e a liberdade de temas para tratar as vivências dos visitantes. É o jogo do saber falar em diversos níveis para que a mensagem chegue ao interlocutor, é a delicadeza de saber ouvir e dar voz ao visitante, para que aconteça o jogo da troca de conhecimentos, sob forma de construção coletiva.

A diversidade do público que frequenta o Museu é muito comentada ente os educadores, mas, três categorias, em especial, são citadas constantemente como representativas de mediações marcantes, são elas: a experiência com as crianças, com os idosos e com indígenas. É interessante acompanharmos os relatos:

Ter recebido um grupo de uma escola indígena me marcou muito, porque foi interessante ver como em um único espaço a gente consegue receber pessoas diferentes, de culturas diferentes, e entender como eles entendem aquele espaço, que é de uma maneira totalmente diferente de como a gente é acostumado e ensinado a ver. Eles chegaram e não viram o museu como aquele espaço de um altar, porque muita gente chega no museu e não toca em nada e não fala nada, tem toda uma seriedade. Já eles não, eles chegaram no museu já ocupando aquele espaço. Eles fizeram até um tipo de ritual, tocando os instrumentos deles e fazendo toda uma simbologia de apropriação daquele

espaço, ressignificando ele para que eles se sentissem bem ali. Então eu achei essa experiência bem diferenciada (Educadora 1).

Teve várias mediações marcantes, a primeira marcante foi a experiência com um grupo de idosas que é uma coisa maravilhosa receber elas, pois nos faz perceber que, às vezes, a gente tem muito mais que escutar do que falar. É maravilhoso porque a experiência delas, principalmente na exposição Vaqueiros, é de quem viveu aquilo e de quem sabem mais até do que está no museu. E ficamos envergonhados por não saber da história o quanto elas sabem. Tanto a parte da vivência do sertão, da história do vaqueiro, o que os parentes viviam no dia a dia, então as minhas experiências mais marcantes sempre foram com os grupos de idosos, que eu adorava receber e me identifiquei com esse público (Educadora 8).

As experiências mais importantes no meu trabalho como arte-educador envolveram mediar uma obra de arte para uma criança, então em determinada hora eu me vi sentado no chão para ficar da mesma altura da criança, conversando sobre aquela obra de arte. E isso foi uma oportunidade que eu não tinha quando eu era criança. Eu não tive pessoas que me levassem a um ambiente de obra de arte e ficasse conversando comigo por vários minutos, eu sendo criança. Então, lidar com criança é uma coisa muito significativa nesse trabalho. Outro extremo é lidar com idosos que enxergam menos que eu, mas enxergam mais, a visão delas está debilitada, mas a visão imaginativa delas é muito mais cheia de informações do que a minha visão por causa do tempo de vida (Educador 2).

O Educador 2 fala do atendimento às pessoas com deficiência intelectual e altistas: *elas vão te mostrar coisas nas obras de arte que você não iria perceber nunca. Porque elas vêem diferente e é a visão da pessoa que interessa na hora da mediação.* Essas experiências fazem parte de uma mediação diferenciada, com um determinado tipo de pessoa que, na maioria das vezes, são privadas do acesso à arte, como a criança, o idoso e pessoas com deficiência. São pessoas que estão fora do mundo do trabalho, do dinheiro, da produção, e são descartadas, porém, no mundo da Educação Museal e do trabalho desenvolvido com arte-educação no Museu, elas são os modelos ideais e ganham o seu espaço. O Educador 2 traz a ideia de que *a criança, tem uma inteligência pouco formatada pelo mercado, então está mais aberta as propostas da arte-educação, o idoso tem o privilégio de dizer o que pensa, então ele vai conversar várias coisas que outras pessoas não conversariam porque têm vergonha.*

A visita das crianças ao museu requer o cuidado de manter a linha tênue entre a ordem e a desordem, no sentido da desconstrução da cultura do silêncio, exigida no espaço da sala de aula, e do aprender a respeitar o momento de cada um. Uma das

primeiras coisas que a criança aprende é a silenciar e no Museu a criança irá aprender que há hora para silenciar e hora para falar. As crianças falam, fazem o adulto falar, aprendem a andarilhar e a ter tempo para fruir.

Na Primavera dos Museus, evento promovido em outubro de 2018 por diversos museus de Fortaleza, uma educadora relatou uma experiência traumática, tanto para as crianças quanto para os educadores, na qual os professores trouxeram as crianças para o museu amarradas por uma cordinha. A sensação que a educadora sentiu era de que as crianças estavam em um curral. O episódio desconstruiu a imagem com a qual o museu trabalha, que é a liberdade de expressão, seja através da livre expressão das ideias, seja pela liberdade da criança ao caminhar pelo museu. Em ambos os casos, a ela é garantido o momento para fruição.

O maior público dos museus em Fortaleza é de crianças e a Educação Museal é um fenômeno em processo, necessita de motivação e vai além da função do educador, pois o professor também deve ser um sujeito ativo. Para ilustrar uma experiência de mediação, relataremos uma delas que ocorreu durante a pesquisa de campo. A mediação foi feita pelos Educadores 1 e 2, com crianças de cinco anos vindas de uma escola pública do município de Caucaia. Aconteceu durante a exposição Vaqueiros, que caracteriza o MCC, pois esta é a mais conhecida e procurada.

No dia anterior à visita, os educadores comentavam empolgados a respeito do grupo que estava agendado, já que todos tiveram acesso à ficha de agendamento com os dados mais importantes do grupo. Os educadores olharam a escala para saber quais educadores estariam disponíveis no horário para recebê-los e já iniciaram uma conversa a respeito de como seria feita a mediação. Nesse dia, além do grupo agendado, outra escola apareceu sem planejar com antecedência. Traziam crianças entre 11, 12 anos, sem agendamento, mas os educadores tiveram todo cuidado em receber todos, dividindo-os nos espaços das exposições.

A escola com agendamento iniciou a visita na Vaqueiros passando por todas as etapas do trabalho de arte-educação previsto pelos educadores. Já a escola sem agendamento visitou as salas superiores com as exposições de Silvio Rabelo – Reinventando a marchetaria e a de Sergio Pinheiro – Pinturação, e quando a exposição

Vaqueiros já estava livre, também puderam descer até o andar para conhecer a exposição. A experiência foi proveitosa para ambos os grupos. Nesse momento, verificamos que a comunicação e a cumplicidade entre a equipe são muito importantes para que todo o trabalho se desenvolva de forma harmoniosa.

As crianças da escola de Caucaia estavam encerrando o ciclo da Educação Infantil, no Pré II, e iriam iniciar o primeiro ano do ensino fundamental. A escola mantinha a tradição de, ao final do ano letivo do Pré II, levar as crianças para um passeio no Museu, especialmente para a exposição Vaqueiros. Eram 35 crianças, cada uma acompanhada de um responsável. Ao todo estavam também cinco professoras da escola, a Coordenadora Pedagógica e um fotógrafo profissional.

O grupo foi recebido ainda no início do percurso da exposição e foram-lhes apresentadas algumas regras básicas de comportamento no museu, como a importância de escutar uns aos outros, o cuidado para não tocar nas obras e deixar para tirar fotos ao final da mediação, já que haveria um momento especial para isso e, por fim, procurar estar sempre acompanhando os mediadores durante o percurso.

Uma conversa sobre a vida no sertão e a profissão do vaqueiro foi iniciada pelos educadores e os pais tinham uma ansiedade muito grande de participação, esquecendo a presença das crianças. Devido a essa ansiedade e à diferença de altura entre crianças e adultos, estas não conseguiam ter acesso visual às obras.

O educador, então, delicadamente, interrompeu o momento pedindo que colocassem as crianças na frente e diante dos adultos, pois eram menores e precisavam enxergar o acervo. Essa e outras atitudes dos adultos revelam uma inexperiência ao frequentar o ambiente do museu. Os adultos também foram responsáveis pela dispersão do grupo durante o percurso realizado na exposição, pois a todo instante paravam para tirar fotos dos filhos, enquanto o grupo seguia o caminho das obras. Já as crianças se mostravam interessadas pelo que lhes estava sendo apresentado. Elas acompanhavam os diálogos, faziam perguntas e participavam do que lhes era proposto.

Com a dispersão dos adultos por conta das fotos, isso impedia a participação da criança nos diálogos. Foi necessária uma nova intervenção pedagógica dos educadores e da Coordenadora Pedagógica da escola, que lhes explicou que o museu é realmente um

lugar encantador e que naquele momento estava sendo uma extensão da sala de aula, mas que era necessário todos acompanharem o que estava acontecendo.

A presença da Coordenadora, ao mesmo tempo que auxilia, também prejudica o andamento das atividades, pois, preocupada com o aproveitamento dos alunos, a todo instante interrompia a mediação e atrapalhava com intervenções, explicações ou pedindo para tirar fotos, embora ela mesma tenha pedido que os pais fizessem fotos somente no final do percurso. Os educadores estavam, a todo momento, tentando passar confiança e segurança sobre o assunto e superando a desconfiança ou preocupação da coordenadora.

O espírito infantil envolve os educadores e estes utilizavam uma linguagem que chegava das crianças aos adultos. Quando preciso, era dada ênfase à parte mais lúdica da exposição ou àquilo que fosse mais interessante para eles, por isso nem todo o acervo era aproveitado. Houve uma demora maior, por exemplo, na cortina de chocalhos, as quais as crianças balançavam os chocalhos descobrindo os diferentes sons, o berrante utilizado pelos vaqueiros e o chapéu de couro que saíram experimentando.

A todo instante a Coordenadora lembrava do horário de ir embora e que deveriam fazer o percurso rápido, por isso nem toda a parte do acervo que era interessante para as crianças foi aproveitado. Os educadores tentaram se demorar nas obras o maior tempo possível, apresentando e fazendo perguntas relacionadas ao cotidiano das crianças. A impressão que dava era que a passagem pela exposição havia sido muito rápida e superficial, como uma experiência mágica e encantadora do Museu e do universo sertanejo.

As crianças foram levadas então para o piso superior e, no espaço vazio em frente ao auditório, formaram um grande círculo. Conversaram um pouco mais sobre a exposição e lhes foram entregues lápis de cor, canetinhas e papéis ofício, para que desenhassem o que mais lhes tinha chamado atenção na exposição.

As crianças se sentaram ou deitaram no chão para desenhar e aproveitaram o momento até serem interrompidos pela Coordenadora: “ – temos hora! ”, recordando que deveriam apressar-se para ir embora. As crianças devolveram os desenhos sem que ocorresse a apresentação destes para o grupão, e, aos comandos da Coordenadora, se organizaram para fazer uma foto final de todo o grupo.

Com a saída do grupo, os educadores organizaram o espaço e se sentaram para avaliar a mediação, relataram que havia sido uma ótima mediação, apesar das dificuldades corriqueiras e que estavam acostumados, como as atitudes da Coordenadora e dos pais, ambas passíveis de entendimento.

Ao olharem os desenhos elaborados, os educadores tiveram uma grata surpresa, quando puderam verificar que havia tido um bom aproveitamento também por parte das crianças. Havia desenhos de bois, vacas, cavalos, a roupa de couro do vaqueiro e até uma cabeça com chifres enormes. Além disso, do mesmo modo que retratado em uma das obras do início da exposição, a casa dos vaqueiros, os galhos secos de um dos cenários, a cortina de chocalhos, a casa do vaqueiro e até a figura dos mediadores foi representada perfeitamente. Em um dos desenhos, no qual havia somente a casa, a Educadora 1 perguntou — “Cadê o boi?!” e a criança respondeu que ele estava nascendo!

Para facilitar o diálogo entre o educador e os visitantes, a todo momento tenta-se contextualizar a exposição, aproximando os visitantes de seu contexto, como por exemplo, relacionando-o à ocupação do espaço da cidade e do interior do estado. Na exposição Vaqueiros, por exemplo, o objeto é portador de uma memória histórica sobre a colonização do Brasil, especificamente no Ceará. Os educadores relacionam os objetos do museu com o patrimônio do entorno do CCDM.

Ao analisar os desenhos das crianças, percebemos as potencialidades dos objetos como mediadores de aprendizagem, mas estes não falam por si só, há uma memória e uma relação que os envolvem, às diferentes formas de interações com os objetos. As potencialidades de informações contidas nos objetos reais são enormes. Eles são portadores de memória coletiva e tomados como recurso no processo de ensino aprendizagem. Há, portanto, uma relevância da aprendizagem obtida através dos objetos e da ação dos sujeitos sobre eles no mundo. Porém, para que se possa perceber essa ação é preciso dar tempo para conhecê-los e refletir sobre eles.

Essa atitude faz com que os visitantes quebrem o silêncio e o preconceito de acharem que não possuem conhecimento nenhum. Para tanto, no museu também se trabalha com o conhecimento prévio, o educador instiga, faz perguntas, problematiza, e busca chamar atenção, tendo um contato mais próximo com o público. No Museu, o

mediador se coloca no mesmo nível do público, é um lugar propício para esse movimento, pois é um ambiente relacional, é um espaço de medição, reflexão e reconstrução permanente de memória e identidades coletivas.

4.1 MEDIAÇÃO E EDUCAÇÃO ESTÉTICA NO TRABALHO DE ARTE- EDUCAÇÃO DOS EDUCADORES DO MUSEU DA CULTURA CEARENSE

A educação integral do homem perpassa pelas experiências estéticas, pelo modo como ele experimenta tudo o que vive e aprende com o que vivencia, pelas relações que estabelece, o que lhe marca a memória através dos sentidos, das imagens guardadas, cheiros, sensações, movimentos, sons, desejos, imaginação. Com isso o homem se forma com tudo o que lhe toca e isso o transforma. Ocorre por meio de uma educação repleta de sensibilidade, como afirma a autora: “ele é capaz de estabelecer relacionamentos ente os múltiplos eventos que ocorrem ao redor e dentro dele. Relacionando os eventos, ele os configura em sua experiência do viver e lhes dá um significado” (OSTROWER, 1987, p.9).

Como já foi dito a respeito da riqueza de experiências vividas, elas são também uma riqueza estética. Os aspectos desse tipo de formação estão envolvidos no trabalho de arte-educação exercido pelos educadores do Museu da Cultura Cearense. Ele acontece desde o repertório estético que trazem consigo, antes mesmo de serem convocados ao trabalho no museu. Esse repertório irá influenciar no trabalho cotidiano deles, fazendo a conexão entre a teoria e a prática e desenvolvendo ações que possibilitem a educação estética de outros sujeitos. Essa é uma outra maneira de alfabetizar-se, pois no Museu lhes serão apresentados e ampliados os códigos de comunicação, bem como suas possibilidades e formas de compreendê-los.

Assim como o Iphan (2014) publicitou a preocupação com a preservação patrimonial e memória da cultura brasileira investindo em políticas para uma educação crítica que auxilie os sujeitos a selecionar informações, Carvalho (2005) aponta a existência de uma aldeia global, influenciada por meio da difusão cultural. Ostrower ilustra precisamente:

(...) o homem contemporâneo, colocado diante das múltiplas funções que deve exercer, pressionado por múltiplas exigências, bombardeado por um fluxo ininterrupto de informações contraditórias, em aceleração crescente que quase ultrapassa o ritmo orgânico de sua vida, em vez de integrar como ser individual e ser social, sofre um processo de desintegração. Aliena-se de si, de seu trabalho, de suas possibilidades de criar e de realizar em sua vida conteúdos mais humanos (OSTROWER, 1987, p.7).

O contexto apresentado pela autora gera preocupações sociais, revela a motivação de diversos movimentos em prol de uma “educação dos sentidos” e da “alfabetização da imagem”, e ressalta a importância de uma educação estética com tempo para fruição. O tempo é um fator indispensável para que haja a partilha do sensível (RANCIÈRE, 2005), uma necessidade que nos auxilia a respirar para além da cultura mecanizada, mercadológica, e assim termos liberdade para superar os limites que classificam/identificam cultura e arte.

É entender o passado e voltar a ele quantas vezes forem necessárias, para sermos subversivos a ponto de encontrar o belo, o estado estético das coisas no anônimo. O que antes poderia passar despercebido, a educação estética nos ajuda a fruir, investigar, a ler de outra maneira e até mesmo a produzir.

Mas será que conseguimos nomear instantaneamente aquilo que é para nós uma referência estética? Em determinado momento de uma mediação dos educadores no MCC, por exemplo, é perguntado aos participantes quais experiências ao longo de suas vidas foram marcantes em relação à arte, contatos, referências, memórias, interesses. Essa é uma maneira de se fazer uma primeira aproximação com a arte em geral.

A maioria dos envolvidos na mediação apontaram a participação em grupos de jovens que envolviam a música, teatro e dança, bem como as apresentações culturais no período escolar. Demonstraram afinidade e curiosidade com diversas linguagens artísticas, porém alegaram que não havia tempo para ter muito acesso às aulas e obter maior aprofundamento e contato cotidiano. Algumas falas se destacaram, apontando a importância da arte como forma de expressão pessoal que quer deixar impressões em outras pessoas, maneiras de reflexões, desejos, críticas a sociedade, etc.

O grupo em debate chegou à conclusão de que a educação estética vem sendo constituída, por exemplo, desde as experiências que tivemos em sala de aula na infância.

Ela é algo que se constitui como elemento forte na nossa educação, mesmo que não esteja clara em nosso discurso, pois sempre teremos uma experiência com ela, seja na escola, seja nas manifestações populares da nossa comunidade, da nossa cultura. A diferença que a educação estética proporciona é uma chamada à necessidade de estarmos atentos e saber captar a beleza do cotidiano:

É verdade que a vida não necessita de artifícios para poder manter-se. O homem, no entanto, embeleza-a e adorna-se. Não aceita nem o seu próprio corpo como simples realidade natural, e a prova disso é que o enfeita. A tudo que é útil, vaso ou arma de guerra, acrescenta o colorido, a linha e a figura. Transforma o movimento em dança, o grito em canto, reproduzindo, pela imagem e pelo gesto, os objetos que mais o impressionam e que sente prazer em contemplar (NUNES, 1989, P.56).

Por mais simples que sejam, não devemos desconsiderar as vivências mencionadas pelos envolvidos na mediação. Nunes (1989), nos faz perceber essa vontade do homem em adornar-se e trazer o belo e o harmonioso para si. Ao exaltar as nossas experiências partilhadas e refletirmos criticamente sobre elas, somos levados a ter a percepção de que a formação estética se dá também através da experiência, como dançar, cantar, reproduzir sons, atitudes essas, próprias do cotidiano.

O convite para a educação estética que é desenvolvida no Museu é de elaborar uma reflexão crítica sobre como e porque estamos fazendo essa arte do cotidiano e entendê-la como um processo em constante formação, não como um produto pronto e acabado e que por meio da arte nós temos a possibilidade de aprender por elementos irracionais, no sentir, ouvir, olhar. Nesse contexto, o educador museal apresenta-se “como provocador de uma nova mentalidade visual, de provocar questões de estética, sem querer ficar pensando no belo” (ALMEIDA, 2009 p.44).

Por ser uma reflexão que não estamos acostumados a fazer, alcançar autonomia para nos libertar das exigências ou encaixes pode ser facilitado através da troca, do diálogo, da oportunidade de expressão em um debate ou oficina artística. É preciso liberdade para experimentar e criar, é preciso experimentar para exercitar a criatividade. Na experiência da oficina de pintura com aquarela, já exposta nesse trabalho, houve um movimento de desprendimento para que ocorresse uma prática artística produzida por pessoas que se julgavam incapazes de criar, porém, ao serem encorajados, na relação com

o outro e envolvidos pela energia do ambiente, no qual tudo era um convite a experimentar, o fazer artístico foi aos poucos tornando-se uma conquista de liberdade.

Arslan (2006), por exemplo, traz algumas orientações para o trabalho com leituras de obras de arte que facilitam esse processo, passando por etapas de sensibilização com a escolha da obra, a descrição da obra em seus aspectos formais, traços, linhas, cores e seus significados para a obra, logo depois a técnica utilizada e o que o autor quis expressar, referências utilizadas, quais as impressões pessoais que ela nos causa e, finalmente uma produção pessoal envolvendo o mesmo tema ou a mesma técnica.

Podemos ver, pelo esboço de um dos estágios apresentados, que na apreciação estética existe um facilitar da leitura. Ocorre a mediação como um exercício e, de fato, não se dá usualmente nas referências metodológicas, as quais estamos acostumados, como na escola, por exemplo, ou mesmo no nosso cotidiano. Existe, inclusive, além dos estágios de apreciação, uma linguagem específica, um novo vocabulário, no qual tanto mediador quanto mediados, irão aos poucos se acostumando e adquirindo conhecimentos no exercício da apreciação estética que acontece nas medições.

Diante dos receios e anseios dos participantes da oficina de aquarela mediada no MCC, também foi possível perceber a sensibilidade do educador esperada para guiar cada momento, desde o conhecimento necessário para acolher as diversas interpretações e fazer questionamentos, até a própria sequência metodológica para se explorar o máximo da apreciação estética.

Nesse contexto, mesmo trazendo uma bagagem estética, os educadores formam outros sujeitos quando se formam a si próprios, pois eles também fazem parte do processo educativo com relação de parceria, pois cada sujeito envolvido na mediação possui um repertório artístico e cultural rico guardado na memória, e a mediação permite a partilha, a contribuição. Inclusive, antes mesmo que os alunos ou participantes de uma mediação aprendam, o educador é o primeiro sujeito a educar-se, como exemplo é o envolvimento do educador na preparação de uma exposição, nas pesquisas, curadoria e modos de acessibilidade que a compõe, enfim, a adaptação à realidade do museu para receber seus visitantes.

4.2 INFLUÊNCIAS E DIFICULDADES NO TRABALHO DO EDUCADOR MUSEAL

Nos parece que as dificuldades sentidas no trabalho com a mediação são bem corriqueiras e com experiência e sensibilidade elas vão sendo superadas, percebemos a importância das linguagens do museu e como uma mesma exposição pode ser surpreendente e encantadora para diversas idades, complementa as autoras sobre as linguagens do museu:

Para quem fala o museu e como fala? Os museus falam para diferentes públicos e, de uma forma muito intensa, para os públicos escolares, os museus falam por meio de várias línguas e por meio de várias linguagens. E as linguagens, em suas anotações, seus ritmos, suas paragens (PEREIRA, 2007, p.12).

Outras dificuldades são sentidas e relatadas pelos educadores, não só relacionadas ao trato com o público infantil e à diversidade de público, mas também com relação ao comportamento dos professores que acompanham as turmas no museu e como os educadores fazem para superar essas dificuldades:

As dificuldades que eu sinto é às vezes o professor que não dá tanta atenção e a falta de material. O professor acha que o museu dá conta de crianças, e deixam as crianças com os “guias” do museu. Já aconteceu também do professor querer dar aula em vez de deixar nós fazermos a nossa mediação, então eu sempre pergunto se o professor irá dar aula ou quer que nós façamos a nossa mediação. Com a experiência a gente aprende que é preciso ter um diálogo com o professor, deixando claro que ele pode interromper para falar alguma coisa complementar, que isso não tem problema, e deixar claro que o professor não está ali para competir comigo, e esse diálogo faz com que o professor se aproxime mais do mediador (Educador 4).

As dificuldades de mediação acontecem de acordo com o público que vem ao museu, as escolas. O público, não está muito preparado para uma Educação Museal, acho que por conta desse debate nunca ter saído de dentro dessa bolha, então muitos deles não sabem o que é a Educação Museal, não sabem como contribuir nesse processo, então acaba sendo problemático isso, porque acabam achando que a gente é só mais um guia ou um monitor lá dentro do museu e que o que a gente tá fazendo ali não é uma aprendizagem, não é uma educação, então acaba dificultando o nosso processo (Educadora 1).

Portanto, outra dificuldade sentida é a formação do público do Museu. Dificilmente os professores realizam uma visita prévia ao museu para saber quais são as exposições disponíveis. Geralmente já fizeram alguma visita com outra turma na exposição de longa duração, a Vaqueiros, porém nem sempre ela está disponível para visitação e os professores acabam sendo pegos de surpresa. Como já estão no local com sua turma, não desistem da visitação, mas há um momento de frustração, até que este sentimento se dissipe para conectar-se com a exposição vigente.

O professor não é acostumado ao dinamismo da instituição, um dos motivos que fazem com que os cursos de mediação sejam importantes, para que professores de outras áreas possam se familiarizar com a dinâmica do museu e com uma outra concepção de aprendizagem, valorizando o potencial educativo daquele momento de visita.

A Educação Museal inicia-se no museu na tomada de consciência dos funcionários, da própria fundação e da importância desse espaço, mas deve alcançar também os professores e, embora sendo ainda de pouco acesso aos professores, visto que o maior público dos museus são as escolas. São feitas oficinas de mediações (em eventos como a primavera dos museus), em que o professor ou membros da sociedade em geral, interessados na cultura museológica, montam a sua própria mediação baseada no acervo do museu e, a partir desse exercício, conseguem compreender elementos importantes da Educação Museal.

A visita no museu guardada na memória, geralmente é de um monólogo entre o monitor e o visitante. Os educadores do MCC buscam desconstruir essa memória e estabelecer uma relação dialógica, na qual o tempo todo o aluno esteja interagindo com o educador. Porém, esse processo se dá gradativamente e é uma aprendizagem comportamental, tanto para os alunos quanto para os professores. Por esse motivo, mesmo colocando determinados comportamentos como prejudiciais ao bom aproveitamento das mediações, há também um entendimento por parte do educador para esse processo de desconstrução e renovação, pois, muitas vezes, ele próprio teve que fazer esse movimento internamente até formar-se educador.

Os setores internos da administração do museu também influenciam no trabalho do educador museal, uma gestão organizada reflete na organização do Núcleo de Ações Educativas. Sempre houve muita cobrança no Museu e a gestão, estando de alguma forma desorganizada internamente, atrapalha o fluxo de trabalho de todos. Um dos motivos apontados para tal desorganização é a falta de pessoal especializado no trabalho com museus nos setores administrativos. Muitas vezes não é o pessoal da área que está atuando nos setores administrativos, mas é preciso um tempo muitas vezes longo para pegar a experiência necessária da área museal e assim poder maturar o trabalho interno de maneira satisfatória.

A gestão do museu precisa entender o trabalho realizado pelo Núcleo de Ações Educativas, havendo uma afinidade entre gestão e o trabalho educativo desenvolvido no Museu. A instituição deve entender a perspectiva em que se trabalha a Educação Museal para orientar os professores, visitantes em geral e o trabalho interno do Museu. É preciso compreender de que forma a gestão e os educadores trabalham e é o Plano Museal que norteia o trabalho exercido para que, mesmo com a grande circularidade de educadores, não haja uma desconstrução do Núcleo de Ações Educativas.

A falta de pessoal especializado com o trabalho em museus também é um dos fortes motivos de captação dos educadores do MCC sobre mercado de trabalho em museus e áreas afins, como os Centros Culturais, Fundações e no próprio MCC. A formação que os educadores museais vivenciam os dotam de experiência que os auxiliam nesses outros espaços, carentes de uma mão de obra especializada.

Atualmente as pessoas que estão trabalhando na gestão do museu já possuem uma boa experiência, e o mais novo membro tem em torno de dois a três anos de experiência no processo administrativo ou em espaço cultural. Na realidade, ocorre no trabalho interno do museu uma função multitarefas, em que todos fazem muitas funções, sendo responsáveis por obrigações diversas e essa desorganização interna impacta no Núcleo de Ações Educativas. Portanto, é necessário o entendimento da dinâmica do museu por todos que nele trabalham, para que assim haja uma maior organização entre todos os setores.

Um exemplo de setor que influencia diretamente no desempenho do Núcleo de Ações Educativas é o Agendamento, trabalho imprescindível para que se possa agendar previamente uma visita ao museu e se tenha tempo hábil para que os educadores possam se organizar para receber o público específico que realizou o agendamento, bem como espera-se que, com a precisão de informações concedidas pelo atendimento através do telefonema para o Museu, o professor possa também se preparar, realizando um trabalho prévio de visita ao museu com seus alunos.

No processo do agendamento, além da reserva por telefone, o professor deverá responder, via e-mail, o Formulário de Planejamento de Visita aos Museus do Centro Dragão do Mar. No formulário, serão dispostas pelo visitante algumas informações básicas que irão auxiliar os preparativos do Núcleo de Ações Educativas para receber os visitantes, pois, conhecendo-os minimamente, as experiências serão melhor aproveitadas. Além das perguntas básicas sobre a instituição (se estadual, municipal, federal, pública ou privada, escola, universidade, ONG), endereço, informações sobre a turma como faixa etária e quantidade, museus e exposições que gostariam de visitar. Esse formulário deve constantemente ser atualizado, pois ele define as exposições que estão vigentes no momento, portanto nem sempre serão as mesmas.

O visitante responsável pelo agendamento também deverá responder cinco perguntas consideradas básicas pelo Núcleo de Ações Educativas: é a primeira vez que a turma vem ao museu ou como é a frequência de visitas da turma, se a visita faz parte do cronograma de alguma disciplina, se houve alguma preparação da turma antes da realização da visita, qual a expectativa em trazer os alunos ao Museu e se a visita auxiliará nos conteúdos abordados em sala de aula.

O que os educadores sentem é que a maioria dos professores não preparam as turmas para a visita ao museu, com um trabalho prévio relacionado aos temas das exposições. No Formulário de Planejamento de Visita há cinco perguntas para conhecer o professor e que tentam direcioná-lo a um planejamento, para que haja um trabalho de parceria entre Museu e Escola. Raramente há visitas direcionadas, com um tema específico definido pelo professor, em que se pode ser elaborado um Plano de Mediação de acordo com o tema delimitado pelo professor. O Formulário de Planejamento de Visita

e o Plano de Mediação são importantes ferramentas para o bom desenvolvimento do trabalho do educador museal.

A prática do agendamento evita também que ocorram mal-entendidos entre a escola e o Museu, pois alguns professores que não realizam o agendamento chegam ao museu para visitar uma exposição que já não está mais em cartaz, gerando uma temporária frustração que se prolonga até que se re programe as expectativas criadas em torno do que se pretendia visitar para se abrir as possibilidades que o Museu oferece.

Também é imprescindível o agendamento na questão de horários, para que não haja um choque de encontros entre diversos públicos, como ocorreu de já ter um grupo agendado e de repente chegar outro que não fez o agendamento. Quando isso acontece, os educadores distribuem os grupos nas diversas salas para que haja um revezamento no atendimento e para que todos possam visitar as exposições tranquilamente e confortavelmente, sem grandes lotações.

Os educadores estão sempre preparados para receber o público, mesmo no atendimento a grupos que chegam ao museu sem fazer um agendamento prévio, porém algumas vezes pode não haver disponibilidade suficiente de educadores para recebê-lo ou as mediações estarem acontecendo naquele instante com grupos escolares já numerosos.

Os diferentes pisos do museu facilitam com que vários grupos sejam atendidos, há uma rápida conversa entre os educadores, por meio de interfones, para que estes saibam o momento em que podem trocar de salas e fazer o atendimento de um outro grupo. Essas realidades e os desafios a serem superados fazem parte do cotidiano do Museu, que, com uma boa comunicação interna e com o agendamento prévio, são angústias que podem ser evitadas.

Também ocorrem casos de grupos não agendados que chegam no horário de troca de educadores. No momento paira a dúvida sobre quem irá assumir o grupo que chega, já que o educador que está disponível no momento não poderá dar seguimento a toda mediação e o que está para assumir no horário seguinte ainda não chegou ao local de trabalho.

O agendamento é, portanto, parte importante do trabalho do educador, pois facilita o preparo da mediação, direcionada tanto pela idade quanto pela quantidade de

peças, ou ainda por grupos e por objetivos de visita. Essa organização é feita de maneira que se possa ter maior aproveitamento do tempo, das exposições e dos espaços disponíveis no Museu.

4.3 INFLUÊNCIAS DO TRABALHO COMO EDUCADOR MUSEAL NA FORMAÇÃO DOCENTE E EXPERIÊNCIAS PARA ALÉM DO MUSEU

A infância e a juventude são atendidas dentro do modelo da educação escolar e, de um modo geral, os educadores de museus, embora com a formação em nível superior finalizada, adquirem com a Educação Museal vivências jamais imaginadas e nem previstas no currículo dos cursos de licenciatura. Essa constatação é vista através de depoimentos dos educadores museais que revelam uma mudança de postura com relação aos seus trabalhos como professores.

A investigação a respeito do interesse dos educadores pelo trabalho no Museu da Cultura Cearense se dá em especial com os que estão cursando licenciatura, pois estes, em sua futura profissão, ou mesmo os que já estão exercendo, irão lidar diretamente com a educação, com o processo de ensino-aprendizagem. Partimos do pressuposto de que os educadores atuam no Museu na função de um estágio extracurricular e que essa função contribui consideravelmente para sua formação docente.

A fala dos educadores representa dentro deste contexto a ideia do movimento, a ideia do voo em direção a outros locais além da escola. Essa simbologia retrata esse movimento entre o local de origem, que influencia os educadores com seus costumes e tradições, e a busca por conhecer novas realidades além da escolar. Além das quatro paredes da sala de aula e dos muros da escola e o que acontece “lá fora” rompe com um mundo que até então não havia sido apresentado a eles.

Juntamente a tudo o que foi conhecido depois de tantos voos, lugares, culturas, outras formas de vida, outras pessoas, vem também o desejo de partilhar, no ambiente escolar e no trabalho o que foi visto e aprendido. É o desejo de levar para outros jovens a oportunidade e a vontade de também romper barreiras na busca do conhecimento, pois isso os liberta do ciclo de aprendizagem já demarcado há tantos anos. Pode-se perceber nas seguintes falas dos educadores:

O estágio com certeza me possibilita uma prática de ensino, ele me prepara para lidar com diferentes tipos de educação, porque eu já tinha tido uma experiência em sala de aula, então eu posso fazer essas comparações. Porque quando você está em sala de aula, você tem um local fechado para aprendizagem, onde você tem certas limitações. O que não acontece no museu, tanto por ser um local fora daquele ambiente escolar, como os alunos se sentem mais à vontade. E você pode trabalhar as temáticas sem a seriedade da escola, da sala de aula, e pode tocar os alunos provocando eles de maneira que eles se sintam à vontade, para que eles falem, expressem as suas opiniões e falem coisas que na escola não podem ser faladas.

A Educação Museal é mais fácil de construir. Nós somos livres e somos provocados para criar e desenvolver a educação no museu. Então eu posso trazer propostas e coisas que talvez fossem muito difíceis de serem aceitas dentro da grade curricular de uma escola. A liberdade na Educação Museal de poder trazer oficinas, temáticas, o tempo, é melhor de se trabalhar do que a carga horária de uma escola, por exemplo. Trabalhar a sociologia dentro do museu e as suas diversas temáticas nos dá mais liberdade e mais possibilidades (Educatória 1).

A experiência acrescenta na formação docente, em relação a evitar de usar esse molde que a escola passa, esse molde quadrado que eu tenho que estar em cima de uma bancada, sentado em uma mesa, dando aula para uma galera enfileirada. No museu a gente deixava a galera mais à vontade, botava os alunos em círculo, sentava no chão junto com eles, conversava na mesma linguagem. Claro que hoje tem professores que também fazem esse tipo de coisa, esse tipo de ação, mas ainda assim a escola tem esse molde que não cabe mais. Então, isso acrescenta sim na minha formação docente, o professor também é um educador, também é um mediador, ele está ali para trabalhar determinado assunto e somar conhecimento. Hoje, a galera da juventude tem acesso à informação, também há muita besteira e muita informação errada onde a galera não tem um trato com fonte, de onde vem as informações e às vezes acabam falando qualquer besteira dentro de sala de aula. Então a figura do professor como mediador sobre determinado assunto também é importante e o que a gente vai saber problematizar um determinado assunto é uma experiência muito rica pra mim que sou historiador (Educatória 5).

A experiência de estágio nos museus acrescenta no meu repertório um olhar crítico, somado a um espírito inovador sob práticas educativas que remontam há séculos de tradição, mas que pouco se diversificaram e (pessoalmente) creio, apresentam sérias dificuldades em acompanhar as inovações tecnológicas, sociais e comportamentais dos seres humanos na contemporaneidade. Precisamos de uma educação edificante e não padronizante e imagino que um espaço que nos permite pensar/praticar maneiras alternativas de ensino, seja não apenas bem-vindo, como essenciais (Educatória 7).

No ensino regular, nós temos uma coisa mais fechada, mais enraizada do conteúdo, no currículo e em um padrão. No ensino dentro do museu, eu acho que ele expande mais os seus horizontes e te dá mais possibilidades de conteúdos, pois muitas vezes estamos falando de uma coisa específica, de uma exposição e de repente você está falando de outra coisa que tem tudo a ver com a exposição. Para dar uma ideia, em uma das exposições que eu mais gostei daqui foi a exposição da vida e obra do Fausto Nilo, que é o arquiteto daqui, do

nosso Dragão do Mar, e eu gostava muito, por que a vida dele tem muito a ver com a história de Fortaleza e a vida dele é pelo centro da cidade e praticamente pela história de Fortaleza. E a gente começava a falar da vida do Fausto Nilo e daqui a pouco a gente estava falando da vida toda de Fortaleza. E na Sala de aula a gente não expande muito, como a exposição nos possibilita. Não houve um aproveitamento do estágio no MCC na faculdade, mas na sala de aula sim. Pois eu utilizava muito a tradução das exposições (Educadora 8);

A fala dos educadores destaca a diferença entre um ensino fechado à criticidade, vigente nas escolas, e a educação museal, que possibilita o contato com as ideias de Paulo Freire e com a educação libertadora. Ela auxilia os educadores a perceber que estamos inseridos em diversas realidades e que estas nem sempre são como de fato se configuram, estão permeadas de contradições sociais, de desigualdades e desrespeito aos direitos fundamentais do homem.

Dessa forma, já não é mais possível se contentar com a simples aparência. É necessário unir o movimento de ensino-aprendizagem à transcendência, indo além da observação das contradições sociais. É importante observar como elas se configuram e desafiar as estruturas nas quais estamos inseridos, iniciando as mudanças a partir da tomada de consciência. Como por exemplo, em vez de lamentar a falta de saúde, a pouca instrução escolar, a alimentação escassa, a insegurança de trabalho, a violência em suas diversas formas de manifestação. É necessário entender o que provoca esses fatores que dificultam uma vida digna e impedem os explorados alcançarem a liberdade e andarem no rumo de uma sociedade mais justa.

Enquanto alguns tentam manter seus privilégios a qualquer preço, outros estão desanimados e apenas lutam por sua sobrevivência. É preciso dar aos sujeitos algo que os transforme e o tesouro que os educadores podem oferecer diante desses desafios é o conhecimento, é o despertar para uma educação mais crítica da realidade. Portanto, a experiência oferecida pela atuação no Museu da Cultura Cearense se mostra principalmente de caráter educativo, com utilização dos conhecimentos adquiridos e desenvolvimento de novos saberes para além da escola e de suas limitações físicas.

Outra experiência mencionada pelos educadores que merece atenção é a conclusão do estágio no Museu. A maioria dos estudantes fazem um trabalho de conclusão de curso na universidade e produzem um texto academicamente em forma de pesquisa. Os educadores do MCC também necessitam produzir conhecimento no estágio

e a solução para isso tem sido aproximar as reflexões de cada área, ou seja, os trabalhos finais dos estagiários também têm que estabelecer um tema de pesquisa, objetivos, metodologias e desenvolver uma pesquisa. Uma das propostas é aproveitar essa oportunidade e trabalhar durante a experiência formativa do Museu a pesquisa da universidade, utilizando isso para a conclusão do estágio. Exemplo: fazer pesquisa em um museu antropológico como o Museu da Cultura Cearense é uma maneira de preservação da memória e do afeto do povo que fez e faz a cultura, representa uma forma de apreender o saber de modo simples e festivo.

O Museu proporciona diversos momentos propícios a surgirem temas interessantes para os educadores, como o encontro com a juventude, a identificação de territórios, o saber tradicional e as vivências estimulantes que despertam os sentidos, o encontro com o diferente e a vivência e a experiência museal.

Outra proposta sugerida como conclusão de estágio é a produção dos diálogos culturais, um evento produzido pelo próprio educador que envolve a temática da tradição e da cultura social popular do Ceará, expressas por objetos e exposições, palestras e pesquisas que marcaram o educador durante o seu processo de formação.

O Coordenador do Núcleo de Ações educativas declarou que é possível obter um bom resultado no diálogo com o museu, a filosofia e a artes. Os estudantes de filosofia desenvolveram uma postura muito positiva como mediadores, pois eles são amplamente reflexivos e produzem grandes discussões. Porém, é necessário cuidado, pois também produzem discussões muito difíceis, profundas demais para determinados tipos de público. Com os estudantes do curso de filosofia da Universidade Estadual do Ceará-UECE, foi possível produzir uma exposição em parceria com um grupo de estudos da própria universidade, que culminou com uma exposição artística de estudantes de filosofia. Foi uma experiência única, até então, no trabalho do Núcleo de Ações Educativas com os educadores e a Universidade.

Outro bom resultado a ser destacado foi o realizado em parceria com os estudantes da Unilab, pois se tem experimentado o diálogo entre as identidades do museu e da Universidade, observando o que têm em comum com a cultura popular cearense e a etnicidade. A vivência envolveu os cursos de bacharelado em Humanidades e a

experiência com a produção audiovisual que os alunos trazem de lá, que permitiu a criação de um projeto de cineclube, algo inédito no MCC. Ou seja, vimos que experimentar o novo proporciona uma abertura do museu para novos projetos, novos olhares, aproveitando o acervo que se tem disponível ou mesmo criando novos acervos.

As atividades finais de estágio proporcionam ao educador a possibilidade de trazerem a realidade da universidade para o museu e vice-versa. Acontece no contato com outros estudantes e com os professores universitários, através dos projetos e dos Diálogos Culturais que os educadores promovem e convidam a participar. Sobre a expansão de aprendizagens a educadora comenta:

A Educação Museal é para além das experiências que a gente tem dentro do museu, porque o museu não é só aquelas paredes, mas tem toda a questão do patrimônio que existe para além daquilo. Então, ações como o Museu Vai à Escola, por exemplo, ações que a gente faz fora dos muros do museu também ajudam a gente a entender como que essa educação funciona. Então eu acho que para eu me formar uma educadora museal, as sensações fora daqueles muros foram de extrema importância para a minha formação. Eu não seria a mesma pessoa se eu tivesse ficado ali, só dentro do museu, só pensando e mediando. A Educação Museal também não é só mediar, engloba várias outras ações (Educadora 1).

A atividade final de estágio é também uma maneira de dinamizar a formação dos educadores às atividades que o Museu oferece ao seu público e de trabalhar com prazos e datas para as produções. Nessa atividade é possível perceber o amadurecimento dos educadores, no sentido de que estes demonstram maior segurança na atuação como educadores, pois é uma atividade totalmente produzida e conduzida por eles, com autonomia e contando com o apoio do Núcleo de Ações Educativas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elaborarmos as considerações finais da investigação, foi necessário retomar o objetivo desta pesquisa, que foi compreender o trabalho de formação de educadores museais realizado no Museu da Cultura Cearense, tomando por base documentos oficiais, depoimentos e práticas dos educandos. Na busca de atingir esse objetivo, elegemos, como etapas, primeiro a caracterização das ações formativas do MCC, no contexto da Política Nacional de Educação Museal. Em seguida, discutimos de que forma o interesse pela identidade do MCC e as condições de trabalho interferem na formação dos educadores e, por fim, realizamos um trabalho atento para que pudéssemos descrever criticamente as ações educativas realizadas no MCC, observando de que modo elas contribuem e qual o efeito para a formação de seus educadores.

Acreditar nos educadores do Museu da Cultura Cearense e no seu potencial de provocadores de mudança nas metodologias de ensino, de inquietações em um período de construção de identidade do público principal do museu, que é o escolar e o público em geral, faz com que a proposta pedagógica do MCC se torne imprescindível. Esta oferece elementos formais e bem estruturados para que os educadores sejam agentes da mudança em uma nova prática de constituição de público, não só nos museus do Instituto, mas em relação a uma nova cultura de Educação Museal.

Em relação ao objetivo mais amplo, o que podemos apontar como compreensão da formação de educadores museais do MCC é que ela se dá através de elementos teórico-práticos espécie de práxis educativa. Isso se deu através de um processo de elaboração de um perfil formativo dos sujeitos investigados, bem como de um elenco de ações educativas realizadas no MCC. Observamos que as ações, embora tratem de uma política de formação específica, seguem orientações da Política Nacional de Educação Museal, buscando suprir a carência de mão-de-obra especializada para o trabalho em museus.

Observamos que o conhecimento das formações do MCC envolve história, memória afetiva e reflexão sobre a realidade do patrimônio cultural local. Esse saber está em consonância com a Política Nacional de Educação Museal e se pauta nas ideias de

educação de Paulo Freire. Destaca-se, principalmente, o uso do diálogo e da troca de experiências, cultivados entre os educadores. Há também uma busca de conscientização que envolve o trabalho educativo no cotidiano da prática, pois as visitas são diálogos compartilhados entre o educador e o visitante, com o uso de questões para despertar o envolvimento de todos. O que cabe aos educadores é adequar essas questões ao perfil do público em atendimento, assim como conhecer as obras das exposições, a fim de estabelecer um diálogo entre elas.

O encontro de gerações de educadores, veteranos e novatos, também favorece a troca de experiências. Percebe-se, principalmente na observação das mediações e discussão de avaliação e aprendizagem, que a troca de experiências é um ponto forte da formação. Outro elemento importante das ações formativas é o grupo de estudos que funciona com encontros mensais. Nele acontece o que se denomina “protagonismo dos educadores”, no qual cada um traz material de estudo de acordo com sua área de formação acadêmica. O objetivo é a partilha e a ampliação de conhecimentos sobre temas pertinentes às exposições e ao público de museu, com reflexões sobre a expansão do olhar, trazendo também possibilidades de diferentes mediações sobre uma mesma exposição.

A partilha envolve ainda a socialização das atividades práticas vivenciadas e produzidas no incentivo à escuta e ao respeito, que desenvolve valores necessários à profissão com uma postura de acolhimento aos desejos e experiências do outro. A própria articulação entre os saberes pedagógicos e científicos prioriza a dimensão teórico-prática da mediação e da pesquisa. Essa partilha favorece aos educadores um leque de estratégias a serem utilizadas diante das adversidades que surgem no cotidiano do trabalho.

Outro fator importante na formação é o trabalho em equipe, tanto o que é elaborado entre a coordenação do núcleo educativo, quanto o que é feito entre os educadores e os outros setores, pois essa dinâmica permite que os integrantes do MCC entendam a identidade do educador museal e as especificidades de suas funções.

Configuram-se como sendo parte do processo de formação dos educadores atividades como o próprio processo seletivo dos educadores e suas etapas; conhecer o centro Histórico o entorno do CCDM e a realidade de outros museus; acompanhamento

do trabalho de educadores mais experientes/trabalho em equipe; participação nos projetos educativos do Museu; formações mensais com o Núcleo de Ações Educativas; participação em cursos promovidos pelo MCC e outras instituições, acompanhamento do trabalho de curadoria das exposições e preparação para as mediações; contato com os artistas que estarão expondo; mediações com diferentes públicos; atividade de conclusão de estágio

Observamos que as investigações individuais e coletivas na preparação para as mediações consistem importante etapa das formações no MCC, pois, através delas, os educadores adquirem autonomia para elaboração dos planos e experienciam elementos de uma educação crítica e reflexiva.

Portanto, constata-se que o tempo de estudo é uma preparação para o exercício da educação museal, de forma que há o desenvolvimento da afinidade com a escrita e com as metodologias de pesquisa. Todo conhecimento produzido através da pesquisa museal é aplicável de imediato no cotidiano das mediações.

Observou-se nos discursos dos investigados uma busca por agregar conhecimentos da mediação, que combina aprendizagens, formação e elementos de observações pessoais. Isso acontece de modo autônomo e articulado pelas necessidades de trabalho do cotidiano no MCC e em outros espaços. No decorrer do estágio, os educadores conseguem perceber diferenças marcantes entre a didática utilizada no museu e as lembranças que trazem da didática escolar, além das experiências que possuem em outros ambientes de trabalho. Isso corresponde ao interesse inicial de obter uma experiência com diferentes perspectivas da educação, sendo uma mais crítica e que possibilite o pensamento autônomo.

Em síntese, podemos dizer que os conhecimentos dos educadores vão sendo acumulados através de experiências do próprio trabalho ao longo do estágio, seja dentro do museu - nos cursos, formações, pesquisas e mediações -, seja nos espaços culturais do CCDM e ao seu redor, no diálogo com as pessoas que o frequentam e em outros locais que disponibilizam cursos com temas afins da museologia. Diante da escassez de estudos que possam delinear as características da educação museal e dos seus processos

comunicacionais e educacionais, torna-se imprescindível a inserção de pesquisadores da educação nos museus, como forma de fortalecer e contribuir nesta área.

Para finalizar, destacamos o esforço, por parte do MCC e de seus integrantes, no sentido de favorecer a formação de pessoal para atuar numa educação museal de qualidade. Contudo, constata-se que o fato do MCC trabalhar com a formação museal, na perspectiva de estágio, sua ação sofre descontinuidade, na medida em que esse estagiário, ao se formar, deixa o MCC, que passa novamente a promover a formação com um novo estagiário, que, desde então, vai começar a atuar como mediador. Observa-se que o trabalho do MCC tem uma continuidade com a chegada de uma nova turma, já que o processo de formação de educadores museais estará sempre em constante recomeço e descontinuidade. Nesse sentido, reconhecemos a qualidade da formação oferecida como um esforço necessário para suprir o MCC de mão-de-obra qualificada. Porém, esse esforço deveria também desobrigar o MCC de buscar alternativas - como a oferta de cursos específicos em nível técnico e superior para os educadores museais - com as instituições de ensino, a exemplo das que existem para o setor de turismo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício**. São Paulo: Unesp, 2009.
- ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. **Arte: estudo e ensino**. São Paulo: Thomson Learning, 2006. (Coleção ideias em ação)
- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **Ver depois de olhar: a formação do olhar dos professores para os desenhos das crianças**. São Paulo: Cortez, 2014.
- BARCELLOS, Jorge. O memorial como instituição no Sistema de Museus: conceitos e práticas na busca de um conteúdo. In: BARCELLOS, Jorge. **Versão modificada da palestra apresentada no Fórum estadual de Museus**. Porto Alegre: [s.n.], 1999. p. 1-21.
- BARBIERI, Stela; BAROUKH, Josca Ailine. **Interações: onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2004, p. 13-23. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books>> Acesso em: 17 jun. 2019.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Ed., 1994.
- BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. Desafios e perspectivas para educação museal. **Revista Museologia e interdisciplinaridade**, v. 6, n.12, jul/dez, 2017.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. **A função social dos museus**. Aracaju: UFSE, 2007.
- CARVALHO, Gilmar de. **Tramas da cultura: comunicação e tradição**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005.
- INSTITUTO DE CULTURA E ARTE DO ESTADO DO CEARÁ. **Plano Museológico Memorial da Cultura Cearense** Fortaleza: Centro Dragão do Mar, 2009.
- CURY, Marília Xavier. Educação em museus: panorama, dilemas e algumas ponderações. **Ensino Em Re-Vista**, v. 20, p.13-28, jan/jun.2013.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980

GHEDIN, Evandro. Franco, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: Ibram, 2018.

_____. **Política Nacional de Educação Museal**. 2017. Disponível em <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Documento-Final-PNEM1.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2019

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília: Ministério da Cultura; Iphan, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?**. São Paulo: Cortez, 1988.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. **Introdução ao estudo da escola nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. Rio de Janeiro: E.P.U, 2017

LUKÁCS, Georg. **Estética 1**: la peculiaridad de lo estético. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1982.

MARTINS, Luciana Conrado. Como é criado o discurso pedagógico dos Museus? Fatores de influência e limites para a educação museal. **Revista Museologia & interdisciplinaridade**, v. 3, n. 6, mar/abr. 2015.

MAKOWIECKY, Sandra, Ramalho; Oliveira, Sandra (Orgs.). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves. **O processo de pesquisa: iniciação**. Brasília: Plano, 2002.

MUYLAERT CJ, Júnior VS, Gallo PR, Neto MLR, Reis AOA. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev Esc Enferm.**, v. 48, n. 2, p. 193-199, 2014. Disponível em: <www.ee.usp.br/reeusp/>. Acesso em: 17 jan. 2019.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987

PEREIRA, Júnia Sales; SIMAN, Lana Mara de Castro; COSTA, Carina Martins; NASCIMENTO, Silvania Sousa do. **Escola e museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Cefor, 2007

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Monica Costa Neto. São Paulo: EXO experimental, 2005

SOUZA, Icaro da Silva. **Projeto Museu vai à escola**. Fortaleza: Instituto Dragão do Mar, 2008

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TELLES, Ângela Maria C. M. **Mostrar, estudar e celebrar: apontamentos sobre a história das atividades educativas no Museu Histórico Nacional**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1997.

TRILLA, Jaume; GHANEM, Elie; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação Formal e Não-Formal: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008 (Coleção Pontos e Contrapontos).

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.